

ÁLVARO JOSÉ BARBOSA

RECUPERAÇÃO DA CERCA DO
CONVENTO DE CRISTO
EM TOMAR



74 138

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM RECUPERAÇÃO
DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA, 1995

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao incentivo e acompanhamento metodológico do meu orientador Professor Gonçalo Ribeiro Telles, a quem estou muito reconhecido.

São merecedores da minha gratidão, pelas diversas ajudas e estímulos, as seguintes pessoas e entidades:

Presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Professor Doutor Arquitecto Nuno Santos Pinheiro. Director do Curso de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora, Professor Doutor Arquitecto Virgolino Ferreira Jorge. Instituto Nacional para a Conservação da Natureza, na pessoa da Directora do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, Architecta Paisagista Maria João Botelho. Arquitecto Paulo Correia, do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Serviços da Divisão de Inventário da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquitecto Paisagista João Mateus. Dr. Manuel Joaquim da Gandra. Miguel Ribeiro, da Mata Nacional dos Sete Montes. Teresa Oliveira Godinho e Rui Ferreira, do Convento de Cristo. Minha esposa, Maria de Fátima Barbosa.

ÍNDICE

- 1- INTRODUÇÃO À PAISAGEM HISTÓRICA DA REGIÃO
 - 1.1- A ESCALA PLANETÁRIA E O TERRITÓRIO PORTUGUÊS
 - 1.2- A REGIÃO DE TOMAR, FORMAÇÃO GEOLÓGICA
 - 1.3- VEGETAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E HISTÓRICA
 - 1.4- OCUPAÇÃO HUMANA DA PRÉ-HISTÓRIA À FUNDAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL

- 2- O SÍTIO DE TOMAR

- 3- A CERCA DOS SETE MONTES
 - 3.1- REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE O LUGAR, DO SÉCULO XIV AO SÉCULO XVI
 - 3.2- A CERCA CONVENTUAL NA "LUSITÂNEA TRANSFORMADA"
 - 3.3- A CERCA CONVENTUAL, DOS FINAIS DO SÉCULO XVI AOS FINAIS DO SÉCULO XIX

- 4- CERCA CONVENTUAL VERSUS MATA NACIONAL

- 5- ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA PAISAGEM
 - 5.1- A PAISAGEM DA QUINTA DOS SETE MONTES - CERCA CONVENTUAL
 - 5.2- A PAISAGEM DA QUINTA DOS SETE MONTES - MATA NACIONAL
 - 5.2.1- O COBERTO VEGETAL ATÉ 1938
 - 5.2.2- AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM A PARTIR DE 1938 E ATÉ 1958
 - 5.2.3- AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM ENTRE 1958 E 1968
 - A) COBERTO VEGETAL
 - B) ESPAÇOS DE LAZER
 - 5.2.4- AS INTERVENÇÕES NA MATA, DESDE 1968 AOS NOSSOS DIAS
 - A) VEGETAÇÃO
 - B) PERCURSOS
 - 5.2.5- OS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS, SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO MURADO, ENQUADRAMENTO E CONSERVAÇÃO
 - A) A MURALHA DO CASTELO
 - B) AQUEDUTO DO CONVENTO DE CRISTO
 - C) CHAROLINHA
 - D) TANQUE DA CADEIRA D`EL REI
 - E) TANQUES DO VALE DA RIBA FRIA
 - F) FONTE DA GRUTA
 - G) FONTE DOS JASMINS
 - H) LAGAR DA CERCA
 - I) MURO DA CERCA

- 6- CONCLUSÃO, "GENIUS LOCI"
- 7- PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO DO LUGAR DOS SETE MONTES DE TOMAR
- 7.1- PAISAGEM PROTEGIDA
- 7.2- RECUPERAÇÃO DA CERCA CONVENTUAL
- A) O OLIVAL
 - B) A MATA DO CARVALHAL
 - C) O VALE DA RIBA FRIA
 - D) RECUPERAÇÃO DA REDE DE ÁGUAS SEISCENTISTA
- 7.3- RECUPERAÇÃO DA "MATA DE RECREIO" DO SÉC. XX E SUA CONCILIAÇÃO COM O CARÁCTER HISTÓRICO DO LUGAR
- A) O COBERTO VEGETAL
 - B) FONTE DOS JASMINS E FONTE DA GRUTA
 - C) OS EIXOS PANORÂMICOS
 - D) O PARQUE DE MERENDAS E O PERCURSO
- 7.4- RECUPERAÇÃO DAS RELAÇÕES PAISAGÍSTICAS ENTRE PATRIMÓNIO CONTRUÍDO E O COBERTO VEGETAL
- A) A CHARNEIRA ENTRE O CASTELO/CONVENTO E A CERCA CONVENTUAL
- 7.5- ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS DA CERCA CONVENTUAL
- A) O LAGAR DA CERCA
 - B) TANQUE DA CADEIRA D`EL REI
 - C) TANQUE DA CHAROLINHA
 - D) O AQUEDUTO CONVENTUAL
 - E) O MURO DA CERCA
- 7.6- ENTRE A CERCA E O CONVENTO
- O POMAR DO CASTELO E A HORTA DOS FRADES
- A) O POMAR DO CASTELO
 - B) A HORTA DOS FRADES
- 7.7- DAR FUTURO AO LUGAR DOS SETE MONTES
- RENOVAÇÃO DA VIVÊNCIA DA CERCA DO CONVENTO DE CRISTO
- A) PERCORRER O ESPAÇO DA CERCA CONVENTUAL
 - B) O RECONHECIMENTO DOCUMENTAL DO CONJUNTO MONUMENTAL
 - C) LIGAR O CONVENTO E O CASTELO À CERCA
 - D) A CULTURA DO AZEITE
 - E) REAFIRMAR PUBLICAMENTE A UNIDADE DO CONJUNTO

- NOTAS AO TEXTO

- ÍNDICE COMENTADO DAS ESTAMPAS (COM INDICAÇÃO DE AUTORIA DAS FOTOGRAFIAS E DESENHOS CEDIDOS)

- BIBLIOGRAFIA

1 - INTRODUÇÃO À PAISAGEM HISTÓRICA DA REGIÃO

1.1 -A ESCALA PLANETÁRIA E O TERRITÓRIO PORTUGUÊS

A origem do território português reporta-se à Era Secundária (Mesozóico), quando se dá a fractura da massa emersa do Planeta, originalmente agrupada num único continente: a Pangea. Essa fractura decorre durante o segundo período do Mesozóico, o Jurássico, há cerca de duzentos milhões de anos. O supercontinente da Pangea dará origem às diversas placas continentais que iniciarão um afastamento progressivo entre si: é a deriva dos continentes.

Este afastamento provocará, no litoral da Meseta Ibérica, a entrada gradual de braços de mar, dando origem a mares interiores, com os sucessivos ciclos de avanços e recuos do nível das marés intercontinentais, (houve três grandes ciclos durante o Mesozóico; um no Jurássico e dois no Cretácio).

1.2- A REGIÃO DE TOMAR. FORMAÇÃO GEOLÓGICA

No período Jurássico, foi a região de Tomar parte integrante de um grande mar interior. Este mar era uma sucessão de lagos que começava em Sintra, e por Alenquer se estendia à região de Tomar, bordando o enrugamento do sistema orográfico central da Meseta Ibérica, desde Montejunto a Guadarrama, estendendo-se pelos vales do Sôr e do Raia até aos contrafortes dos montes Toledanos, para a seguir, atravessando o noroeste do Baixo Alentejo, ir confinar--se na região do Cabo de Sines (1).

O Vale do Nabão, era então uma baixa desse mar de clima tropical. Escavações levadas a cabo a noroeste deste vale, junto ao grupo de morros da Freguesia da Pedreira, trouxeram a descoberto um fóssil de réptil, bem como diversos fósseis zoomórficos e fitomórficos dessa recuada Era (2). Ainda hoje, passeando pelos morros da Pedreira, facilmente encontramos fósseis de amonites que os cortadores de pedra rejeitaram aquando da extração de calcáreo para a construção.

Com a subida da Meseta Ibérica, esse mar interior recuou, originando a formação de lagunas pantanosas que durante o cenozóico, foram secando para dar lugar às terras baixas das lezírias do Tejo e do Sado, e às Várzeas do Nabão.

O carácter pantanoso das Várzeas do Nabão, conhecido nos primórdios de Portugal, advém porventura deste remoto passado geoclimático. O certo é que os primeiros Reis de Portugal, para propiciarem a fixação de povoações nesta região, realizaram grandes obras de assoreamento do Nabão, o qual, era então um rio de leito instável, pródigo na formação de mouchões e paúis.

Orográficamente, o Vale do Nabão, surge na confluência do Maciço Antigo a nascente, representado pela Serra de Tomar; com o Maciço do Jurássico a poente e a norte representado pela Serra da Sabacheira (extremo nordeste do Sistema Montejunto - Serra d' Aire). Daí a diversidade da paisagem colinar do Vale do Nabão: a nascente, de relevo suave, por vezes com a fisionomia da planície; a norte/poente de relevo acentuado e com fraca extensão orográfica o que dá à paisagem a expressão de agrupamentos de morros, alguns, com cabeços proeminentes. Para sul o Vale do Nabão desce para se juntar ao do Zêzere na Bacia Hidrográfica do Tejo.

*Ver plantas;
figura 1 e
figura 2*

1.3 - VEGETAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E HISTÓRICA

No primitivo coberto Florestal da região dominava o "Quercus Faginea" (Carvalho Cerquinho) acompanhado pelo "Quercus Rotundifolia" (Azinhreira), e pela "Olea Europea" (Zambujeiro ou Oliveira Brava). Tratava-se de uma região de transição entre o Carvalho Atlântico e o Carvalho Mediterrânico (3).

Também, climaticamente, esta região é de transição, variando a flora entre os tipos Atlântico e Mediterrânico. Ainda hoje a norte/nascente do concelho, - região do maciço Antigo,- encontramos vestígios da flora climax ordenada pelo "Quercus Pyrenaica" (Carvalho Negral); enquanto no centro e sul/poente da região a flora climax é ordenada pelo "Quercus Faginea".

A partir da ocupação da península pelos Romanos a flora climax foi sendo gradualmente, amputada do meio biofísico pela cultura da oliveira e durante o período histórico que vai da formação de Portugal até ao primeiro lustre do século XX, a cultura do olival não mais fez que aumentar. A partir dos anos cinquenta assiste-se à regressão do olival pela invasão da figueira, pinheiro bravo e posteriormente pela invasão do eucalipto.

1.4 - OCUPAÇÃO HUMANA DA PRÉ-HISTÓRIA À FUNDAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL

A norte da Região, nas enseadas do Vale do Nabão, são abundantes as indústrias do sílex do Paleolítico e por ventura estão estas na origem primeira da erosão da flora climax, dadas as necessidades de consumo de madeira para a confecção de pontas de lanças, de setas e machados (4).

Também nessa região são numerosos os vestígios da cultura castreja, denunciando assim a grande riqueza cinegética da região, topónimos como Vale da Ursa, Vale de Lobos, Vale Cabrito, Castelo do Bode, Cabril, Zebreira, Vale de Zebra e outros, testemunham desse facto. Viviam assim as primitivas populações essencialmente da caça.

Com a ocupação Romana, a região passa a ser palco da actividade agrícola como o testemunham os vestígios arqueológicos das Vilas Romanas de Caldelas e Cardais, respectivamente a poente e a sul de Tomar e do importante centro urbano, com Forum e Templo, implantado na pequena planície que se eleva na margem nascente do Rio Nabão e que escavações arqueológicas da última década referem como sendo a cidade de Sellium (5).

*Ver
Fotografia 1*

A invasão Visigótica do século VI vem destruir a cultura Romana da região. As Vilas e povoados são arrasados e os Godos estabelecem acampamentos estratégicos no cimo dos montes. Até à sua conversão ao Cristianismo no século VII, estes povos, pela sua natureza nómada e guerreira vivem essencialmente do saque, da caça e da pastorícia; a implantação dos Beneditinos na região vai iniciar o seu processo de sedentarização, de aculturação à vida agrícola e à organização social da Igreja Católica Romana.

Assim os acampamentos são organizados em freguesias; a vida rural recomeça e os Godos convertidos fundem-se com a população Romana remanescente. Desta época é testemunha a lenda da mártir Santa Iria (6).

*Ver
Fotografia 2*

Com as invasões muçulmanas do século VIII, as populações bárbaro-cristãs vão gradualmente abandonando a região, à procura de lugares mais seguros e a cultura cristianizante, da região, desaparece para dar lugar à ocupação da civilização muçulmana por mais de trezentos anos.

Embora a reconquista do território além Mondego, para o Reino de Portugal, tivesse destruído grande parte da cultura mourisca, alguns vestígios dessa civilização perduraram na região de Tomar; é o caso dos sistemas de irrigação agrícola com as suas famosas noras de elevação de água (a Roda do Nabão) os moínhos de vento, o tijolo árabe e processos constructivos arabizantes.

Mas as lutas entre bárbaro-cristãos e muçulmanos, vão transformar durante trezentos anos esta terra, numa terra de ninguém, porquanto ela é palco sucessivo de lutas de posse entre os Caídes de Santarém e os Condes de Aquem-Mondego.

No tempo do Condado Portucalense, D. Teresa, viúva do Conde D. Henrique e mãe do futuro Rei de Portugal, doa aos Templários várias terras além Mondego: o Castelo de Soure e a terra entre Leiria e Coimbra. Mais tarde Afonso Henriques doa aos Templários uma região mais a sul, conhecida por Termo de Ceras que pega a norte/nascente com o Termo de Alvaiázere, (Rego da Murta), e estendendo-se pela margem direita do rio Zêzere, até ao Tejo - por Almourol, - incluía a área da bacia hidrográfica do Nabão - ao tempo denominado Tomar (7).

Ficam assim os Cavaleiros Templários senhores de um vasto domínio que desde Soure, se estende até ao Tejo.

Na região de Tomar, estabelecem os Templários a sua casa mãe em 1160. Lê-se o seguinte depoimento num inquérito de 1317, mandado fazer por D. Dinis:

. . . " À Ordem do Templo, inquirição porque se mostra quem primeiro edificou e obrou o Castelo e Vila de Tomar, e como lhe foi posto este nome de Tomar" . . . , . . ." um monteiro que andava a seu monte matando a sua caça com suas linhas dissera ao Mestre D. Richaldo que povoava Ceras, que havia boas águas em um lugar e que havia aí Igreja do tempo antigo que estavam aí feitas. E que o Mestre e os Freires vieram àquele lugar, convém a saber, onde agora está Santa Maria de Tomar e acharam que fora já povoado de antigo e que então dissera o dito Mestre: já aqui foi cidade antiga e foi destruída de mouros e se povoassemos aqui seria fraco lugar para os mouros porque era terra chã; e que então o dito Mestre mandou lançar sortes sobre três cabeços que além do rio havia, e lançaram as sortes por 3 vezes e que por 3 vezes caíra a sorte naquele monte onde agora se vê o Castelo de Tomar, e que então acordaram em povoar nesse monte. E nisto o dito Mestre passando para onde povoar aquele cabeço, aqueles que iam diante dele acharam um porco montês e que então começaram de dizer: Toma-lo! Toma-lo!

E que então o Mestre chegou e achou o porco morto e disse que ali houvesse nome o dito cabeço Tomar.

E que então o dito Mestre Richaldo começou a povoar o dito cabeço. E que povoando-se que veio o Mestre D. Gualdim Pais e fez o Castelo; e depois deu foro aos povoadores." (8).

Ver
Fotografia 3

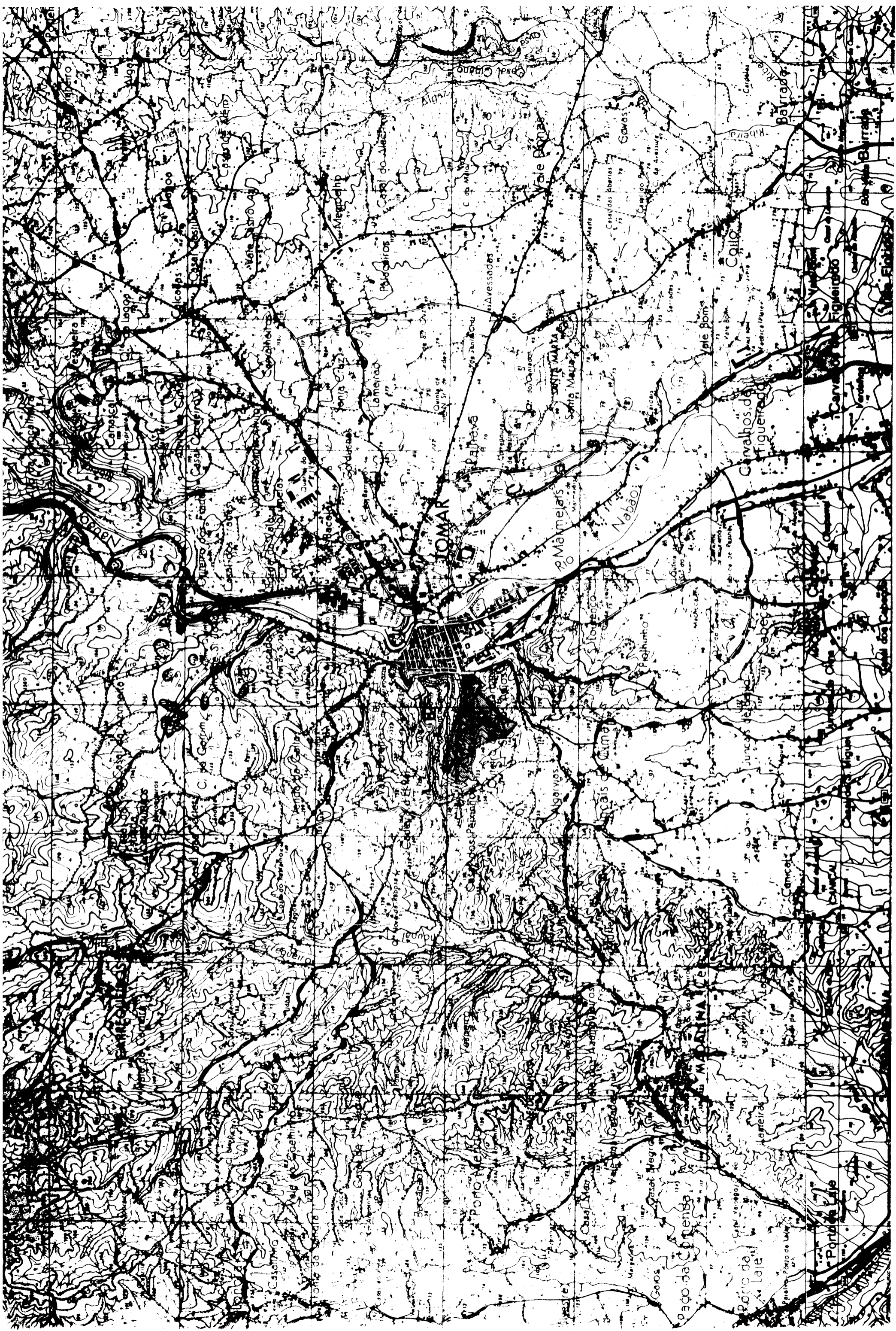
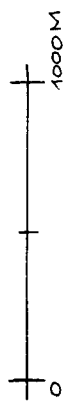
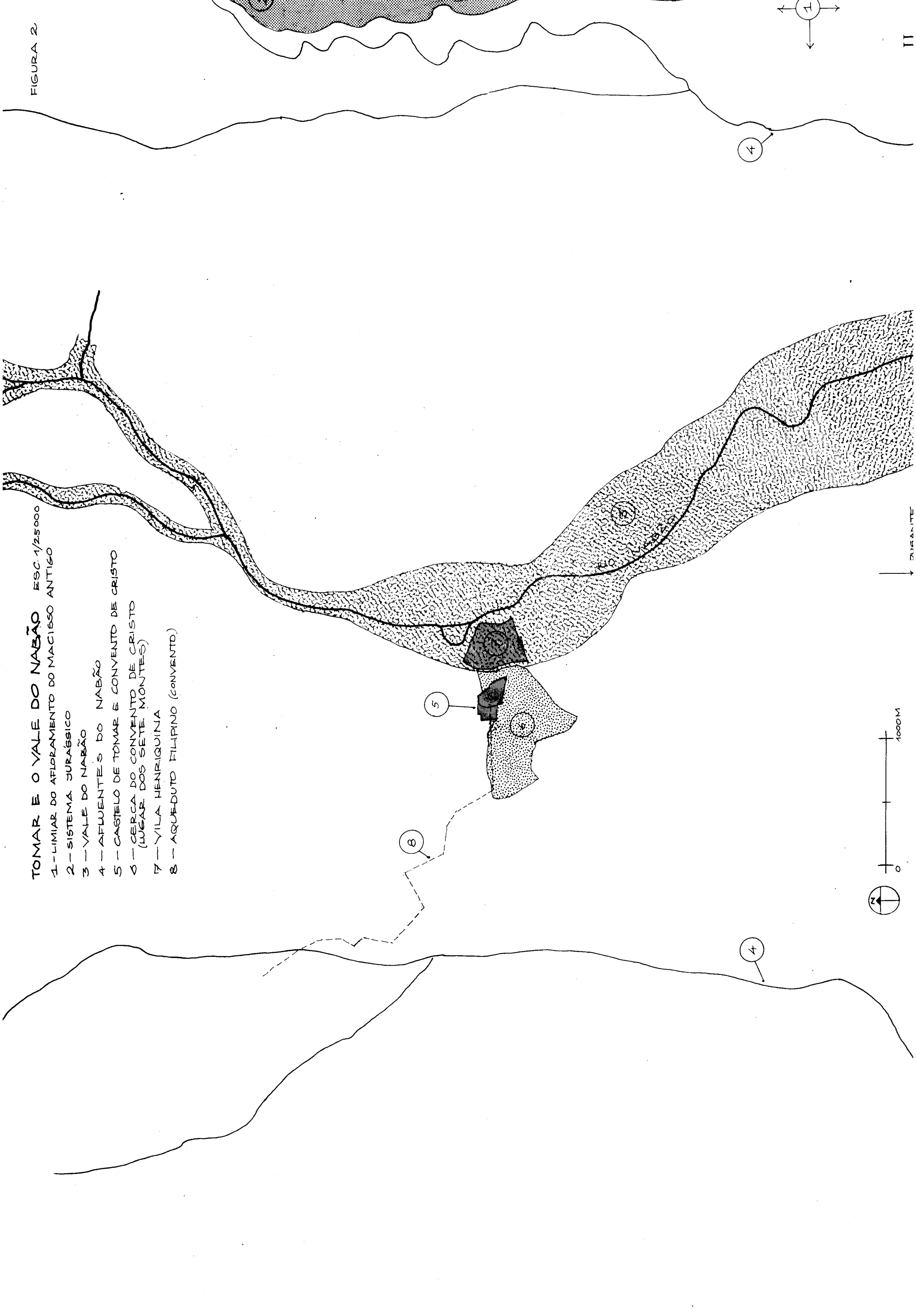


Figura 1. Tomar e a região envolvente. Escala 1/25 000.



TOMAR E O VALE DO NABÃO ESC. 1/25000

- 1 - LIMAR DO AFLORAMENTO DO MACISSO ANTIGO
- 2 - SISTEMA JURÁSSICO
- 3 - VALE DO NABÃO
- 4 - AFLUENTES DO NABÃO
- 5 - CASTELO DE TOMAR E CONVENTO DE CRISTO
- 6 - CERCA DO CONVENTO DE CRISTO (LUGAR DOS SETE MONTES)
- 7 - VILA HENRIQUINA
- 8 - AQUEDUTO FILIPINO (CONVENTO)



DUGANITE



Fotografia 1.
Pedra do "GENIO MUNICIPI", Torre de Menagem do Castelo Templário de Tomar.



Fotografia 2.
Ornato Visigodo, Torre de Menagem do mesmo castelo.



Fotografia 3.
A caça ao porco montês, Capitel da Igreja de S. João Baptista em Tomar. (Século XIV).

Os montes de Tomar, eram ao tempo da fundação do Reino, tão pródigos em floresta espontânea que o porco montês ali abundava, ao ponto de se fazer lenda da sua caça como carisma do lugar.

Os "três montes" sobre os quais "lançaram sortes", são, juntamente com os cabeços subjacentes, a unidade de paisagem que define o lugar, em relação à região envolvente. Tal como o vale do Nabão, orientam-se no sentido norte/sul, alinhados na margem poente deste rio.

O monte do Castelo é o do extremo norte/nascente do conjunto. É também aquele de relevo mais acentuado, e sendo ladeado a norte e a sul de dois vales fundos, era também o que melhor se prestava a uma ocupação militar em termos de defesa estratégica.

Era pelo vale sul que se fazia a entrada no Castelo, cuja porta ainda hoje é conhecida por porta de "Almedina", que em árabe quer dizer "à cidade". Com a fundação do Castelo de Tomar surge a primeira grande transformação da paisagem: A transformação do monte em cidadela fortificada, organizando uma nova unidade de paisagem, formada pelo cabeço murado.

Ver
Figura 3A

Segundo os preceitos de estratégia militar toda a vegetação circundante "distante até um tiro de besta" (9), fora eliminada por questões de defesa. Surgiu assim na paisagem um monte despido do seu coberto vegetal coroadado por uma cintura amuralhada.

Verosimilmente, os montes vizinhos devem, pela mesma estratégia, ter sido mantidos descobertos de vegetação, durante as décadas de incursões muçulmanas.

Quando a população de Tomar cresceu, estando o reino de Portugal estabilizado, foram lançadas casas extra muros no flanco norte/nascente do monte do Castelo; ainda aí permaneceram até meados do século XX, quando numa "medida de saneamento", a vereação de Tomar as mandou arrasar.

No século XV, já com a Ordem dos Cavaleiros de Cristo instalada no antigo Castelo Templário, surge outra assinalável transformação da paisagem. Tratou-se da "urbanização" implementada pelo Infante D. Henrique, - o Navegador, na várzea da margem poente do Nabão, entro o rio e a encosta do monte do Castelo.

Ver planta
Figuras 1 e 2
e Figura 4

O Infante, divide uma parcela da várzea em talhões, traça-lhe as ruas com paralelas e ortogonais ao rio, realiza açudes para utilizar o curso do Nabão como energia motriz e "domestica-lhe" o leito.

Mais tarde, D. Manuel faz alterar a fisionomia do Castelo, ampliando para ocidente a charola Templária; rompe com dois tramos de parede desta, e vencendo o desnível do monte onde esta se implantava, (24 m), vai enxertar-lhe, extramuros, uma imponente nave, (a qual aloja no seu alçado poente a famosa Janela do Capítulo).

Por essa ocasião D. Manuel expropria os moradores do Castelo, o qual passa definitivamente a ser reduto exclusivo da Ordem de Cristo.

Ver
Figura 3B

Surge ainda no século XVI, com D. João III uma outra alteração profunda na paisagem do lugar, originada pela reforma da Ordem, a qual vai implicar a

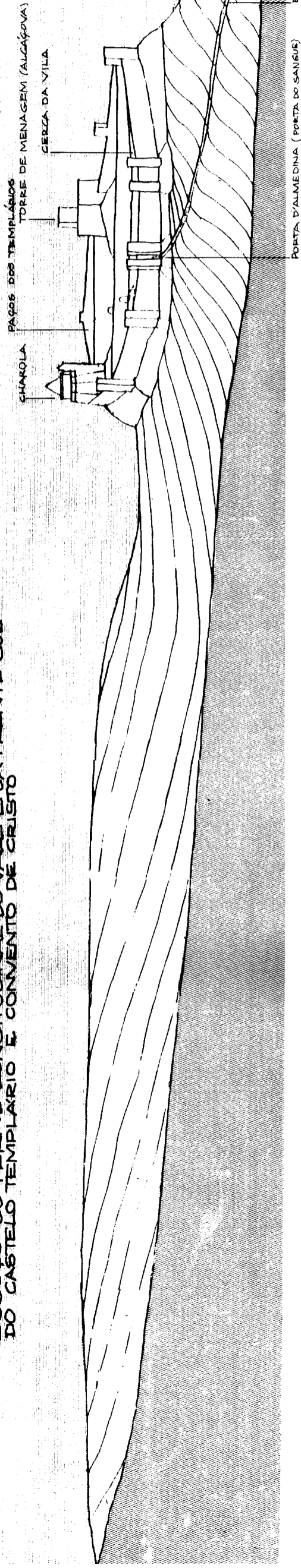
construção de um grandioso convento que se desenvolverá à volta da Igreja ampliada por seu pai, D. Manuel I.

Com a reforma da Ordem por D. João III, surgem os aposentos conventuais com base na espacialidade claustral e com estes surge na paisagem a Cerca Conventual que vai ocupar o flanco sul do Castelo e Convento, o vale da Riba Fria e sobe pela encosta dos montes sobranceiros para se estabelecer, murada, ao longo da cumeada destes.

*Ver
Figura 3C*

1. VIZIÃO DO VALE DA RIBA FRIA. LUGAR DOS SEIS MONTES
 ESBOÇO DO PERFIL LONGITUDINAL DO VALE E DA FRENTE SUL
 DO CASTELO TEMPLÁRIO E CONVENTO DE CRISTO

FIGURA 3A



O CASTELO TEMPLÁRIO NOS FINAIS DO SÉCULO XII
 (RECONSTITUIÇÃO)

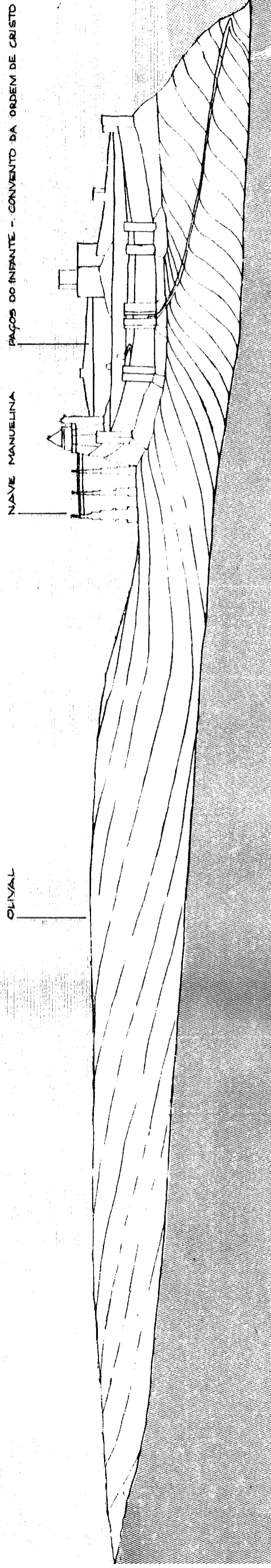


FIGURA 3B

O CASTELO TEMPLÁRIO NO INÍCIO DO SÉCULO XVI
 (RECONSTITUIÇÃO)

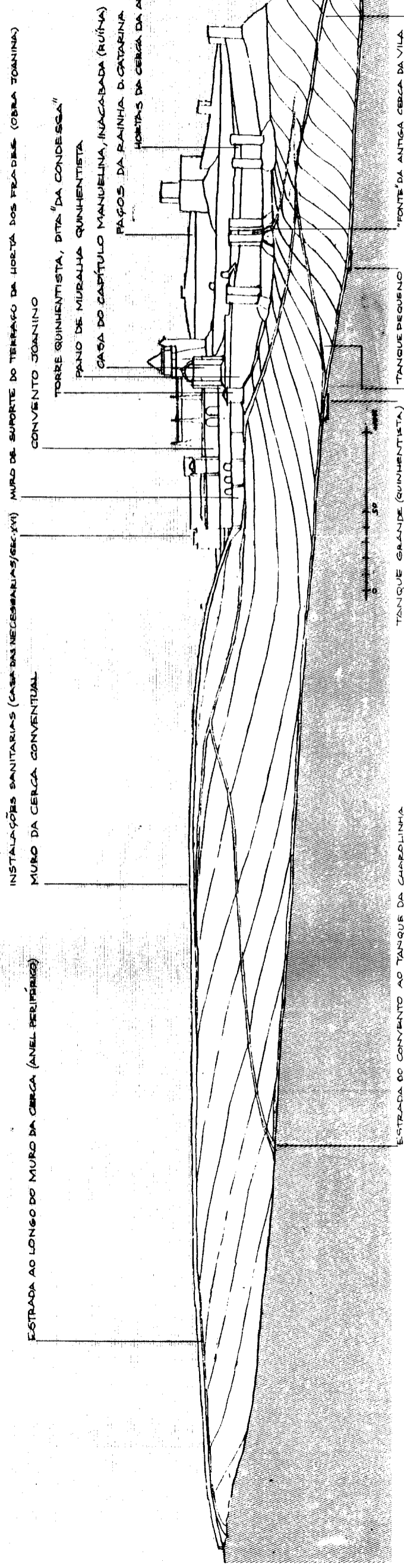
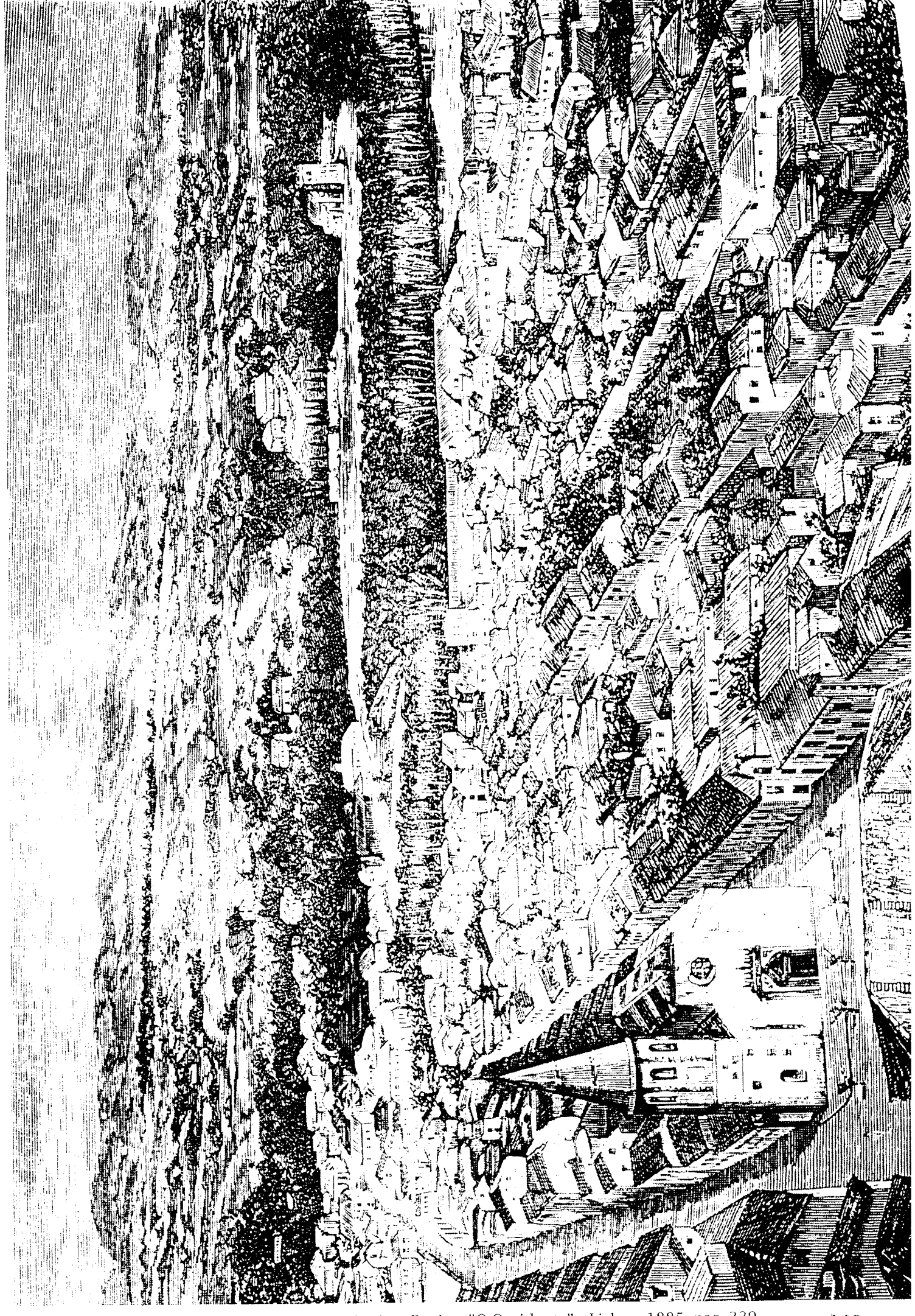


FIGURA 3C

O CONVENTO DE CRISTO NOS FINAIS DO SÉCULO XVI
 (RECONSTITUIÇÃO)



3- A CERCA DOS SETE MONTES

3.1- REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE O LUGAR, DO SÉCULO XIV AO SÉCULO XVI.

Já no Reinado de D. Dinis o maciço montuoso que integra o monte castrejo de Tomar, era chamado o lugar de “Sete Montes e Sete Vales” e era profícuo na cultura da oliveira.

No Livro II das Escrituras (da Ordem de Cristo), no “Rol dos bens que (da extinção da Ordem do Templo) passaram a Ordem de Cristo” (1327), o 3º Mestre desta Ordem D. Martim Gonçalves Leitão, dá ao Comendador do Paúl a “meidade” com o Comendador da Beselga os “Olivais de Sete Montes e Sete Vales” (10).

Estes Sete Montes, são um sistema de morros colinares de relevo acentuado, que se desenvolvem em forma de ferradura, partindo, junto às várzeas do rio, de norte para poente, para depois inflectirem para sul, e virem de novo findar nas várzeas ribeirinhas. Encerram no seu seio, um extenso valado, que desce de poente para nascente, até à várzea do Rio.

Num registo da Ordem de 1439, este vale surge com o nome de Riba Fria. Trata-se de uma carta do Papa Eugénio IV, ordenando ao Abade de Alcobaça, (Visitador da Ordem de Cristo), “ que indague sobre a liceidade e conveniência do emprazamento dos imóveis ditos Sete Vales e Sete Fontes - Septem Valles et Septem Fontes (sic) - no vale da Riba Fria, na Comenda do Paúl (e Cem Soldos), Tomar, feita por Frei Afonso, Prior da Igreja de Alvaiázere, da Ordem de Cristo, ao médico leigo Dr. João . . . e sua mulher Margarida da dita Vila, e seus sucessores, com licença do Infante D. Henrique” . . . (11).

Um outro documento, da época de D. Manuel I, indica, já então, a existência de um recinto murado, no lugar e referencia o ribeiro que descia o Vale; é citado como o “ribeiro que vem da Cerca, e do Vale da Riba Fria, pelo pé dos Montes” (12).

É provável que a cerca a que refere este documento, seja a primeira cerca conventual, coeva da Reforma que D. Manuel I fez na Ordem de Cristo, pela qual consignou definitivamente o Castelo de Tomar a Convento, expropriando os últimos moradores que aí detinham casas, intra-muros, mandando entaipar a pedra e cal a porta de Almedina, que permitia o acesso ao recinto muralhado onde, até ao Infante D. Henrique fora a Vila de Tomar. A “Cerca da Vila”, como até então fora conhecido este recinto do Castelo, deixou de ser lugar da povoação de Tomar, a qual, entretanto se estendera pela Várzea que o Infante, como já foi dito, para o efeito “urbanizara”, entre a margem poente do Rio e a encosta nascente do Castelo.

Notícia da antiga cerca do Convento, situado no Vale da Riba Fria nos dá também o mesmo documento, pela mão do escrivão que relata a “operação imobiliária” que Frei António de Lisboa, realizou no lugar dos Sete Montes e Vales, para o transformar numa grande cerca conventual. Mas antes convém expor as circunstâncias inerentes à Ordem de Cristo, que deram origem a esta transformação na paisagem.

Criada por D. Dinis, quando da extinção da Ordem do Templo, para dar continuidade à missão de Cavalaria desta última, no território português, a “Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo”, manteve até ao reinado de D. Manuel I, o seu carácter de Ordem religiosa/militar aberta. Como já foi referido a Ordem de Cristo fora, entretanto, objecto de duas importantes reformas, a do Infante e a de D. Manuel I. Estas reformas, se por um lado visavam reforçar o carácter religioso dos freires de Cristo, por outro visavam também aumentar o seu potencial militar, abrindo as portas à Nobreza, pelo ideal da Cavalaria Religiosa, para o efeito cada vez mais laicizada, por força das próprias reformas e pela participação da Ordem, cada vez maior na empresa das Descobertas e conquistas de Além-Mar.

D. João III, consumados os Descobrimentos, e influenciado pelo espírito da Contra-Reforma da Igreja de Roma, obriga a Ordem, através de uma dramática e profunda reforma, à observância de uma vida de clausura. Intenta assim transformar os Cavaleiros em freires contemplativos. O protagonista desta reforma será Frei António de Moniz, dito de Lisboa, religioso dos Jerónimos de N. S. de Guadalupe, sediado na Corte de D. João III, do qual era confessor.

Para acolher na clausura os Cavaleiros reduzidos a freires, D. João III dá início a importantes obras na sede da Ordem de Cristo. Assim nasce, a Ocidente do Castelo de Tomar, extra-muros, o grandioso conjunto de edificações que atrás já referimos e que hoje comumente chamamos o “Convento de Cristo”.

O autor das obras joaninas é o Mestre João de Castilho, mas Frei António de Lisboa, por poderes especiais que lhe outorga o Rei, gere a construção do Convento como se fosse responsável da obra. (13)

Assim, munido de poderes reais, ele vai efectuar todas as operações imobiliárias, (vendas compulsivas, trocas de terrenos, etc.), que entende necessárias, não só para a construção de tão grandioso Convento, como, sobretudo, para a vasta Cerca Conventual que da banda do Sul lhe será contígua.

Sobre a vastidão da Cerca e da operação imobiliária que a consumou, assim regista o escrivão da Ordem em 1529 (14) :

“ . . . Comprou todo o Lugar de S. Martinho e assi todas as casas que nele tinha João de Castilho, Mestre das Obras do Convento, com todas as cerradas, terras e chãos que o dito João de Castilho tinha ao redor, e assi pessoas que o todo se include ora no cerco das obras novas e no da Riba Fria, com muitas outras heranças que dentro do cerco Riba Fria foram havidos por Frei António. E houve o dito Frei António para o dito Convento todas as propriedades de olivais e terras de pão, cerradas, matos, montes e vales que se incluem no Cerco da Riba Fria que está a conjunto da banda à Cerca do dito Convento, o qual está todo cercado de parede de pedra e cal com altura de braça e meia, e começa da banda do Norde do dito Convento (cerca) e vai correndo por esta banda do Norte ao longo da estrada que vai para Ourém e para Torres Novas até à Cruz de S. Martinho, onde se aparta o caminho de Torres Novas do de Ourém, e daí volve contra o Sul, partindo logo com o dito caminho que vai para Torres Novas, e vai seguindo até vir dar na Calçada que vai da Vila para Santa Maria dos Anjos e para Torres Novas, e daí desce ao longo da dita calçada e desce ao Ribeiro que vem da Riba Fria e passa além por trás das casas dos moradores da Vila, que são as Olarias, que vai cerrar com o cerco ao redor e fica dentro dela a propriedade de Sete Montes e Vales, que já dantes era da Ordem e pertencia à Comenda de Cem Soldos. Para isto fez muitas trocas de propriedades da Ordem com os seus donos, para assi ficar tudo pagado.”

Ver
Figura 5

3.2- A CERCA CONVENTUAL NA “LUSITÂNEA TRANSFORMADA”

Frei António, um homem viajado, na sua juventude realizou uma peregrinação à Terra Santa, conheceu a Itália de então e foi no regresso dessa viagem que ingressou no Mosteiro de N^a. Sr^a. de Guadalupe onde tomou o hábito da Ordem de S. Jerónimo. Era provincial da mesma em Portugal, quando D. João III o incumbiu de reformar a Ordem de Cristo.

O contacto que tivera na sua juventude com a Arte do Renascimento e o pensamento rigoroso de frade contemplativo, refletem-se no modo como empreendeu organizar o espaço conventual dos freires de Cristo; juntou à grandiosidade arquitectónica das construções, uma vasta área de Cerca Conventual, (39 hectares) acrescentada aquela que já existia desde D. Manuel I, intra-muros do Castelo, (antiga cerca da Vila)

Do modo como foi delineada a cerca conventual, pouco sabemos, por falta de fontes documentais. São, no entanto, ainda hoje memórias da sua organização paisagística, algumas construções ligadas ao uso da água e ao usufruto do espaço bucólico.

Fernão Álvares do Oriente, na sua novela pastoril, “Lusitânea Transformada”, (15) elege a cerca do Convento como um dos cenários ideais desta sua novela cifrada, onde o tema maneirista da “Arcádia” de Sannazaro, pelo virtuosismo de Fernão Álvares, mistura, veladamente, a realidade do Portugal dos finais do século XVI com a ficção poética do género literário, para, numa Arcádia transformada em Lusitânea, encontrar o lugar de expressão dos valores da Portugalidade que a época do pós-Descobrimentos, e da perda da Independência, dispersara do território lusitano.

Na sua obra, a “ribeira” do Nabão é pelo menos citada quinze vezes, e a passagem que a seguir transcrevemos, indicia verosimilmente a Ordem de Cristo, esvaziada do seu braço de Cavalaria pela reforma Joanina.:

...“Naquela parte da grande Lusitânea, que a natureza fez no sítio aos olhos mais oculta, e na frescura dos arvoredos, que a encobrem, mais aprazível, perto donde o rio Nabão, ... e o claro Zêzere misturando as suas águas ... as vão entregar ao Tejo ... numa abrigada ao pé dum alto monte, que de contínuo lava com a sua corrente um ribeiro, vive uma companhia de pastores que, juntos debaixo do governo de Severo seu maioral, naqueles campos apascentam seus rebanhos” (16).

E mais adiante identifica claramente a cerca conventual como lugar de encontro e acolhimento dos “pastores”:

...” e se foram para os pastores do ajuntamento ... todos contentes se puseram ao caminho, desmandando o albergue das Ninfas, que nele já os esperavam. Bem junto à ribeira do antigo Nabão, a par de um lugar fresco, a que os seus moradores por justa ocasião chamaram os Sete Montes, porquanto sete montes o rodeam todo, está uma floresta tão oculta aos olhos dos pastores, que parece que não só à vista mas também aos pensamentos se nega entrada nela” (17).

...” não só à vista, mas também aos pensamentos se nega entrada nela”.

Asserção que é uma clara e dupla referência à mata murada da Cerca Conventual, por um lado e por outro ao cariz de abertura espiritual e laico que foi sonogado à Ordem de Cristo pela reforma Joanina.

Na “Lusitânea Transformada” a cerca do Convento terá sido o lugar arcadiano onde os laicos, Cavaleiros expulsos da Ordem por D. João III, por não acatarem a sua conversão em freires de clausura, - ou impedidos de acederem a ela por força da reforma, - se encontravam secretamente com os frades conventuais para prosseguirem os rituais da Cavalaria Espiritual, “disfarçados” de pastores (18):

. . . Depois que a noite escura, começando de ensombrar a Terra, sobre ela estendia o seu negro manto, fomos passo a passo caminhando para o lugar, onde cada um tinha o seu albergue. Levava mui contente Jasmínio para sua cabana Ulmeno que não tinha ali morada, e Pradélio que tinha mui longe a sua; tinha convidado Urbano a Jacinto para o lugar dos Sete Montes, onde o esperava já Rogério, . . . (19).

3.3- A CERCA CONVENTUAL, DOS FINAIS DO SÉCULO XVI AOS FINAIS DO SÉCULO XIX

Independentemente das referências bucólicas emanadas da “Lusitânea Transformada”, não conhecemos outras fontes, que de concreto nos informem do conteúdo da paisagem da Cerca dos Sete Montes.

Ver
Figura 6

No entanto, um registo da Ordem de 1590 referencia os “Olivais dos Sete Montes que ficavam dentro da Cerca que se fez de novo ” (20).

Durante todo o século XVII e até meados do século XVIII, a Cerca terá sido exclusivamente local de lazer e recolhimento, no meio da natureza, dos freires de Cristo.

Porém, a partir do terceiro quartel do século XVIII, a Cerca terá perdido esse carácter de lugar Conventual, para surgir como uma propriedade da Ordem destacada da própria estrutura espacial do Convento de Cristo, isto é, uma Quinta.

É como Quinta dos Sete Montes que ela é referida num documento de 1767, pela qual a cerca é arrendada, a um morador de Tomar; “ por cento e cinquenta alqueires de azeite” (21).

Setenta anos mais tarde, com a extinção das Ordens Religiosas, por D. Maria II (1834) os bens da Ordem de Cristo são anexados à Coroa, para posteriormente serem desbaratados quer por dons, quer por vendas em hasta pública.

No Diário do Governo nº 265, de 9 de Novembro de 1837, é anunciada uma lista de propriedades da Ordem de Cristo que serão postas à venda em 4 de Maio do ano seguinte.

Nessa lista consta a . . . “Cerca do Convento de Cristo, denominada dos Sete Montes, que se compõe de terras de pão, vinha, oliveiras, pomares, hortas, terras de mato; e é toda murada em circunferência.” . . . Foi à praça por cinco mil réis . . .

Foi adquirida, bem como a parte sul/poente do Convento, a horta dos frades e a antiga Cerca da Vila, por António Bernardo Costa Cabral, ministro do Reino e Conde de Tomar por graça da Rainha.

A Cerca, foi propriedade do Conde de Tomar e dos seus herdeiros durante quase um século, os quais mantiveram a vocação agrícola da quinta; até que, em 1936, os bens que a família Costa Cabral detinha no Convento de Cristo, (a propriedade urbana e a rural), foram vendidas em hasta pública e . . . comprados pelo Estado.

Ver planta
Figura 7

A Cerca ou Quinta dos Sete Montes foi então arrematada por um representante do Ministério das Finanças por quinhentos e sessenta mil escudos, o que para a época fora uma quantia muito generosa.

Foi a seguir transformada, a Cerca, em campo experimental hortícola pela Brigada Agrícola de Tomar, entidade que durante dois anos ficou responsável por este património do estado.

Em 1938, por vontade da Edilidade Tomarense, foi transformada em Parque Florestal e Jardim Municipal. Para o efeito, foram encarregues, pelo Governo, os Serviços Florestais de Sintra de delinear e plantar a Mata, bem como o Jardim Municipal que veio a ocupar grande parte do “Vale da Riba Fria” isto é o valado que discorre por entre os Sete Montes.

Com a intervenção dos Serviços Florestais de Sintra, foram abertos novos caminhos no interior da Cerca, plantadas numerosas árvores, sobretudo pinheiros e coníferas, por entre o olival existente na Cerca. Os valados e as suas hortas desapareceram, à excepção da parte já referida, do “Vale da Riba Fria”, cujas hortas deram lugar ao Jardim Municipal.

Em 1986, a “Mata dos Sete Montes”, como passou a ser designada, a cerca do Convento, foi integrada no Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Desde então passou a fazer parte do nosso património natural, classificado.

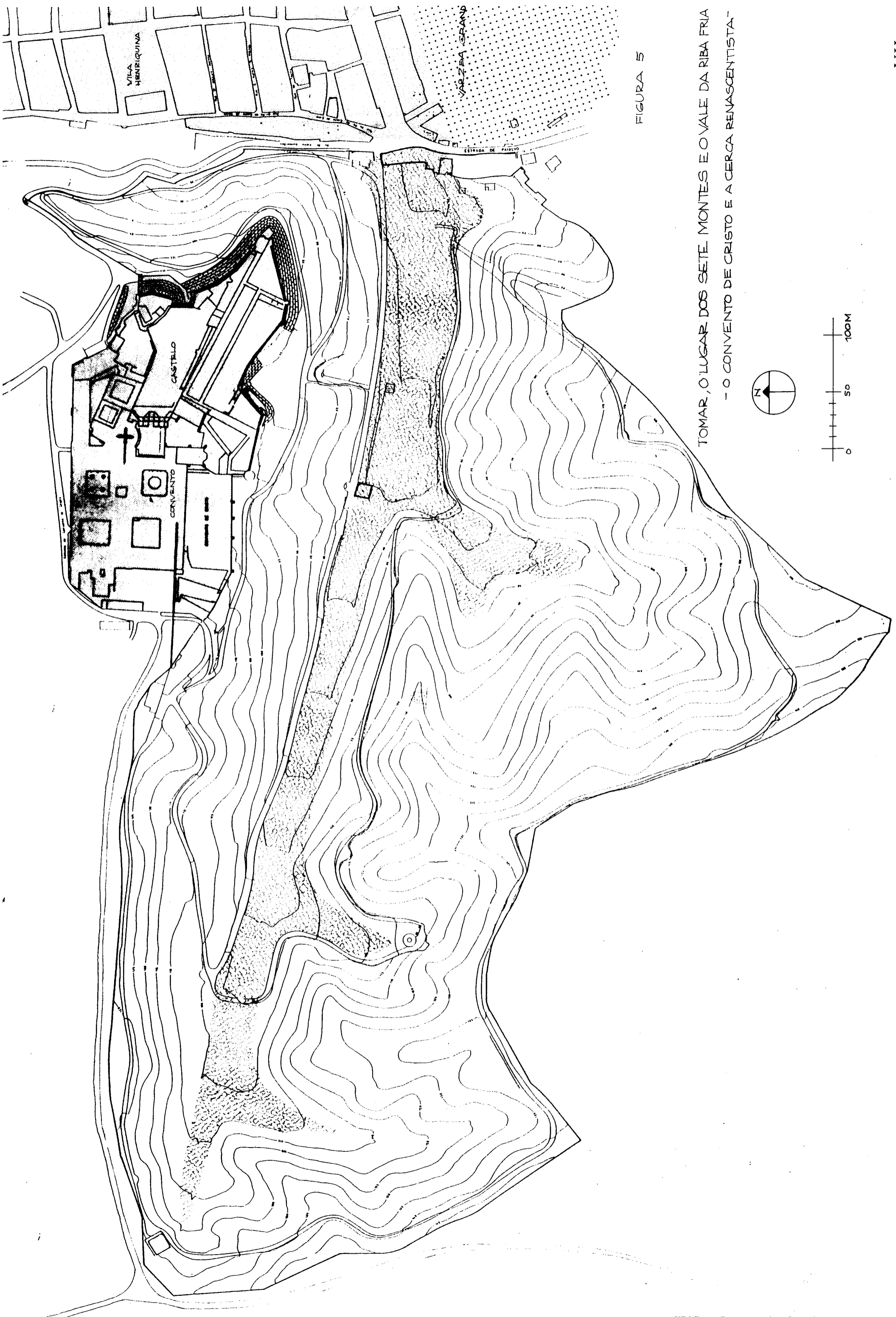
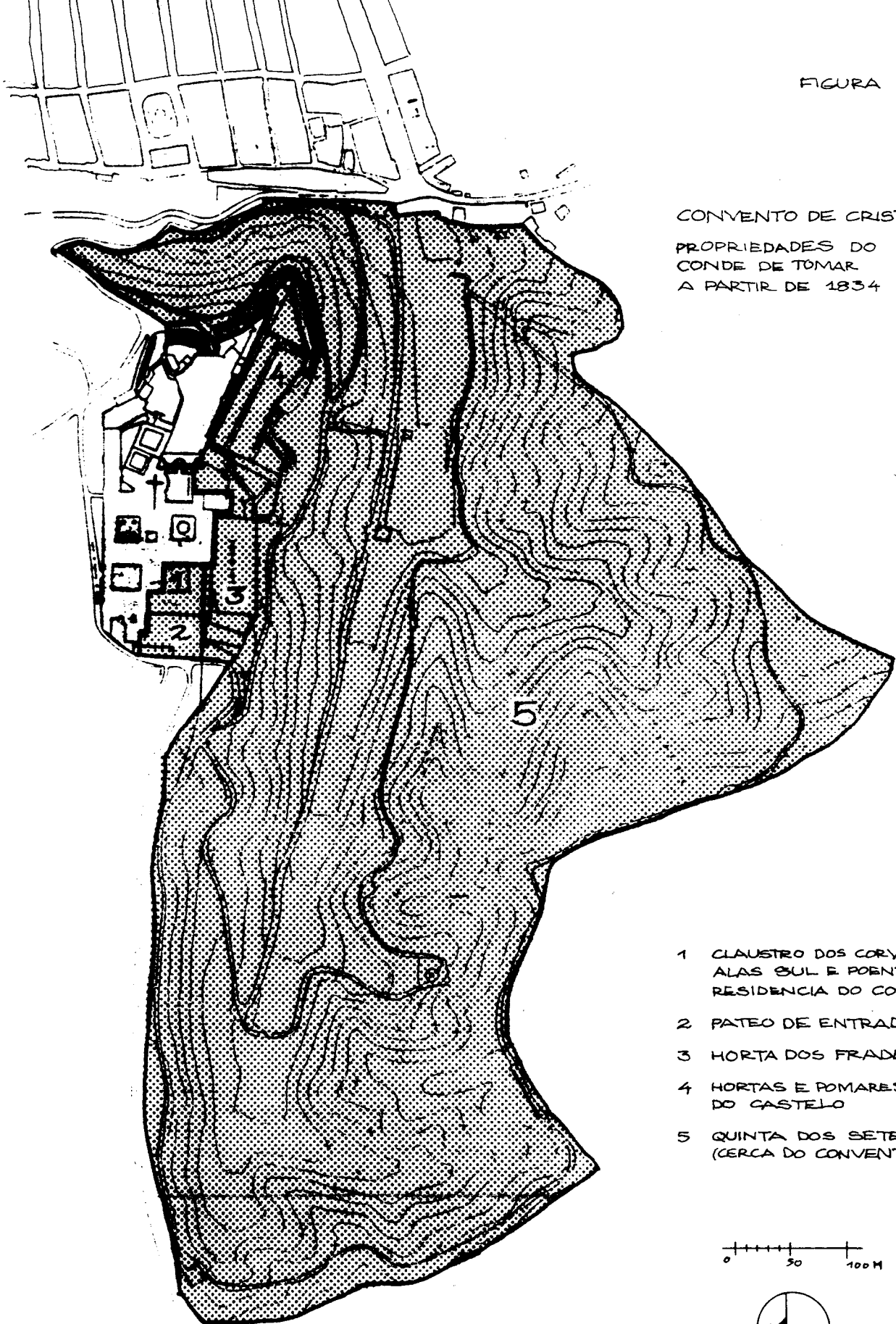


FIGURA 5

TOMAR, O LUGAR DOS SETE MONTES E O VALE DA RIBA FRIA
- O CONVENTO DE CRISTO E A CERCA RENASCENTISTA -



Figura 6. O Castelo Templário e o Convento de Cristo, Frente Sul. Revista "O Occidente", Lisboa, 1895, pags. 228-229. À esquerda, o Aqueduto Filipino, incorporando a fachada conventual (iniciado em 1593 e concluído em 1613).



Quando em 1936 o Estado adquiriu a cerca do Convento de Cristo, fê-lo "sem outro intuito que não fosse o de a manter inteiramente na sua posse, visto a parte urbana daquela estar confundida com este e de melhor poder conseguir que a Quinta o valorizasse, formando com ele um conjunto harmónico" (22). Tal era o objectivo que dominava a orientação da Fazenda Pública ao cuidar da sua exploração agrícola, confiada à direcção técnica da XIIª Brigada de Campanha de Produção Agrícola (23).

No entanto, nem sempre os trabalhos da referida Brigada respeitaram, esta orientação, ao ponto de os mesmos se tornarem polémicos e contestados pela opinião pública tomarense, por não respeitarem a paisagem existente, sobretudo nos terrenos vizinhos do monumento.

Ver
Fotografia 4

No flanco Sul da muralha do Castelo Templário, entre a "Janela do Regalo" (24) e a Torre da Condessa (25), toda a encosta foi objecto de sucessivos aterros sustentados por muros de suporte implantados ao longo do caminho, que do Convento, descia até à Vila, no sentido poente/nascente.

Ver planta
Figura 8

É provável que parte destes aterros e respectivo muro de suporte, junto à Torre, dita da Condessa, fosse anterior a estes trabalhos porquanto numa gravura de 1895 (26), já se via neste lugar um trecho de terreno com o seu respectivo muro de suporte. Recentes trabalhos na reparação deste muro, deixam a descoberto um fragmento de cantaria de meados do século XVI, proveniente dos trabalhos de João de Castilho no Convento. Trata-se de um fragmento de pedra lavrada, reempregue na construção do referido muro; este reemprego de pedras lavradas, verosimilmente resultante de demolições para as obras da Reforma Joanina, foi prática corrente de então, como o atestam numerosos vestígios de reemprego de materiais nos muros que suportam as hortas em socalcos realizadas nessa época, na parte do Castelo, que fora a antiga Vila de Tomar. Aliás, dentro do próprio Convento há testemunhos deste reemprego de pedras lavradas.

Ver
Figura 6

Ver
Fotografias
5 e 6

O certo é que os trabalhos de regularização de terreno, levados a cabo pela Brigada Agrícola em 1935/36, transfiguraram (e desfiguraram) o relevo do terreno, nesta zona, a ponto de os aludidos trabalhos afectarem a própria muralha do Castelo, e provocarem a derrocada de uma parte da sapata empedrada (alambuarte) em que assenta a muralha (27).

Ver
Figura 6

A crer na gravura do século XIX, terá desaparecido nesta ocasião a ponte, visível no caminho do Convento à Vila, sob a qual passava um braço do ribeiro da Cerca, proveniente da nascente do Castelo, na antiga Cerca da Vila, junto à porta desta, (Porta de Almedina ou Porta do Sangue).

Estas "regularizações" de terreno, a derrocada na muralha e o abate de numerosas árvores existentes, sobretudo amendoeiras, vieram a público nos jornais da época (28), fazendo com que a Direcção Geral da Fazenda Pública (D. G. F. P.) mandasse suspender os "trabalhos agrícolas" nesta parte da Cerca e sujeitasse a intervenção da Brigada Agrícola a um parecer da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D. G. E. M. N.).

Ver
Figura 8

Com o mal feito, o papel da D. G. E. M. N. foi o de elaborar um relatório circunstanciado sobre o assunto (29) e de preconizar uma zona de protecção ao Monumento, limitativa da acção da Brigada. Essa zona está documentada numa planta que para o efeito a D. G. E. M. N. estabeleceu.

Assim, com base no parecer da D. G. E. M. N., determinou a D. G. F. P., o respeito pela zona de vizinhança do Monumento ficando, por tal motivo impedida a Brigada Agrícola de plantar os almejados pomares nos terrenos, que para o efeito desarborizara e transformara em socalcos, junto ao Castelo

É de crer que este caso, esteja na origem de um processo de protecção que levou o Estado a classificar a cerca do Convento, "Imóvel de Interesse Público", pelo Decreto nº 28356, de 22 de Março de 1938.

Mas então, já dois anos haviam passado sobre os sucessos de 1935/36 e a questão da exploração agrícola da Cerca estava em vias de ser posta de parte.

Com efeito, e como já foi referido, o Município Tomarense aspirava a outros destinos para esta parte rural do Convento de Cristo. Com os olhos postos nas Matas do Buçaco ou de Sintra e no desenvolvimento turístico de Tomar, a Vereação (30), solicitou ao Governo a transformação da Cerca num Parque Municipal, com uma Mata, "um amplo jardim à entrada, um parque infantil, um court de ténis, um pavilhão de doces e bebidas e um terraço sobranceiro para cadeiras e toldos" (31). Com este projecto, passava a paisagem da cerca conventual, de uma fase administrativa de produção agrícola a uma fase municipal de "embelezamento" (32).

Assim eram esquecidas as preocupações histórico-paisagísticas que dois anos antes haviam movimentado a opinião pública e levado o Governo a tomar medidas cautelares de protecção à Cerca. Isto é, as "forças vivas" da cidade já não estavam interessadas em proteger a paisagem da cerca do Convento de Cristo, mas sim, servir-se desse espaço conventual para constituir um património turístico e um equipamento de lazer.

Sem pôr em causa as boas intenções que levaram os poderes públicos a implementar tais medidas, o certo é que elas comprometeram irreversivelmente a paisagem histórica constituída pelo conjunto monumental do Castelo Templário, Convento da Ordem de Cristo e sua Cerca dos Sete Montes e Vales.

Sob a acção dos silvicultores, o povoamento maciço da Cerca, com "muitas árvores, muitas e belas espécies de pinheiros e coníferas", (33) submergiu por completo, num manto verde, a cerca conventual, - única quinta renascentista da região, - e separou paisagisticamente aquele espaço rural murado do seu contexto histórico, que é o Convento de Cristo.

A ideia de preservação de um património cultural que presidira em 1934 à aquisição, por parte do Estado, da Quinta dos Sete Montes, afinal não vingara.

Quem hoje passeia, pelos novos caminhos delineados pelos Serviços Florestais de Sintra, vê o olival histórico que desde o século XIV rodeava a Sede da Ordem de Cristo, abandonado por entre uma mata de coníferas, a maioria das quais, nada tem a ver com a vegetação autóctone; vê as bolsas de carvalho (*Quercus Faginea*) ensombrados por "elegantes" pinheiros, cujo crescimento, mais rápido, em algumas dezenas de anos, tornou mesquinho o porte dos carvalhos, tão celebrados na Lusitânea Transformada - onde os pastores gravavam sobre a casca os seus poemas de Amor.

Ver
Fotografia 10

Desapareceram as hortas que, em socalcos de terra com talude, desciam o valado axial da quinta, com as hortas irrigadas a partir do tanque seiscentista implantado numa cumeada na extrema sul/poente da Cerca, com água do aqueducto Filipino, o qual trazia água para o Convento, - de uma fonte distante deste seis quilómetros.

O "Jardim Municipal", o "terraço para as cadeiras" e o parque infantil, ocupam o primeiro terço da extensão da chã do valado axial. Os outros desapareceram com a plantação da mata. Apenas uma estreita alameda aberta no eixo do segundo terço, lembra vagamente o valado outrora existente.

*Ver planta;
Figura 9*

O próprio tanque renascentista, atrás referido, surge como algo insólito numa clareira entre o muro da cerca conventual e a moderna mata de pinheiros.

*Ver
Fotografia 11*

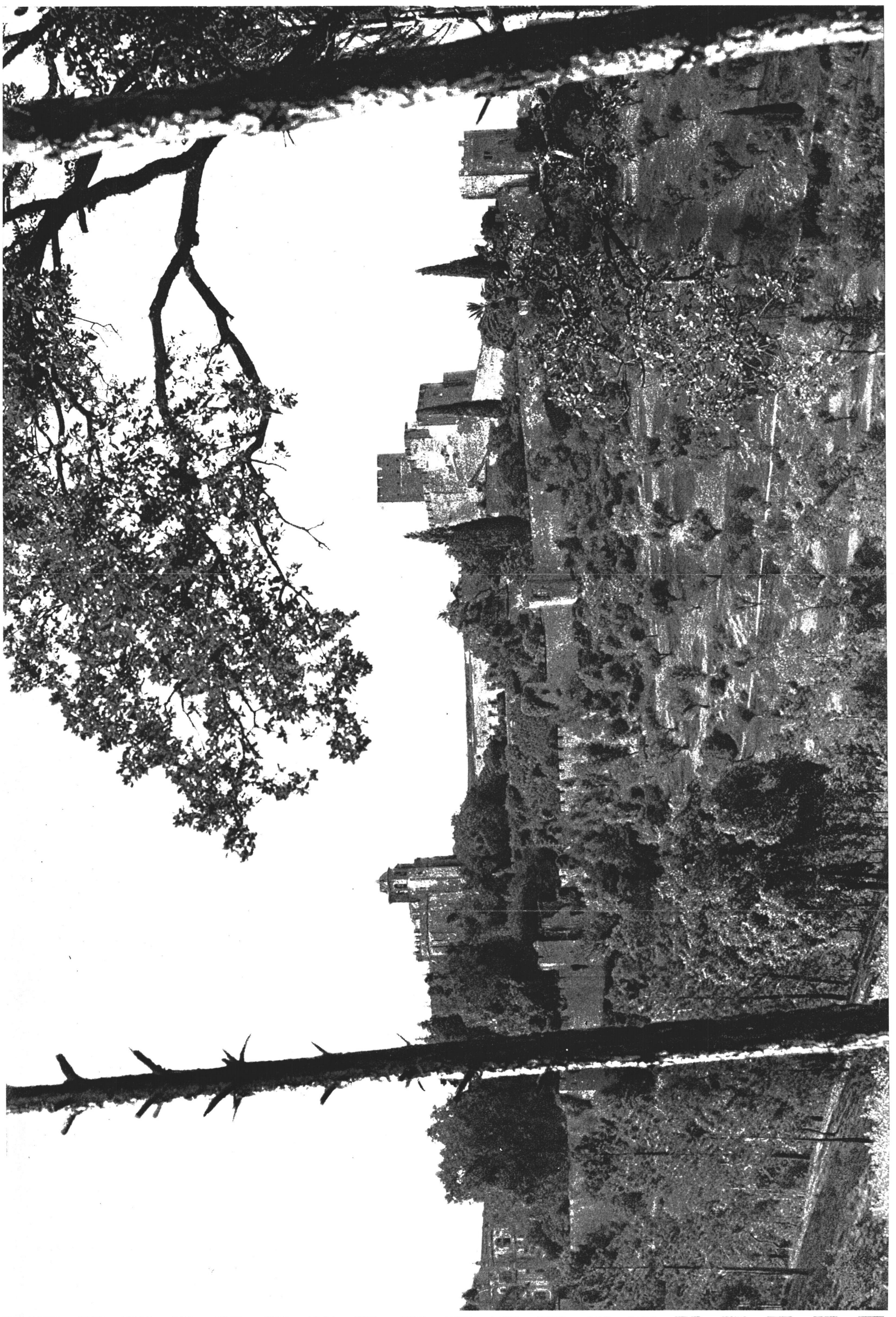
Também desapareceu o muro, que ao longo da estrada principal da Cerca, separava a encosta do Castelo e Convento, do valado das hortas; seria, porventura a arrendada quinta do século XVIII e o cerco dos frades (34).

*Ver
Fotografia 12*

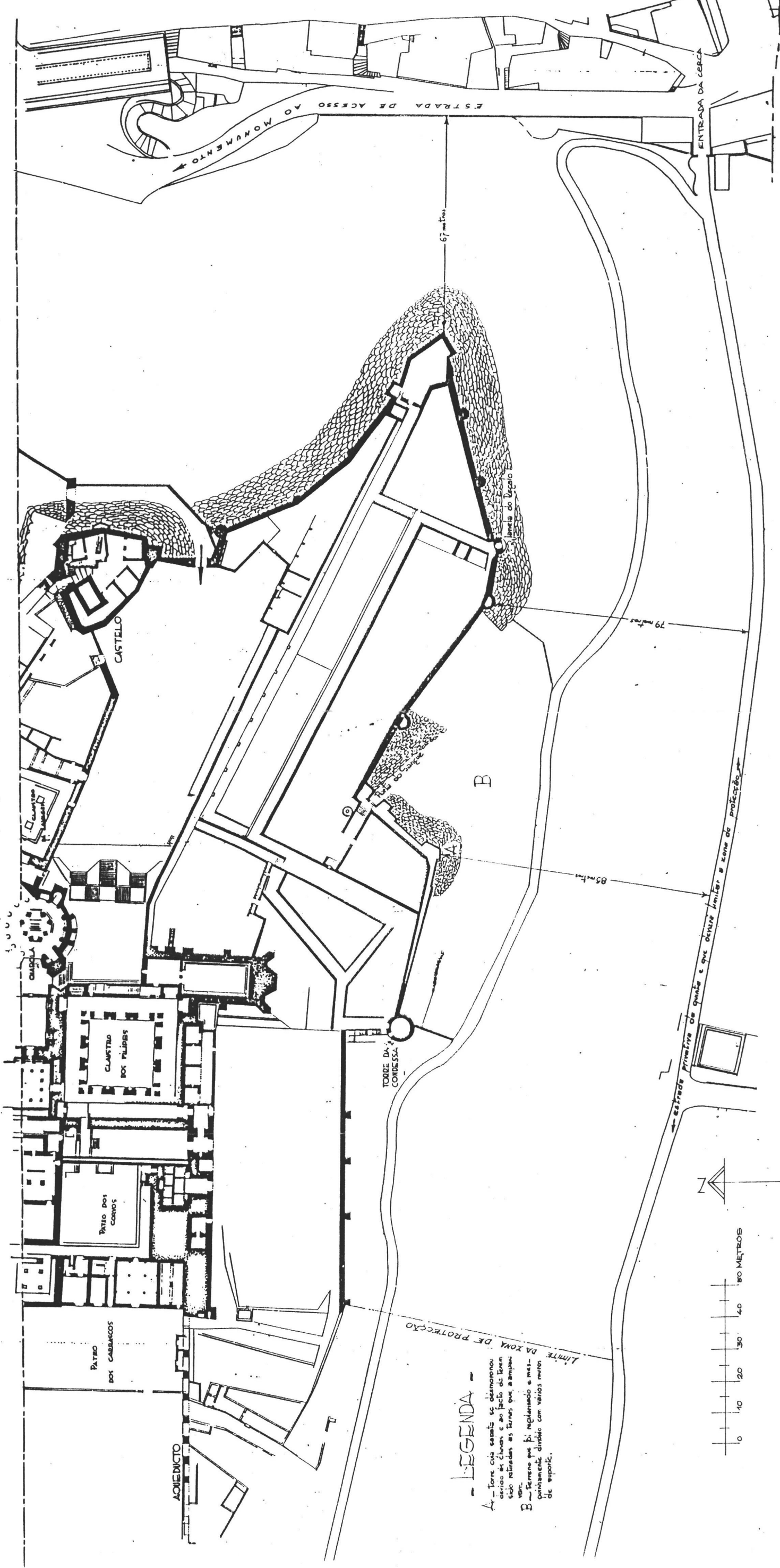
Até a zona de protecção ao monumento, estabelecida para o proteger das "plantações produtivas" da Brigada Agrícola, foi completamente esquecida, em benefício desta invenção de Parque Municipal.

*Ver
Fotografias
13 e 14*

E assim surgiu a Mata Nacional dos Sete Montes.



Fotografia 4. O Castelo Templário, visto da Cerca Conventual (por volta de 1936).



LEGENDA

A - Torre cuja esmola se desmanchou devido as chuvas e ao facto de terem sido retiradas as torres que a amparavam.

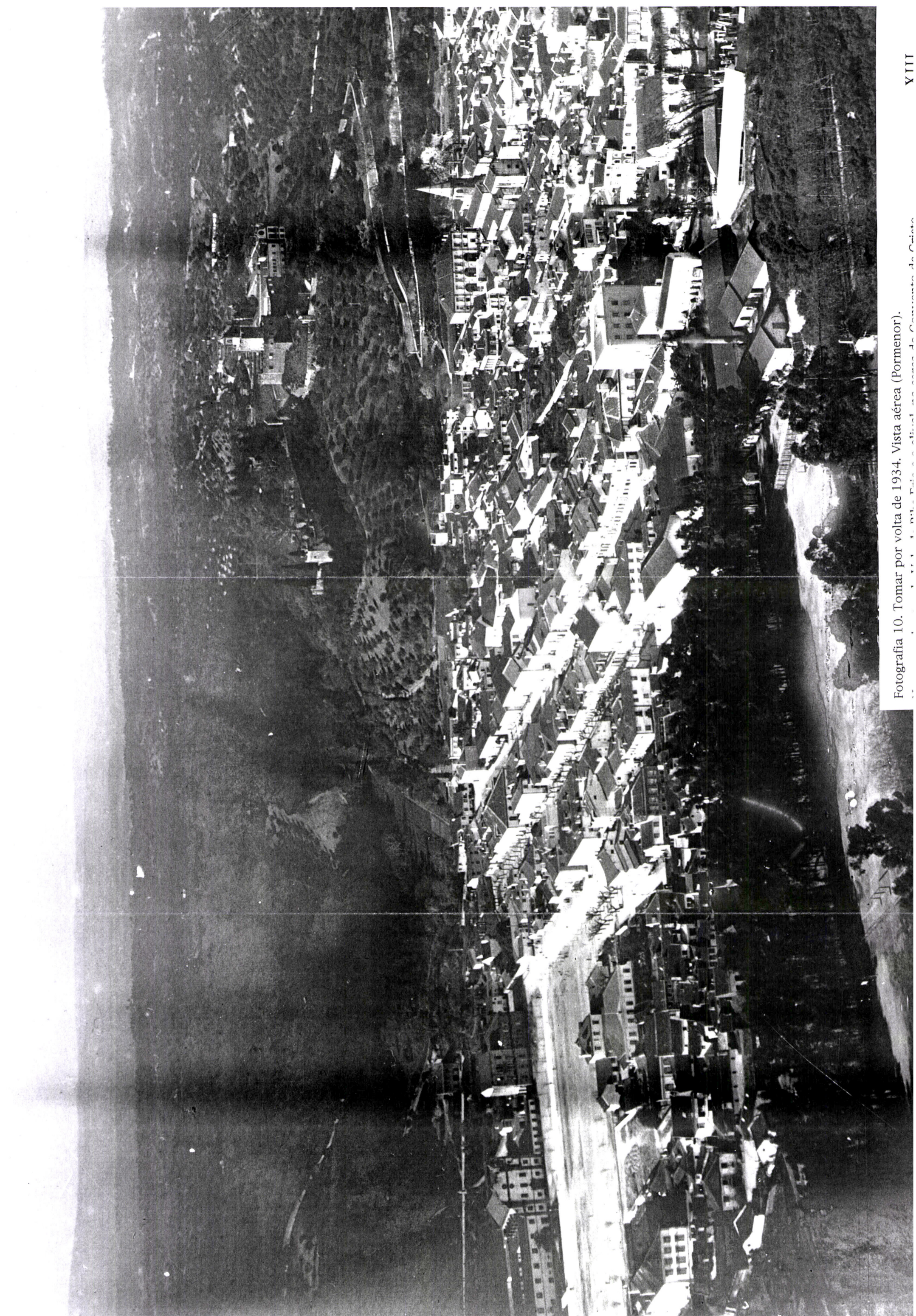
B - Terreno que foi regenerado e mais recentemente dividido em varios metros de superficie.



Fotografia 5.
Ornato Manuelino.
Muro de suporte de
terras na estrada de
acesso ao Convento.



Fotografia 6.
Outro pormenor de
pedra lavrada,
recuperada para outros
fins construtivos no
Convento.



Fotografia 10. Tomar por volta de 1934. Vista aérea (Pormenor).

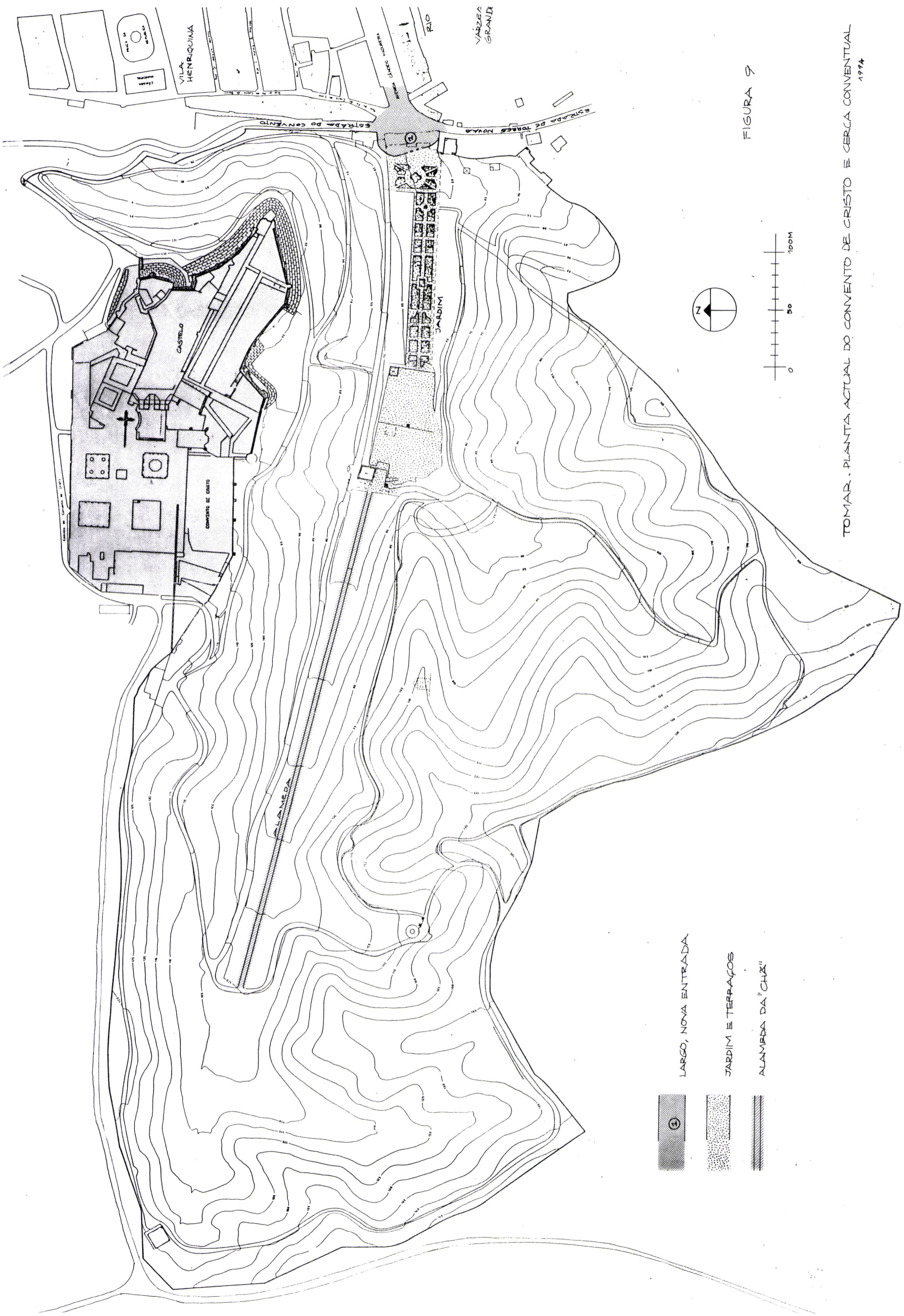


FIGURA 9

TOMAR. PLANTA ACTUAL DO CONVENTO DE CRISTO E CERCA CONVENTUAL
1974

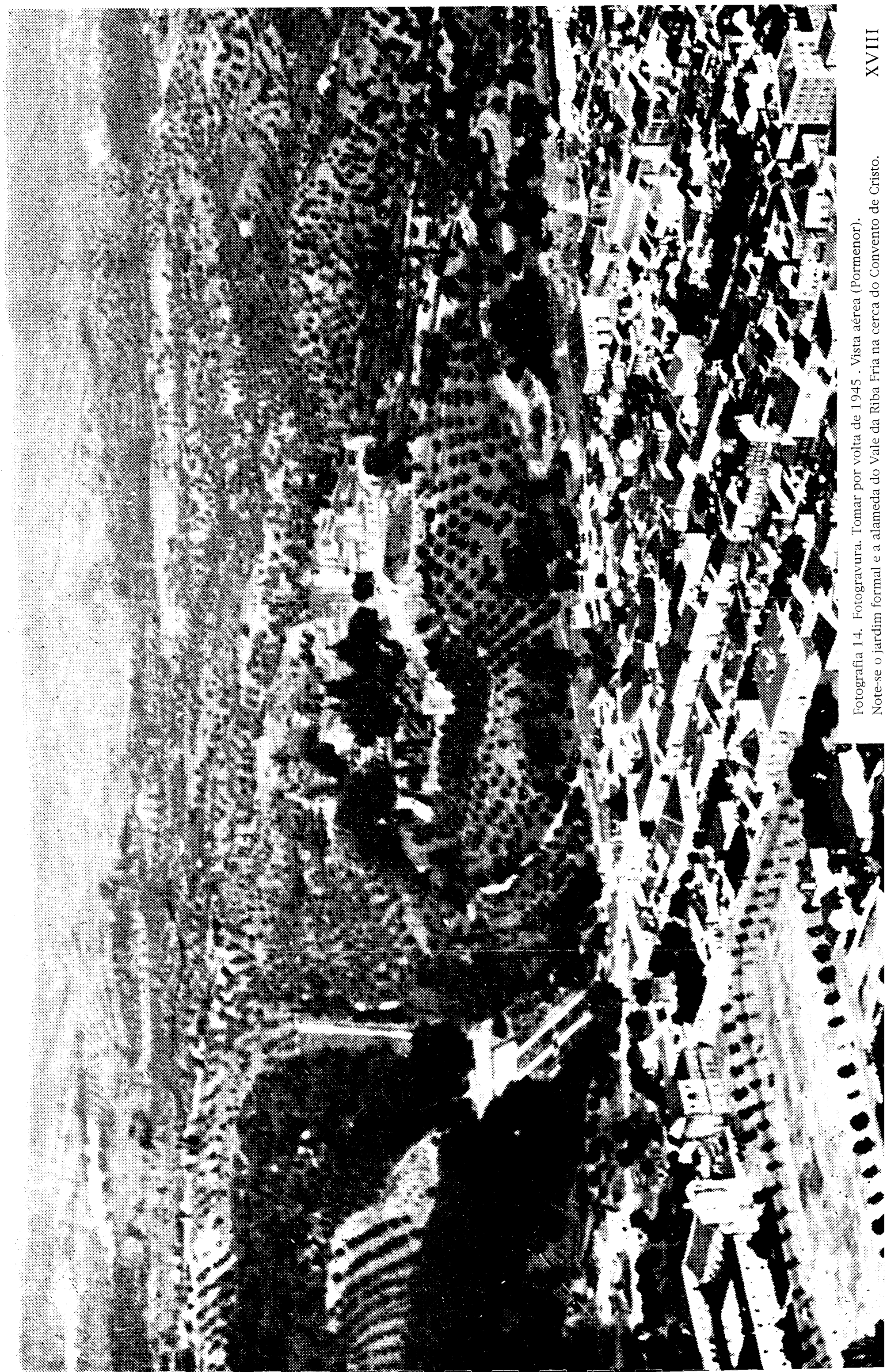


Fotografia 11.
O tanque seiscentista (Cadeira D`El Rei).
Pormenor com a mata de pinheiros e coníferas, ao fundo.





Fotografias 13 e 13A.
Dois aspectos actuais do antigo olival da Cerca histórica.



Fotografia 14. Fotografia. Tomar por volta de 1945 . Vista aérea (Pormenor).

Note-se o jardim formal e a alameda do Vale da Riba Fria na cerca do Convento de Cristo.

5.1- A PAISAGEM DA QUINTA DOS SETE MONTES - CERCA CONVENTUAL.

O território da cerca do Convento organiza-se segundo o plano tradicional da quinta Portuguesa. Pelo que ainda é possível observar, no terreno, a mata de carvalho que ocupava as encostas e os cabeços mais elevados, que percorriam a periferia da Quinta; a seguir, a meia encosta e nos montes de menor relevo desenvolviam-se os olivais e as vinhas, por fim nas zonas chãs dos valados, as hortas.

Ver
Fotografias 15
e 15a

Ver planta
Figura 10

O ribeiro da Cerca que dava a água para a agricultura, tinha duas fontes de alimentação; uma era a nascente situada no Castelo, na antiga Cerca da Vila; nos tempos em que os moradores de Tomar, viviam no recinto castrejo, extraíam dela água, através de um poço aberto até à profundidade de 20 metros, mais tarde com a constituição da cerca Joanina, uma canalização em pedra, desviou parte da água deste poço para a Cerca, mesmo por baixo da entaipada Porta de Almedina, a partir de onde correria como um regato para o grande tanque situado próximo das hortas, na parte em que a chã é mais larga, a meio vale.

Ver
Fotografias
16 e 17

Ver planta
Figura 11

Ver
Fotografia 18

A ponte, que se vê numa gravura do século XIX e que atrás já fizemos referência, passaria sobre este regato, dado que as suas águas para chegarem ao tanque tinham forçosamente que atravessar a estrada da Cerca, a qual também se vê na gravura.

A seguir juntar-se-ia às águas da outra linha do ribeiro, as quais surgiam da banda sul/poente em cota assaz elevada para garantir a irrigação de todo o valado axial. Saía a água de uma mina em forma de gruta e de imediato abastecia um tanque circular que rodeia com a sua água, uma graciosa casa de fresco, a Charolinha, também de planta circular, cuja feitura denuncia a mão de Torralva, - segundo arquitecto das obras Joaninas do Convento.

Ver
Figura 11

Ver
Fotografias
19 e 20

Uma outra fonte de adução provinha da água remanescente da cisterna do Claustro dos Corvos na banda sul/poente do Convento, que depois de irrigar o alto patamar da Horta dos Frades, surdia numa bica ou mãe-de-água, instalada na base do próprio muro que suporta o aterro da referida Horta. Porventura juntar-se-ia à água que corria da fonte proveniente do Castelo

Ver
Fotografias
21 e 22

Mais tarde, com o já referido aqueduto dos Filipes, a quinta ficou enriquecida com mais esta fonte de alimentação, que através dum túnel aberto no monte da Cadeira de El-Rei, desviava parte das águas do aqueduto, para o belo tanque seiscentista de que atrás falámos.

Ver
Fotografias
23 e 24

A partir deste tanque, a água corria para se juntar, próximo da Charolinha, com a água do Ribeiro da Cerca.

Ver
Figura 11

Os caminhos da mata desenvolviam-se segundo dois anéis, um dentro de outro; o de menor perímetro fazia a circunvalação da chã do valado axial, (Riba Fria), partindo da porta da Cerca, junto à vila henriquina, no sopé do monte castrejo, para depois, mais acima, e a poente atravessar a chã e inflectir para sul até ao tanque da Charolinha; a partir daí descia a meia encosta pela banda sul do valado axial longeando a chã até junto da zona da porta da Cerca.

Ver
Fotografias
25 e 26

Ver planta
Figura 12

O anel de maior perímetro começava também junto à porta da Cerca e sobe pela encosta Sul do Castelo verosimilmente pela estrada que levava à antiga entrada da Cerca da Vila que era o recinto castrejo onde fora a primitiva povoação de Tomar; entaipada a porta de Almedina (35) a estrada deixou de servir. Com a reforma Joanina da Ordem, parte desta estrada foi aproveitada e prolongada para poente, a fim de dar comunicação com o Convento e as hortas do Castelo, junto à "Torre da Condessa", no extremo poente da muralha. Esta estrada continua sempre para poente, longeando o muro de suporte da "Horta dos Frades" na frente sul do Convento, passando sobre um trecho enterrado do aqueduto conventual, perto do lagar da Cerca, para chegar ao lugar do tanque seiscentista.

Ver
Fotografia 27

Ver
Figura 3C
Ver
Fotografias
28, 29 e 30

A partir daí segue pela cumeada dos montes, acompanhando, em quase todo o percurso, o muro da cerca, para depois descer pela encosta sul/nascente até à chã do valado, próximo da entrada da Cerca.

Junto ao lagar da Cerca, este caminho bifurca, num troço de estrada que vai ligar ao anel de estrada interior em direcção à Charolinha.

Ver
Figura 12

O perímetro murado desenvolve-se em quase toda a sua extensão pela linha de cumeada definida pelos Sete Monte, dos quais o mais elevado, é afinal aquele em que os Cavaleiros Templários fundaram, no alvorecer de Portugal, o Castelo de Tomar.

Ver
Fotografias
31 e 32

5.2 - A PAISAGEM DA QUINTA DOS SETE MONTES - MATA NACIONAL

Ver
Fotografia
33

Hoje, quem percorre os caminhos da antiga Cerca do Convento de Cristo, sente-se submergido pela pujança da natureza que a habita. No meio de um território caracterizado pelas culturas de sequeiro, a Mata dos Sete Montes, surge como um oásis de verdura, propiciador, ao homem, daquele contacto íntimo com a Natureza. O visitante, que passeia pela Mata, facilmente se liberta das tensões do quotidiano, no contacto com aquela atmosfera rica em ar puro e essências, em variegados cantares de pássaros, num mundo habitado por animais bravios, - raposas, coelhos, aves de rapina, etc.-, protegido pela cintura murada, da Cerca de Clausura.

Apesar da paisagem histórica da Cerca Conventual, ter sido dramaticamente transformada, o "Lugar dos Sete Montes", mantém, de um modo enfatizado pela florestação moderna, o carácter intimista próprio da Cerca Conventual.

É certo que a Quinta dos Sete Montes, tem afectado o seu carácter de quinta de recreio renascentista, pela reflorestação exagerada de que foi objecto a partir de 1938. É no entanto patente, que esta reflorestação, para a época, obedeceu a uma intenção válida do seu princípio, mas deficiente na sua implementação. No entanto defendemos que é possível, por algumas intervenções enquadradas numa filosofia geral de recuperação, encontrar uma solução de compromisso entre a Cerca histórica e a Mata actual. É essa filosofia de recuperação que este trabalho se propõe estabelecer, "cruzando", pela análise da paisagem, as premissas históricas com os elementos actuais estruturantes, da paisagem da Quinta dos Sete Montes. Esses elementos estruturantes são aqueles constatados a partir da intervenção de 1938, e que passamos a descrever:

5.2.1 - O COBERTO VEGETAL ATÉ 1938

Até ao início da intervenção de reflorestamento da Cerca, o coberto vegetal não deve ter sofrido grandes variantes na sua estrutura.

Num relatório recentemente elaborado para o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, os Arquitectos - Paisagistas Claudia Taborda, Inês N. Matos, João Mateus e João G. da Silva, (36) estabelecem um levantamento do coberto com a seguinte composição:

Ver
Figura 13

A) Hortas - No vale da Riba Fria.

B) Olival - Encostas sul e nascente do monte do Castelo; encosta nascente do monte da Cadeira D'El Rei e três "bolsas" de Olival em encostas dos montes do lado sul do vale da Riba Fria, viradas a nascente.

C) Mata - Várias "bolsas" de mata nos montes do lado sul do vale da Riba Fria. Estas "bolsas" eram constituídas essencialmente por pinheiros e carvalhos (37).

5.2.2- AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM A PARTIR DE 1938 E ATÉ 1958

A) Coberto vegetal: constitui-se no sítio das hortas, um jardim formal e dois patamares de terraço. Ao longo do caminho da Chã, que fica no seguimento dos aludidos terraços, foram plantadas novas espécies vegetais, alternadamente, acer (*Acer* sp.) e freixo (*Fraxinus* sp.).

Ver planta
figura 14

Ao longo da estrada que circunda o vale da Riba Fria, de cada lado do jardim formal, outras plantações foram praticadas, transformando a estrada em "corredores" arborizados; no corredor sul, separando o jardim da mata, foram plantadas ulmeiros (*Ulmus* sp.) e freixos (*Fraxinus* sp.); no corredor norte, foram plantadas coníferas (*Cedrus* sp., *Cupressus* sp.); são também deste período as plantações de diferentes espécies de coníferas ao longo de quase todo o caminho de circunvalação, na zona envolvente da Charolinha, no troço de caminho que liga este sítio ao lagar da Cerca, bem como nas imediações do tanque seiscentista (Cadeira D'El Rei).

Estas plantações resumem as linhas programáticas que visavam transformar a Cerca em Mata Nacional, de acordo com o espírito silvicultor dos anos de 1940 (38).

Ver planta
figura 14

B) Novos percursos e intervenções arquitectónicas;

Data desta época, a alameda da "Chã" do vale da Riba Fria, ou pelo menos o seu alargamento para a forma que chegou aos nossos dias. É também desta época a nova entrada para o recinto da Cerca que retoma a continuidade fisiográfica do vale da Riba Fria com o vale do Nabão, ao longo do eixo da rua que se estabeleceu na sua ligação (hoje, Rua Cândido Madureira).

Ver planta
Figura 9

Esta nova entrada cenográfica, "abre" a Quinta dos Sete Monte à cidade através, de uma cortina murada em forma de arco em U aberto com três imponentes portões gradeados.

Ver
Fotografia 33

O espaço gerado em planta por esta entrada-cenário propõe um pequeno largo agregador de quatro direcções fundamentais: A estrada para o Convento, a norte; a estrada para Torres Novas, a sul; a rua para descer à cidade e ao rio (R. Cândido Madureira), a nascente; a poente a entrada na Quinta, pelo vale da Riba Fria.

O centro deste largo é simbolizado pela estátua do Infante, personagem carismática da Ordem de Cristo e de Tomar.

Um outro acesso à Mata, embora anterior à fase de intervenção da D. G. F., é de referir, trata-se do portão aberto no muro da Cerca, nas imediações da parte aérea do aqueduto do Convento, praticado pela Brigada Agrícola em 1937.

Ver
Fotografia 34

Este portão, destinado ao serviço daquele organismo, acede à estrada de circunvalação da Cerca pelo extremo norte/poente.

Na encosta que desce do Castelo até ao vale há também a referir a construção de duas fontes, a chamada "Fonte dos Jasmins", na estrada que do lado norte, sobe o vale e que por uma conduta, atravessando a estrada subterrâneamente, verte as suas águas no grande tanque quinhentista. Documentos compulsados nos arquivos da D. G. E. M. N. (39), levam a crer que a alimentação desta fonte provinha da cisterna conventual do claustro dos Corvos, cujas águas residuais vertiam para a Horta dos Frades e desta para a Mata, como já foi referido.

Ver
Fotografia 35

Ver
Fotografia 18

A outra fonte, conhecida por "Fonte da Gruta", está construída a meio da mesma encosta do Castelo, uma centena de metros antes desta, mas em cota mais elevada. Recebe esta fonte as águas que surdindo da mina do Castelo, descem a encosta, e por um percurso enterrado vertem no tanque da fonte. Na realidade, esta fonte faz as vezes de mãe-d'água, pois as águas são a seguir conduzidas em caleira a céu aberto para as imediações do pequeno tanque quinhentista. Este é o trajecto que passou a ter a água saída da mina do Castelo, com a intervenção de 1938/58, e que verosimilmente pôs termo ao regato já referido, o qual, descendo da mina do Castelo, viria a verter as suas águas num dos tanques quinhentistas.

Ver
Fotografia 36

O acesso à "Fonte da Gruta", faz-se por um caminho em escadaria, então criado, e que leva a um patamar arborizado com pseudo-acácias, antecedendo a "gruta".

São estes os principais elementos introduzidos na paisagem da Cerca Conventual durante o período referido.

Ver
Fotografia 37
Ver planta
figura 14

5.2.3- AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM ENTRE 1958 E 1968.

A) COBERTO VEGETAL

Ver planta
figura 15

As transformações decorrentes neste período traduzem-se pela consolidação do programa que visava transformar a cerca conventual em mata de recreio; não são por isso significativas.

As plantações então realizadas, vão concluir as já efectuadas nos anos anteriores.

Tornaram-se por isso mais densas as plantações de coníferas, sobretudo ao longo dos dois anéis de estrada. Foram plantados muitos ciprestes (Cupressus Sempre-Virens) nos pontos mais altos da mata e nas encostas viradas a sul. Também uma cortina de ciprestes foi plantada a separar o jardim dos patamares de "lazer" A área de mata foi aumentada com novas plantações de pinheiros mansos, bravos e de Alepo.

Ver
Fotografia 38

Na camada arbustiva encontram-se as seguintes espécies: loureiro, carasco, piricanta, jasmim, folhado, sanguinho das sebes, pilriteiro lingustrum e silvas, na parte norte da Mata; na parte sul dominam a urze, o tojo, a giesta, rosmaninho, medronheiro, salsaparrilha, madressilva e as heras (40).

B) ESPAÇOS DE LAZER.

A meia encosta, entre a zona de entrada e o sítio da fonte da Gruta, foi arranjado um patamar para a implantação de um "Parque de Merendas". Trata-se de um local incaracterístico, deslocado do sítio, onde se implanta como uma intromissão na paisagem: num trecho do olival histórico, mesas e bancos de pedra surgem colocados sem critério nos espaços residuais deixados pelas oliveiras. Trata-se de uma intervenção, que embora tendo utilidade, carece de sentido, face à "lógica" global da Mata.

Ver
Fotografia 39

5.2.4- AS INTERVENÇÕES NA MATA, DESDE 1968 AOS NOSSOS DIAS.

Ver planta
Figura 16
e Perfis
Figuras
17A, 17B
18A, 18B, 18C

A) VEGETAÇÃO

Depois de consolidada a fase das plantações, um programa de manutenção da mata, afigura-se-nos evidente. Por deficiência de informação ignoramos se tal programa existiu e qual a forma como foi implementado.

Pelo nosso conhecimento pessoal da Mata, pudemos constatar que a partir de 1976, as acções de manutenção foram sendo reduzidas gradualmente. Hoje em dia, verificamos que a vegetação, qualquer que seja o seu estrato, invadiu todo o espaço, deixando as clareiras ocorrerem em situações muito pontuais e em número diminuto; estas são devidas a situações de fogo esporádicas e a características tipológicas da vegetação.

Por um lado, constata-se um envelhecimento precoce de muitas árvores, algumas espécies afectadas por doenças; por outro lado, observa-se a regeneração natural da flora melhor adaptada às condições geoclimáticas do lugar (nomeadamente infestantes).

Sem ter os conhecimentos necessários para caracterizar, em termos propriamente científicos, o estado de degradação, a simples constatação "in-loco" permite-nos verificar que certas árvores estão a ser estranguladas por heras e outras trepadeiras; outras têm um porte subdesenvolvido, muitas estão revestidas de fungos e musgos, partidas por vezes, derrubadas, crescendo fora da sua linha normal de verticalidade, ou com as raízes expostas.

Estas são as "patologias" que a simples e leiga observação pode constatar, decorrentes de uma ausência de manutenção sistemática nos diferentes estratos do povoamento vegetal da Mata.

B) PERCURSOS

Por volta de 1980 foi instalado na Mata um "Circuito de Manutenção". Se por um lado, este circuito, pretendeu ser um equipamento de lazer, que permitisse à população disfrutar de um modo saudável da Mata, por outro, a sua extensão a todo o território da mesma, veio quebrar a necessária e desejada quietude de alguns caminhos e zonas de estar, por quanto estas últimas foram ocupadas com equipamentos para exercícios físicos, o que evidentemente perturba a atmosfera de recolhimento próprio destes locais; - exemplo, o sítio da "Fonte da Gruta".

Se bem que necessária, a implantação deste circuito de manutenção, requer uma profunda revisão, de modo a torná-lo compatível com o "Espírito do Lugar".

5.2.5 - OS ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS, SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO MURADO, ENQUADRAMENTO E CONSERVAÇÃO.

A) A MURALHA DO CASTELO

Nos flancos sul e nascente, a muralha Templária é o elemento dominante na paisagem. As suas torres, conferem-lhe ritmo e na frente sul o muro da Horta dos Frades dá-lhe continuidade até se fundir com o muro da Cerca a poente.

O alambuarte ou embasamento da muralha, vulgarmente conhecido por "sapata", é uma superfície em talvegue, correspondente à encosta do monte propriamente dita, e é capeado com um empedrado de pedra regular em toda a sua extensão.

Este capeamento da "sapata" segundo as fotografias que conhecemos dos anos 1930, estava votado ao abandono e assim esteve até 1987.

Ver
Figuras
3A, 3B, 3C
e 17A, 17B
e Fotografia 4

Presumimos que a última acção de manutenção deste gigantesco e importante elemento da muralha, foi feito pelo Conde de Tomar, nos finais do século XIX, porquanto, uma placa alusiva a um restauro que aquele nobre praticou na muralha do Castelo, menciona uma data dessa época.

Ver
Fotografia 40

Em 1985, uma inspecção que pessoalmente fizemos ao local, dava como aparentemente desaparecido o empedrado da sapata, porquanto, com o avanço da vegetação nativa pela sapata acima, "sepultou" o referido alambuarte. Fendas abertas em alguns trechos da muralha, denunciavam cedências no embasamento onde assentavam. Coberto de vegetação e de terras que durante 60 anos foram trazidas pelas chuvas e retidas pela vegetação, o alambuarte jazia 30 cm abaixo de uma camada de terra e composto vegetal, que o tempo naturalmente foi lavrando.

Ao alambuarte estavam agarradas dezenas de carvalhos, freixos, azinheiras e outras árvores que ali nasceram e espontaneamente cresceram.

Ver
Fotografia 41

Quando em 1987/1990, procedemos à limpeza e reparação do alambuarte, retirámos, depois do corte, muitos cepos que com as suas raízes chegavam a pesar uma tonelada, cada um. O esforço financeiro para restaurar o empedrado do alambuarte foi considerável e estima-se que a sua manutenção em todo o período de abandono, a ser praticada, não teria custado o terço do que custou o restauro.

Ver
Fotografia 42

Pela mesma ocasião foi reposta e alargada a estrada de circunvalação da Mata, que longeia a sapata nos flancos nascente e sul da muralha. Como não foi feita nenhuma manutenção, a vegetação, desde então, invadiu praticamente a estrada em todo o percurso do flanco nascente da muralha bem como toda a área que ao longo do flanco sul havia sido limpa. Senão houver lugar a uma rápida intervenção de manutenção teremos dentro de alguns anos, árvores de novo a nascerem em cima do alambuarte do Castelo e de novo a sepultá-lo por debaixo de terra, manta-morta e vegetação.

Independentemente deste "conflito" entre a natureza e monumento, - originando a este último, problemas de conservação -, é a própria paisagem histórica que é afectada, porquanto o sentido defensivo que tivera, no contexto da sua época, o Castelo Templário, resulta da sua própria proeminência no conjunto montuoso do Lugar dos Sete Montes.

Ver
Fotografia 42

Por outras palavras, é o próprio monumento, enquanto documento, que é afectado na sua própria substância histórica. Esta situação é o caso mais premente de um duplo conflito na cerca conventual, por um lado a ausência de manutenção dos estratos vegetais que acarreta problemas ao próprio coberto vegetal, por conseguinte à paisagem e por outro lado a mesma falta de manutenção atenta à degradação do património monumental.

Ver
Figura 6

B) AQUEDUTO DO CONVENTO DE CRISTO.

Construído entre 1593 e 1613, por Filipe Terzi, na Dinastia Filipina, o Aqueduto Filipino percorre dentro da cerca conventual uma extensão de sensivelmente 320 metros. Da Cerca até ao Convento, - imediações do Claustro Principal-, percorre em conduta aérea cerca de 100 metros. Da Cerca até à sua nascente, quer por condutas aéreas, quer subterrâneas, percorre cerca de 5500 metros. Os problemas de manutenção do aqueduto, quer dentro da Cerca, quer fora desta e até à nascente, são os mesmos, porquanto o agente, grandemente responsável pela sua degradação é a vegetação espontânea (41).

Sendo a conduta e as estruturas de suporte (arcarias) construídas de pedra talhada, a vegetação espontânea, "invadindo" o aqueduto encontra nas suas juntas, tanto exteriores como interiores, o local propício para a sua fixação e enraizamento. Dentro do espaço da Cerca há mesmo parcelas do aqueduto em conduta aérea que deixaram de ser visíveis por força da sua ocultação pelas espécies vegetais.

Ver
Fotografia 43
e 43A

C) CHAROLINHA.

Num contraforte de um monte, perto do extremo sul/poente da Cerca, verte, de uma mina de água para um tanque circular, implantado no cimo de uma linha de escorrência, entre duas encostas.

A entrada da mina, em forma de gruta, não deixa ver a boca de onde a água surge do interior da terra, porquanto esta foi entaipada por alvenaria de cimento, em época recente, e verosimilmente encanada; a água brota por uma bica em tubo de ferro galvanizado.

Daí, atravessando a estrada corre em canalização subterrânea para o tanque redondo que circunda a casa de fresco, também redonda, conhecida por Charolinha.

A Charolinha é uma casa circular, com cúpula esférica, inteiramente construída em pedra de cantaria, montada a junta seca. No seu interior, em frente à porta de acesso, houve outrora uma pia com forma de calote oval, semelhante à que se encontra no interior da Ermida da Imaculada Conceição, na encosta do Castelo. Ainda no interior, cada lado do corpo cilíndrico da construção dois lanços de pedra percorrem o espaço entre a porta e o lugar da pia. Duas frestas, a meia altura, iluminam e ventilam o interior da casa de fresco. O paramento exterior é guarnecido de pilastras jónicas, com capitéis semelhantes aos das colunas também jónicas do Claustro de Torralva no Convento de Cristo.

Salvaguardadas as devidas proporções e a situação de estar no meio da água, esta casa apresenta muitas semelhanças com o Templete redondo da Senhora do Monte, que D. João de Castro em 1542, fez construir na sua Quinta da Penha Verde em Sintra (42).

A Charolinha, eleva-se com graciosidade acima do nível da água do tanque e uma ponte de pedra, faz a ligação desta casa com o primitivo bordo do tanque.

Além das intervenções de manutenção, de que foi objecto em 1938, a Charolinha e o seu tanque parecem manter intacta a sua traça primitiva. Apenas foi alteado, nessa data o bordo do tanque (43). Mais tarde, em 1955 teria sido colocada uma pedra de ornato a rematar o cimo da cúpula da casa de fresco; essa pedra, se foi colocada, desapareceu entretanto, porquanto hoje em dia é inexistente o remate da cúpula (44).

Não fora o vandalismo, o estado geral de manutenção da Charolinha seria exemplar; no entanto, o desrespeito dos transeuntes, encheu-a de "graffitis" riscados no seu delicado paramento calcáreo.

Os ornatos do entablamento, carecem também de manutenção. As plantações encostadas ao bordo sul do tanque, - plátanos e outras folhosas -, não são a nosso ver desejáveis, porquanto além de ensombream a água, acabarão com o tempo por afectar a parede e o fundo do tanque.

D) TANQUE DA CADEIRA D`EL REI

Este tanque, é de todos os elementos arquitectónicos utilitários da Cerca, o mais afectado pelas plantações da Mata. As resinosas que foram plantadas a partir de 1938, ameaçam o muro de suporte de terras que longeia o passeio à volta do tanque.

Actualmente porque o aqueduto se encontra desactivado, este tanque, é também alvo do vandalismo que não poupa as suas paredes vazias para as preencher de "graffitis". Mas o grande abandono, reside, naquele a que é votado o próprio aqueduto do Convento, que não cumprindo a sua função, não traz também a água tão necessária para manter o tanque e a sua mãe-d`água, funcionais.

Ver
Fotografias
19 e 20

Ver
Fotografia 44

Ver
Fotografia 45

Ver
Fotografia 46
Ver
Fotografia 47

Ver
Fotografias
48 e 49

Ver
Fotografia 50

Ver
Fotografia 51

Ver
Fotografia 52

E) TANQUES DO VALE DA RIBA FRIA

O tanque grande, que já foi atrás referido, é um recipiente a céu aberto. Porque o tanque da Cadeira D`El Rei não funciona, este também não. Os problemas de degradação são também idênticos ao primeiro. O tanque pequeno, é o único que se apresenta sem indícios de degradação; a sua vizinhança com o jardim formal, coloca-o a coberto dos actos de vandalismo. Porque recebe actualmente a água da "Fonte da Gruta" é o único que se encontra em actividade.

Ver
Fotografia 18

Ver
Fotografia 53

Existe, também no jardim, no topo sul/poente, uma cisterna coberta, cujo armazenamento, abastecido por camião cisterna, se destina a prover o jardim de água, em épocas estivais sêcas.

Ver
Fotografia 54

F) FONTEDA GRUTA

Aberta e construída num talvegue artificial, muito inclinado, é constituída por um paramento em "rocaille", tanto na cavidade interior como no pequeno tanque exterior e paramento de "fachada".

A criação do talvegue, feito desbastando uma parcela da encosta do monte do Castelo, originou uma aprazível clareira que antecede a Fonte da Gruta e lhe confere um recuo, face ao caminhante, de uma certa teatralidade.

Ver
Fotografia 55

Parcialmente coberta pela vegetação infestante, a fonte apresenta um aspecto de degradação, acentuado por actos de vandalismo que sujam o interior da cavidade com latas de refrigerante e restos de "pic-nic".

O "caudal" de água é "regular" do Outono à Primavera. Por falta de manutenção do sistema de captação e adução, não debita água no Verão.

Ver
Fotografia 56

G) FONTE DOS JASMINS

Como já foi dito, esta gruta antecede o tanque grande, quinhentista. Construída num pequeno enclave da encosta do Castelo, apresenta o paramento e o tanque construídos também em "rocaille"; Possui diante de si uma pérgula por onde se debruçam os jasmíns.

Implantada a meio do percurso da estrada norte do anel inferior, é um lugar aprazível para um momento de pausa ao caminhante que deseje embrenhar-se depois pelos caminhos da Mata.

Ver
Fotografia 57

A situação do seu "caudal" é idêntica à da "Fonte da Gruta".

H) LAGAR DA CERCA

Ver
Fotografia 28

Hoje, desactivado, o lagar ocupava uma ampla casa estabelecida, como já foi referido, entre uma parcela de arcaria do aqueduto e o muro da Cerca.

Ver
Fotografias 58,
59 e 60

Deixou provavelmente de funcionar desde que a Cerca foi convertida em Mata Nacional. Depois serviu de local de guarida a gado muar e de arrecadações várias. O seu estado de degradação situa-se ao nível das coberturas, sendo a conservação das suas paredes, de razoável estado. A sua recuperação assevera-se sem problema se for também recuperado o olival da Cerca . . .

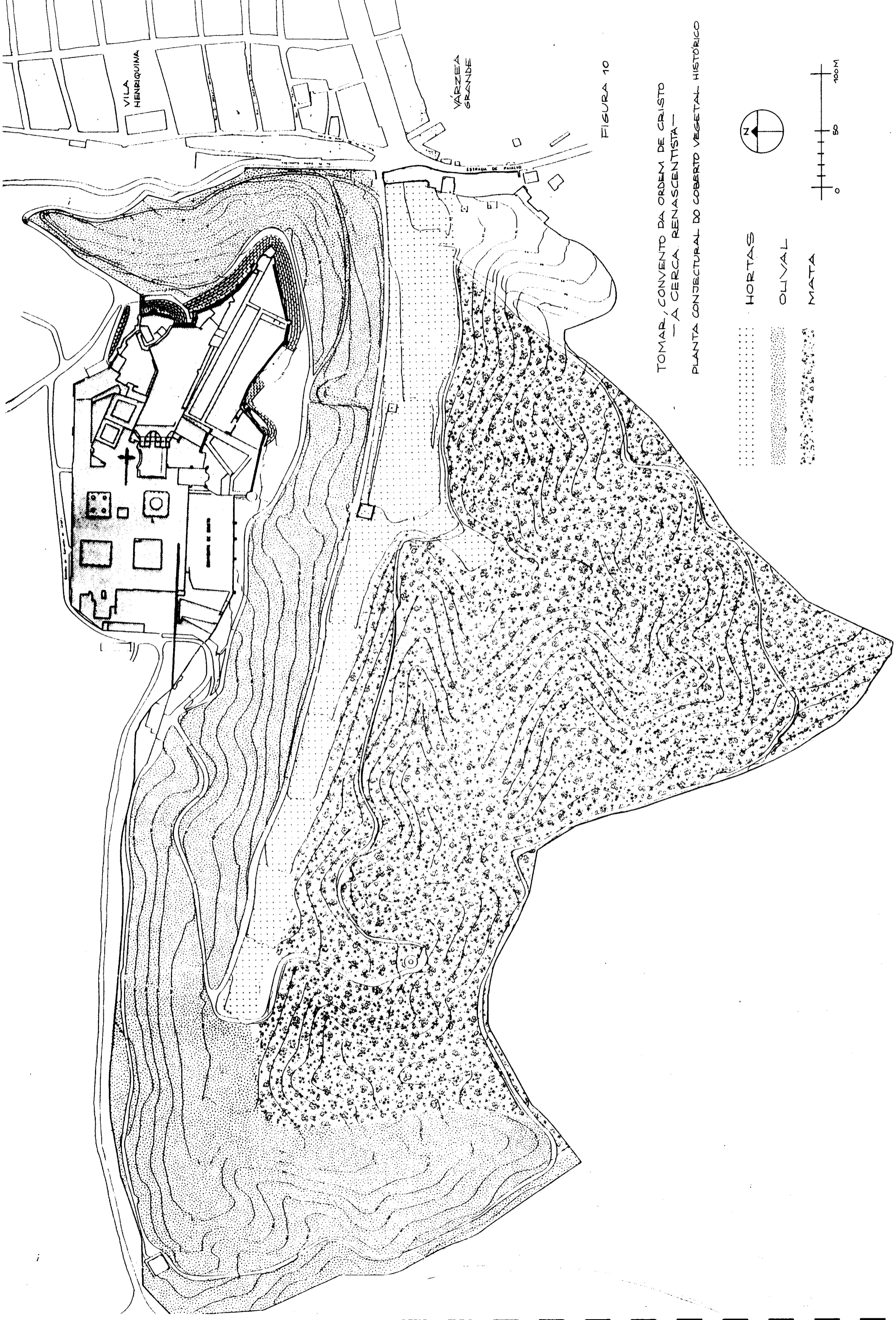
I) MURO DA CERCA

Ver
Fotografias 31
e 32

. . . " O qual está todo cercado de parede de pedra e cal com a altura de braça e meia," . . . (45)

Na sua base, o muro prefaz a largura de um côvado (cerca de 45 cm) mas só nalguns trechos é que se verifica a altura de braça e meia (1, 85 m X 1,5 = 277, 5 m). Por vezes a sua altura é tão fraca que é fácil a um homem de estatura média, trepar e galgá-lo. O seu estado de conservação geral é bom, porém nalguns sítios apresenta situações de ruína que só estimulam a devassa do espaço murado.

Ver
Fotografia 61



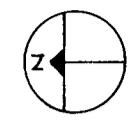
VILA HENRIQUINA

VÁRZEA GRANDE

FIGURA 10

TOMAR, CONVENTO DA ORDEM DE CRISTO
 — A CERCA RENASCENTISTA —

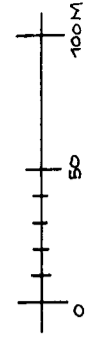
PLANTA CONJECTURAL DO COBERTO VEGETAL HISTÓRICO



HORTAS

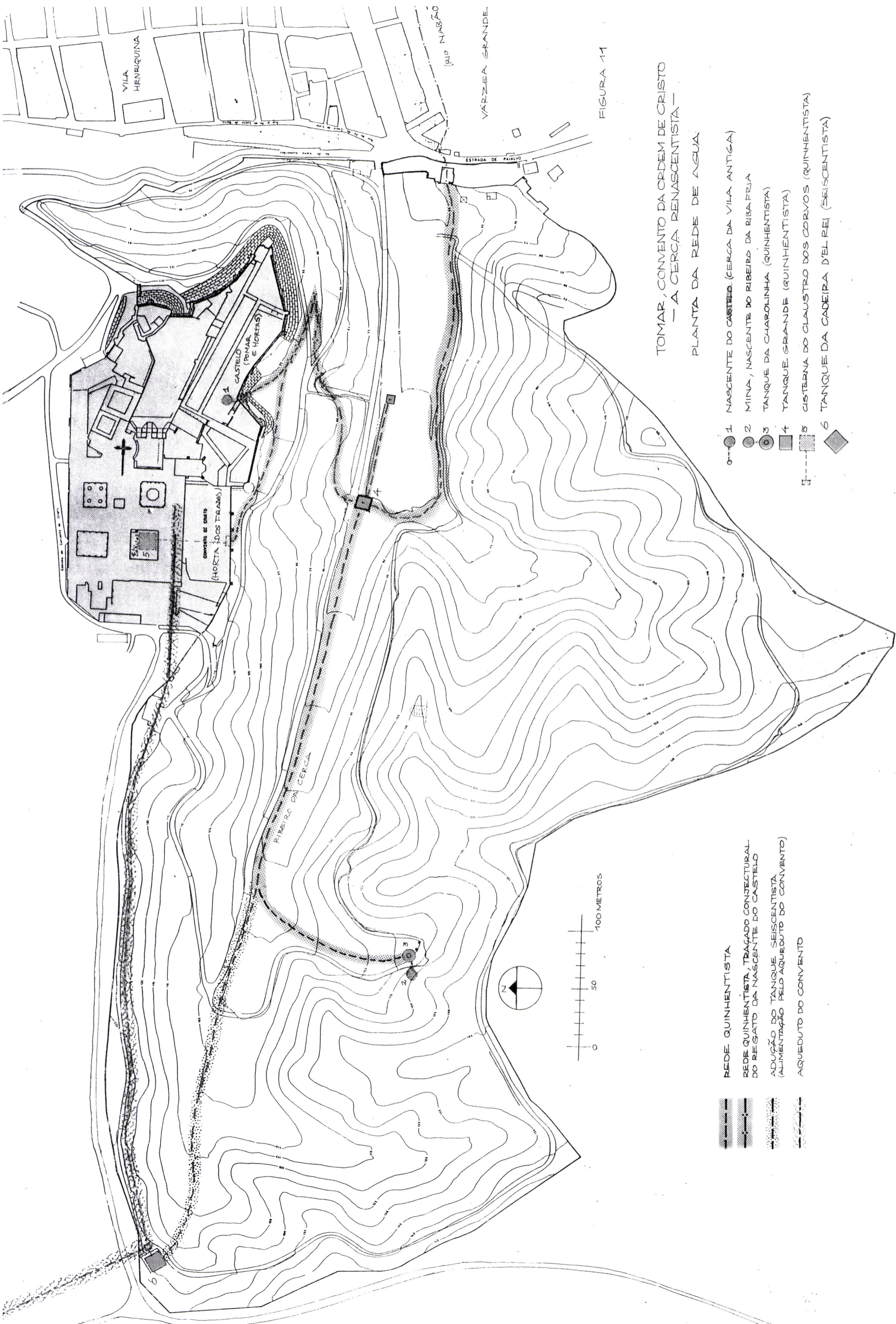
OLIVAL

MATA





Fotografias 15 e 15A.
Dois aspectos actuais da antiga mata de carvalhal da cerca histórica.



TOMAR, CONVENTO DA ORDEM DE CRISTO
 — A CERCA RENASCENTISTA —
 PLANTA DA REDE DE AGUA

- REDE QUINHENTISTA
- REDE QUINHENTISTA, TRAÇADO CONJETURAL DO REGATO DA NASCENTE DO CASTELO
- ADUÇÃO DO TANQUE SEISCENTISTA (ALIMENTAÇÃO PELO AQUEUDO DO CONVENTO)
- AQUEUDO DO CONVENTO

- 1 NASCENTE DO CASTELO (CERCA DA VILA ANTIGA)
- 2 MINA, NASCENTE DO RIBEIRO DA RIBAFEIA
- 3 TANQUE DA CHAROLINHA (QUINHENTISTA)
- 4 TANQUE GRANDE (QUINHENTISTA)
- 5 CISTERNA DO CLAUSTRO DOS CORVOS (QUINHENTISTA)
- 6 TANQUE DA CADEIRA D'EL REI (SEISCENTISTA)

FIGURA 11



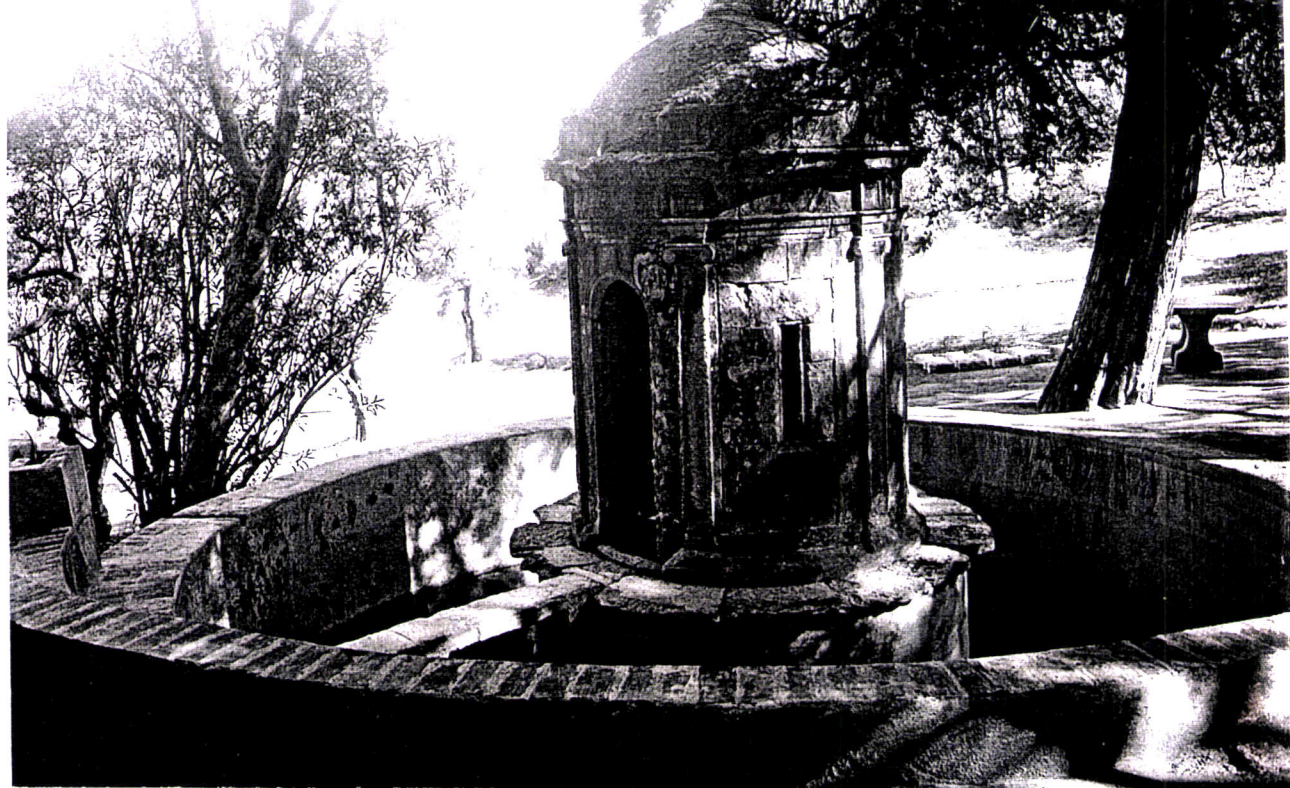
Fotografia 16.
O túnel do ramal da nascente do Castelo.



Fotografia 17.
A boca do ramal junto à porta d`Almedina

Fotografia 18.
O grande tanque renascentista do Vale da Riba Fria.





Fotografia 19.
O tanque da Charolinha, por volta de 1934. Arq. da D.G. E. M. N..

Fotografia 20. O tanque da Charolinha por volta de 1995.





Fotografia 21.
A boca da fonte (entaipada) do ramal da cisterna do claustro dos Corvos.



Fotografia 22.
Um trecho do muro de suporte da Horta dos Frades no lugar da dita fonte.



Fotografia 23.
O tanque seiscentista e a entrada para o túnel do ramal do aqueduto.



Fotografia 24.
O tanque seiscentista e a mãe-d`água ao fundo.

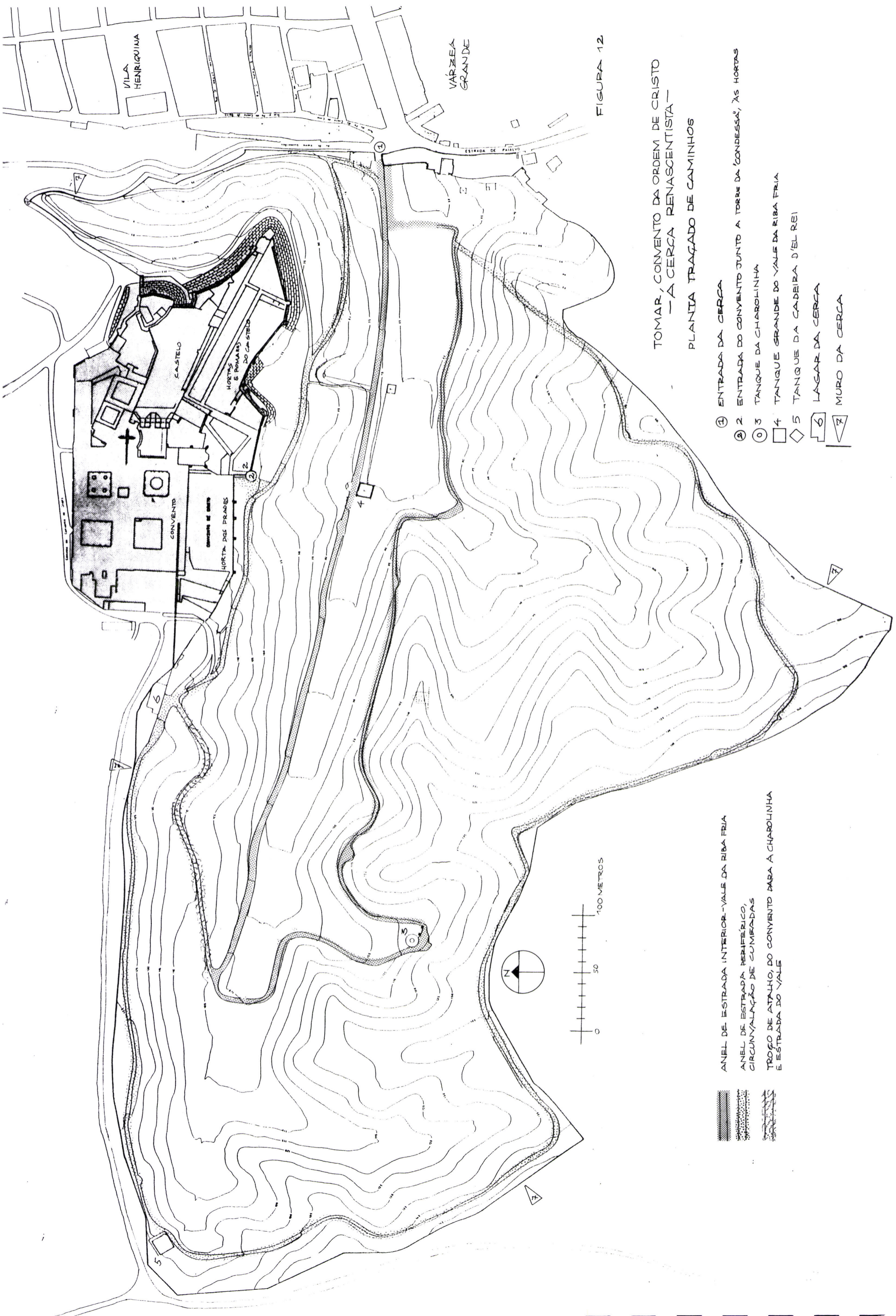


FIGURA 12
 TOMAR, CONVENTO DA ORDEM DE CRISTO
 — A CERCA RENASCENTISTA —
 PLANTA TRAGADO DE CAMINHOS

- ① ENTRADA DA CERCA
- ② ENTRADA DO CONVENTO JUNTO A TORRE DA CONDESSA, ÀS HORTAS
- ③ TANQUE DA CHAROLINHA
- ④ TANQUE GRANDE DO VALE DA RIBA FRIA
- ⑤ TANQUE DA CADEIRA D'EL REI
- ⑥ LAGAR DA CERCA
- ⑦ MURO DA CERCA

- ANEL DE ESTRADA INTERIOR—VALE DA RIBA FRIA
- ANEL DE ESTRADA REFEIRICO, CIRCUNVALAÇÃO DE CUMBADAS
- TROÇO DE ATALHO, DO CONVENTO PARA A CHAROLINHA E ESTRADA DO VALE



Fotografia 25.
Trecho da estrada principal da Cerca, subindo o Vale da Riba Fria.



Fotografia 26.
A mesma estrada descendo para o Vale da Riba Fria, junto à Charolinha.



Fotografia 27.
A estrada de circunvalação junto à "Torre da Condessa".



Fotografia 28.
A estrada de circunvalação junto ao lagar da Cerca.



Fotografia 29.
Um trecho do aqueduto integrado na Mata.



Fotografia 30.
Pormenor de uma passagem do aqueduto a conduta subterrânea.



Fotografia 31.
Um trecho do muro da Cerca, a poente do Convento.



Fotografia 32.
Um aspecto da extensão sul do muro da Cerca.

Fotografia 33
O Convento de
Cristo com a
Mata da Cerca
Conventual
na região
envolvente,
1992
Vista Aérea.
I.P.C.C.



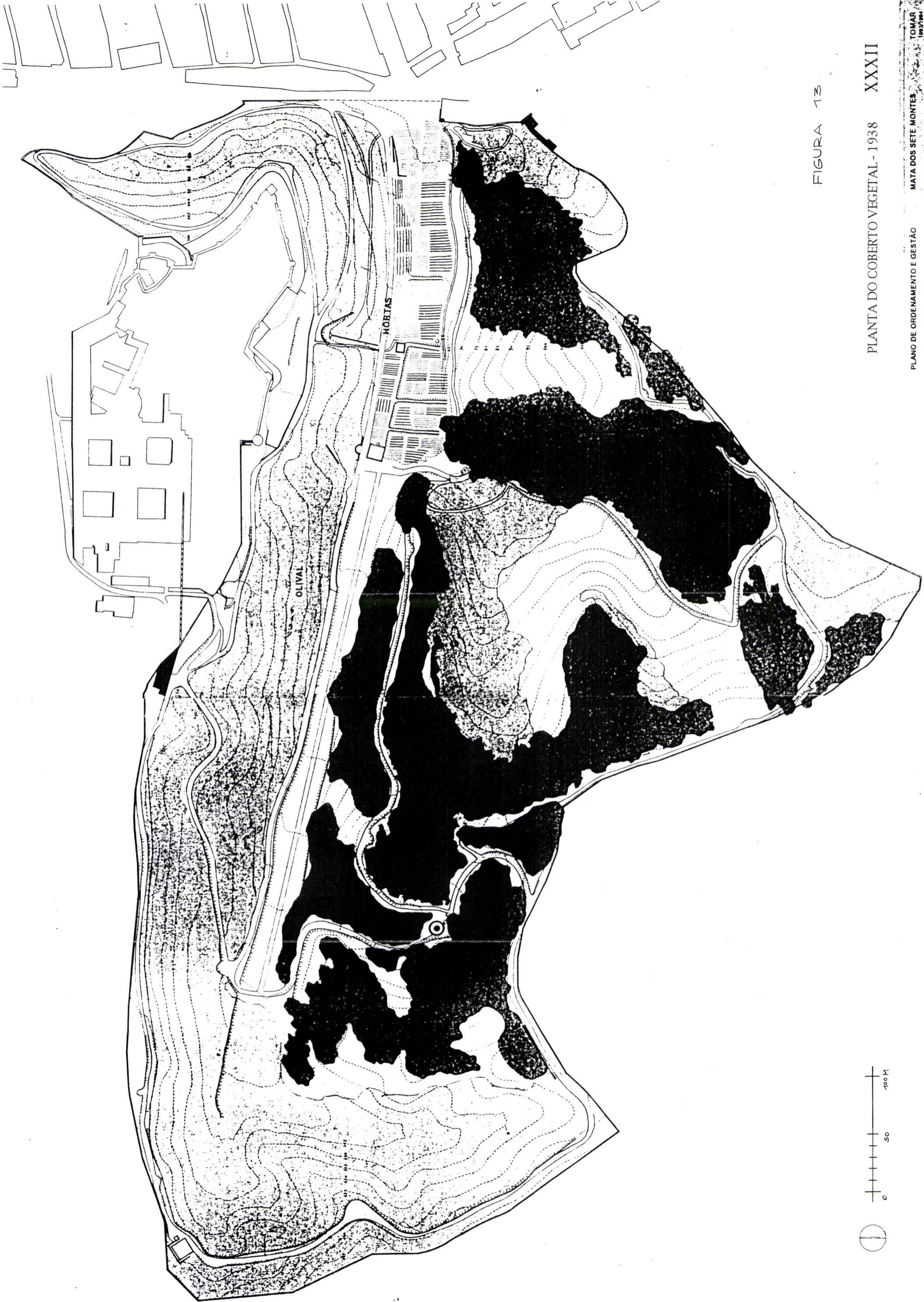
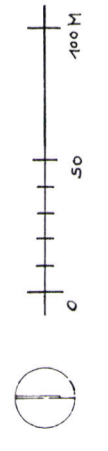


FIGURA 13





- VILLO SURBERO
 - CUPRESSUS SEMPERVIRENS
 - POVOAMENTO DOMINANTE DE RESINOSA
 - POVOAMENTO MISTO DE RESINOSAS E FOLHOSAS
 - POVOAMENTO MISTO DE RESINOSAS
 - ÁRVORES DE ALINHAMENTO
 - EXTRACTO ARBUSTIVO
- An *Acer negundo*
 - C *Cupressus* sp
 - F *Fraxinus* sp
 - Psp *Pinus* sp
 - Pp *Pinus peuce*
 - Ph *Pinus halepensis*
 - Ppn *Pinus pinco*
 - Q *Quercus* sp
 - U *Ulmus* sp
 - J *Juglans regia*
 - P *Palmaris* *

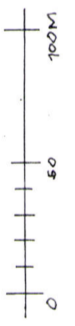


FIGURA 14



Fotografia 34
A Entrada da Mata dos Sete Montes a partir dos anos 1950.



Fotografia 35
"Fonte dos Jasmins", estado actual.



Fotografia 36
"Fonte da Gruta", estado actual.

Fotografia 57
A Mata dos
Sete Montes
e o Convento
de Cristo em
1958.
Vista Aérea.
I.P.C.C..



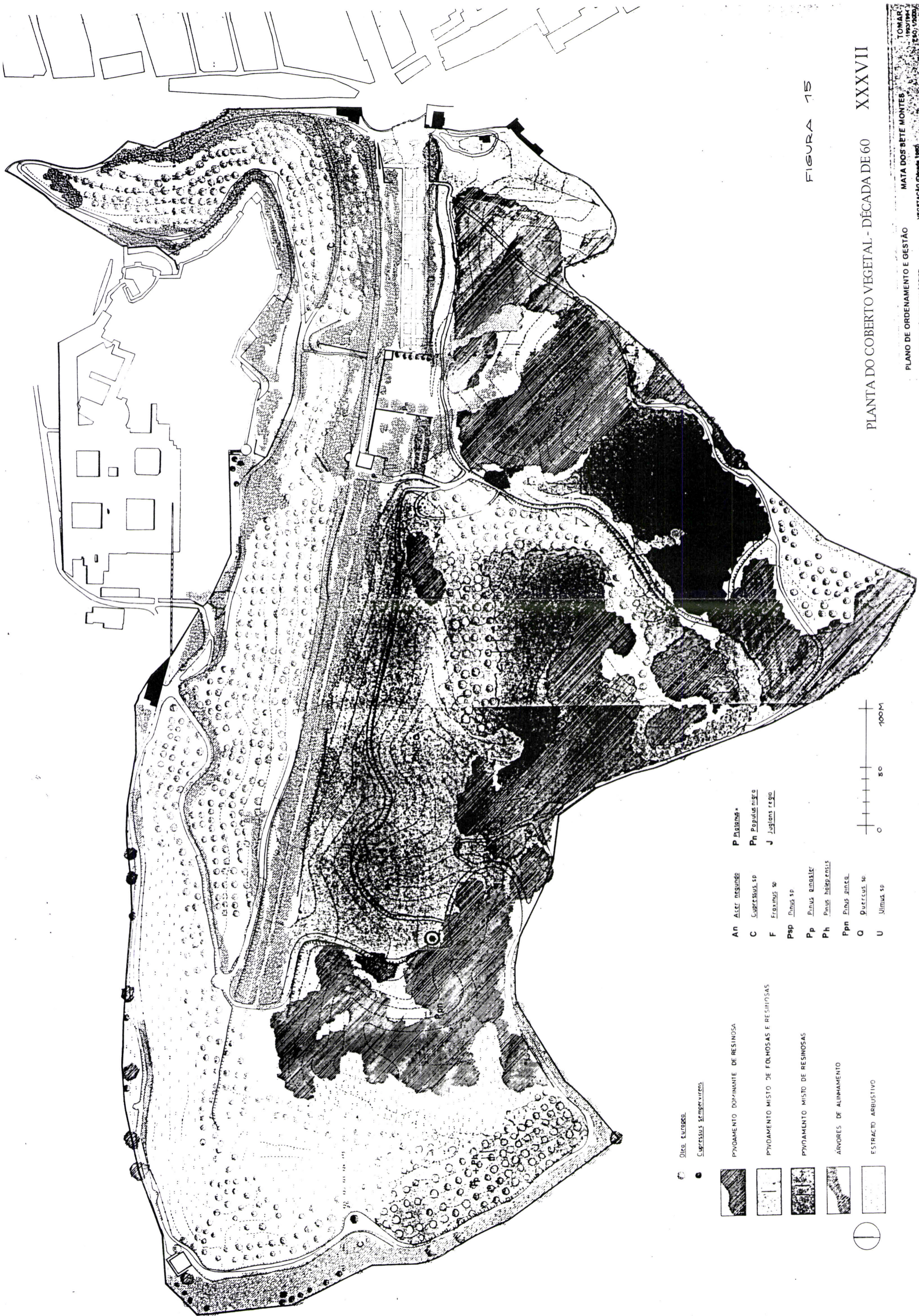


FIGURA 15

PLANTA DO COBERTO VEGETAL - DÉCADA DE 60 XXXVII

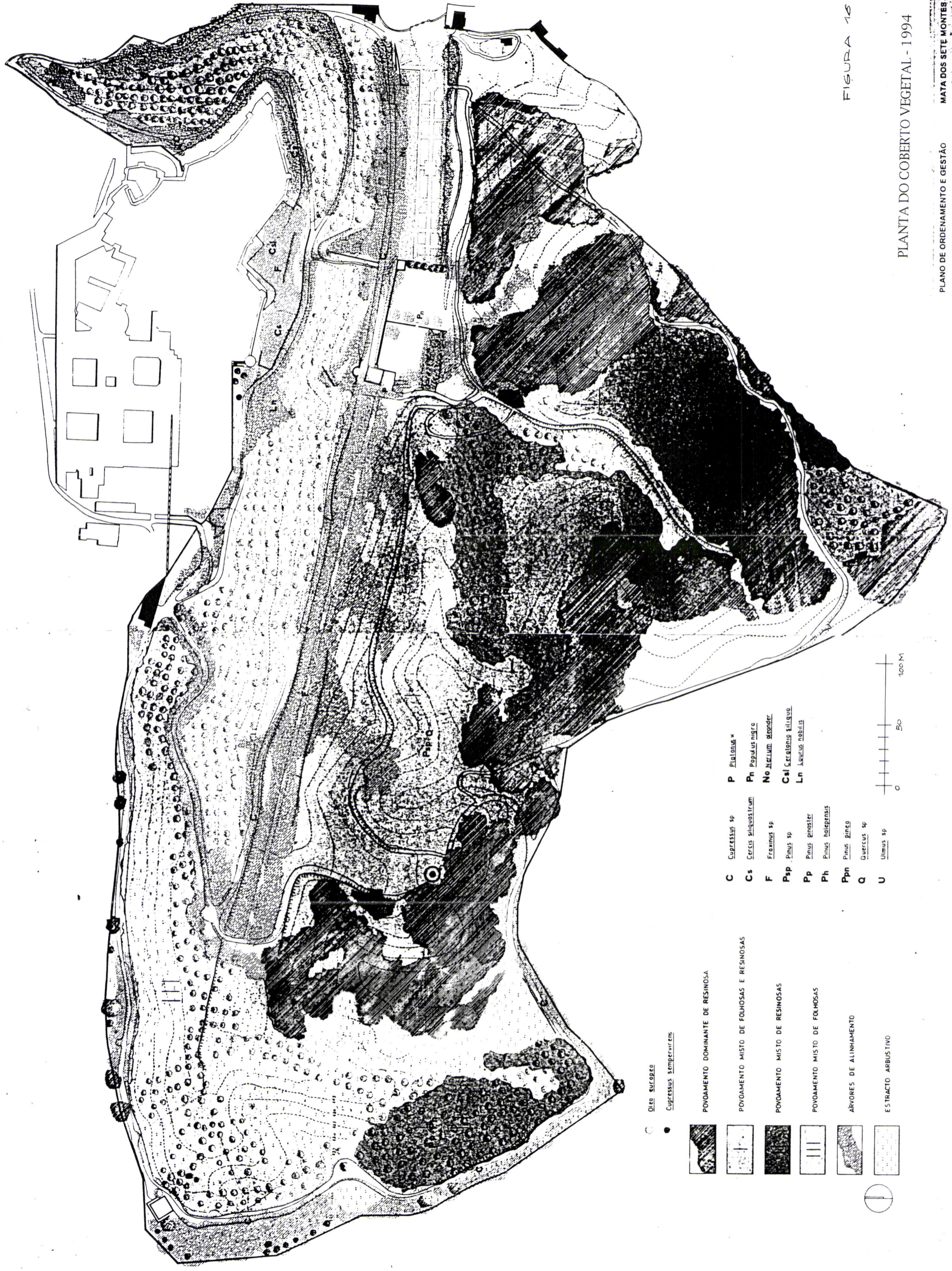
- Olea europaea
 - Cupressus sempervirens
 - PVDOMINANTE DE RESINOSA
 - PVMISTO DE FOLHOSAS E RESINOSAS
 - PVMISTO DE RESINOSAS
 - ARVORES DE ALINHAMENTO
 - EXTRACTO ARBUSTIVO
- A n Acer negundo
 - C Cupressus sp
 - F Fraxinus sp
 - Psp Pinus sp
 - Pp Pinus resinosa
 - Ph Pinus halepensis
 - Ppn Pinus pinaster
 - O Quercus sp
 - U Ulmus sp
 - P Platanus*
 - Pn Populus nigra
 - J Juglans regia



Fotografia 38
A cortina de ciprestes no patamar intermédio do vale.



Fotografia 39
Aspecto do "Parque da Merendas"



- Oleo europeu
- Cupressus sempervirens
- POVOAMENTO DOMINANTE DE RESINOSA
- POVOAMENTO MISTO DE FOLHOSAS E RESINOSAS
- POVOAMENTO MISTO DE RESINOSAS
- POVOAMENTO MISTO DE FOLHOSAS
- ARVORES DE ALINHAMENTO
- EXTRACTO ARBUSTIVO

- C Cupressus sp
- Cs Cercis siliquastrum
- F Fraxinus sp
- Psp Pinus sp
- Pp Pinus pinaster
- Ph Pinus halepensis
- Ppn Pinus pinea
- Q Quercus sp
- U Ulmus sp
- P Platanus x
- Pn Populus nigra
- No Nectum glander
- Csl Crataegus siliqua
- Ln Laurus nobilis

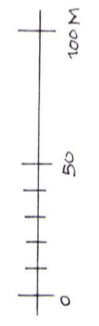


FIGURA 16

FIGURA 17-A

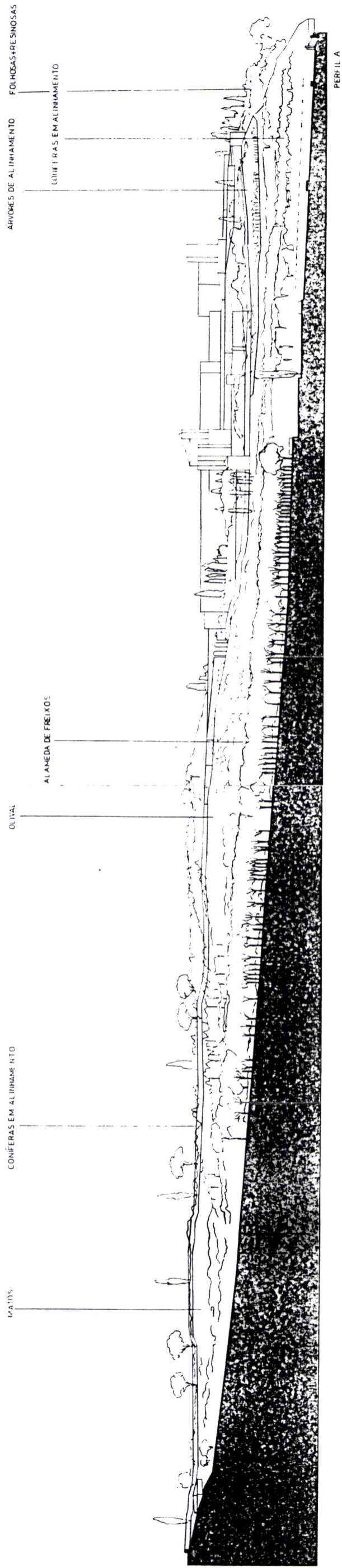
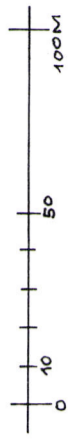
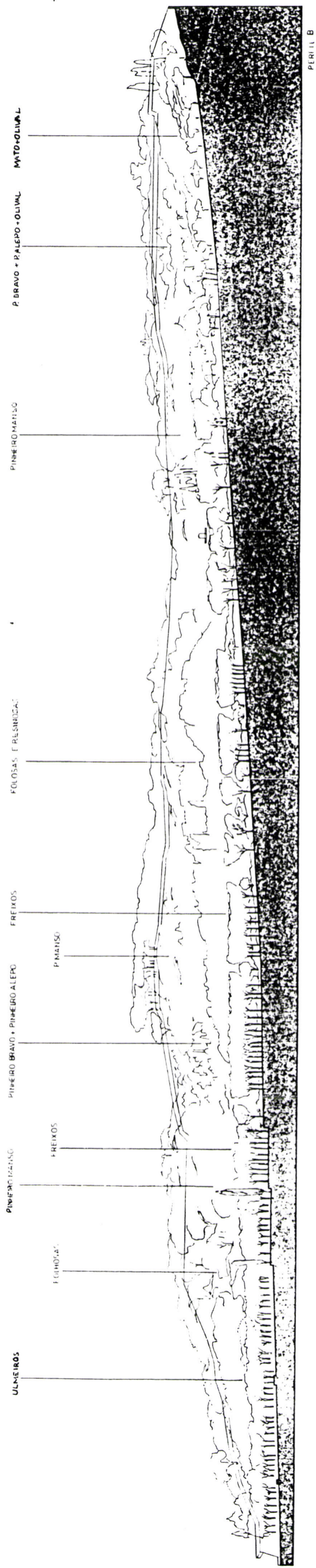


FIGURA 17-B



COBERTO VEGETAL - 1994

PERFIS LONGITUDINAIS DO VALE DA RIBA FRIA

XLI

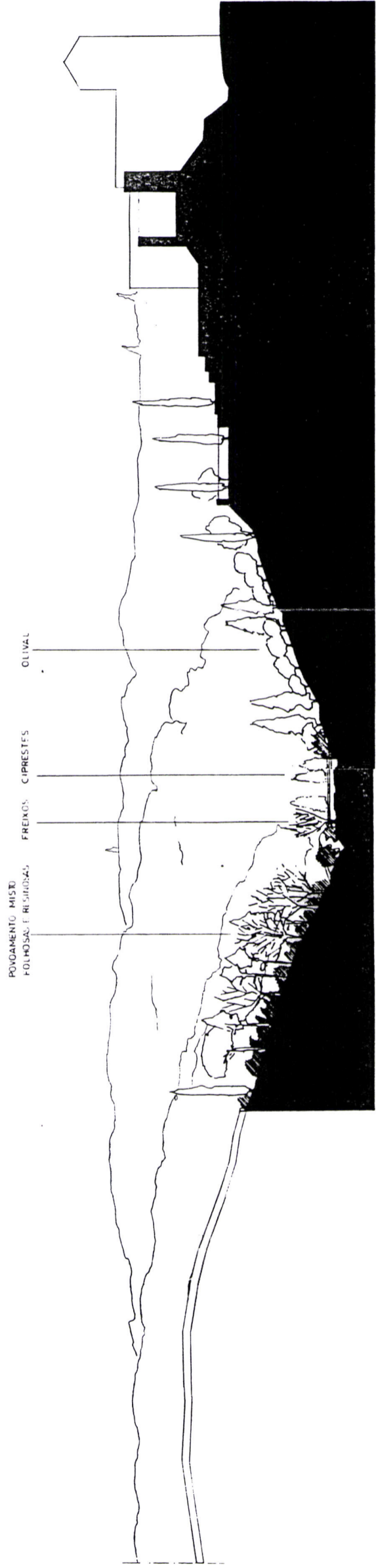


FIGURA 18.A

PERFIL C

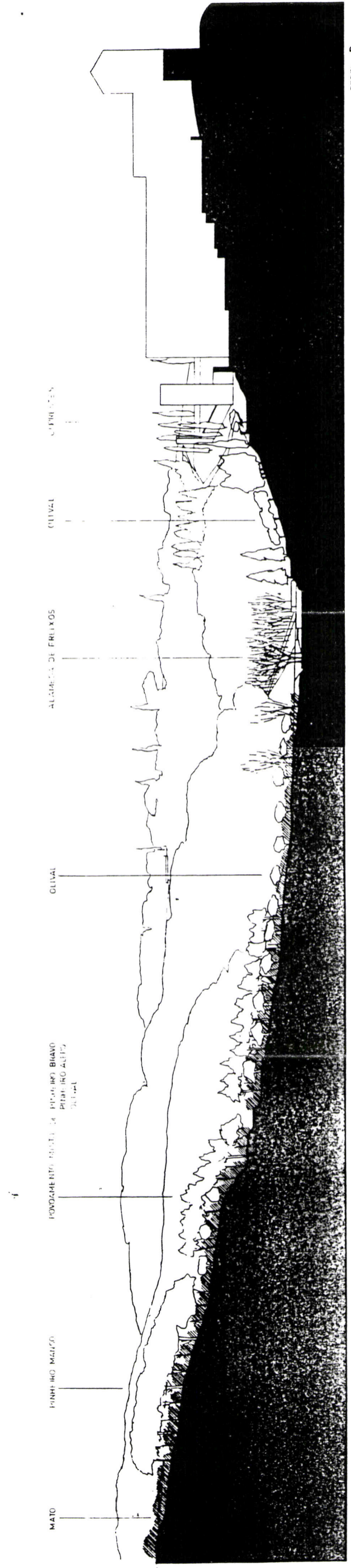


FIGURA 18.B

PERFIL D

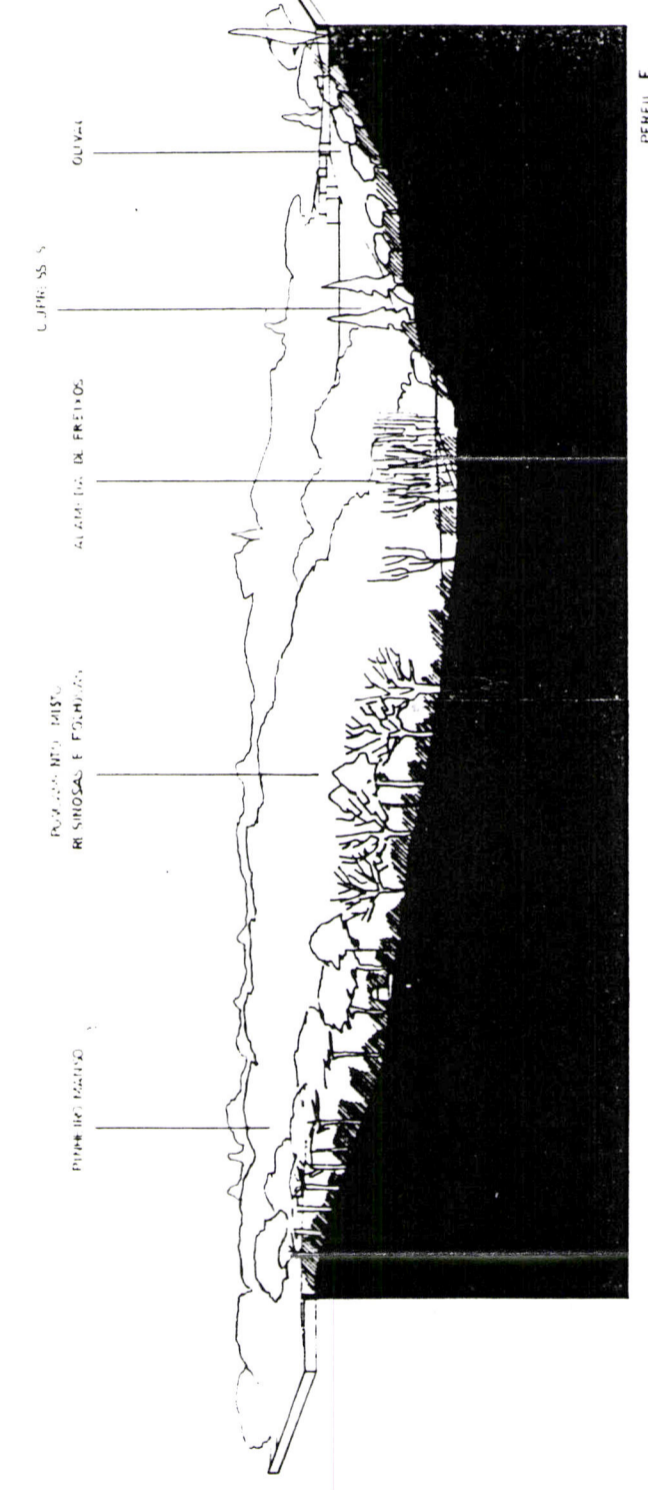
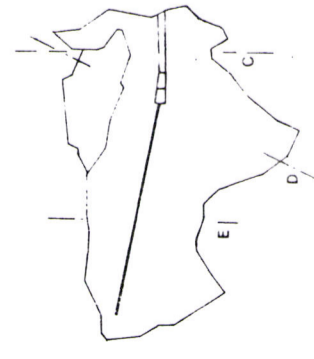


FIGURA 18.C

PERFIL E

COBERTO VEGETAL - 1994
 PERFIS TRANSVERSAIS DO VALE DA RIBA FRIA
 XLII





Fotografia 40
Pormenor da muralha sul do Castelo, restaurada pelo
Conde de Tomar nos finais do século XIX.



Fotografia 41
Pormenor da terra e do mato sobre o alambuarte da muralha, em 1987



Fotografia 42 (I.P.C.C.)
A Mata dos Sete Montes e o Convento de Cristo em 1992.



Fotografias 43 e 43a
Pormenores do aqueduto, (partes aéreas)
parcialmente coberto e invadido pela vegetação.





Fotografia 44
Pormenor da entrada
da mina do tanque
da Charolinha
(ao fundo).



Fotografia 45
Pormenor da boca
da mina, com a
encanação da
água.



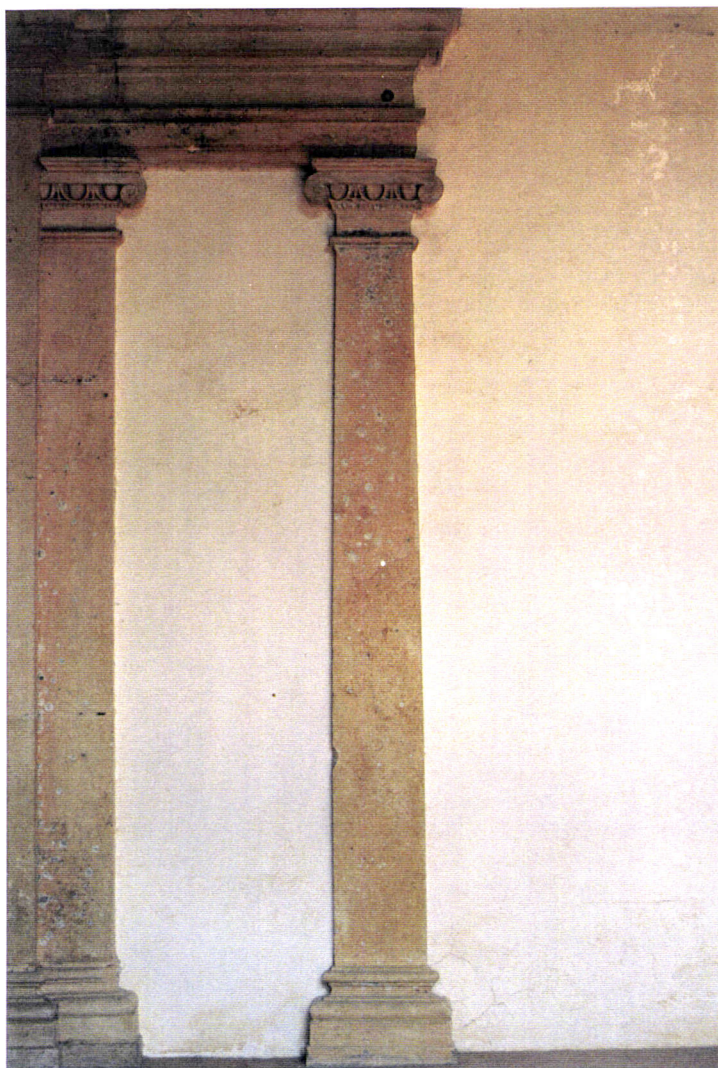
Fotografia 46
Interior da Charolinha.
Pormenor do que
resta da pia de água.



Fotografia 47
Interior da Ermida
da Imaculada
Conceição. Pormenor
da pia de água,
idêntica à que
existiu na
Charolinha.



Fotografia 48
Charolinha.
Pormenor de pilastra
do paramento exterior.



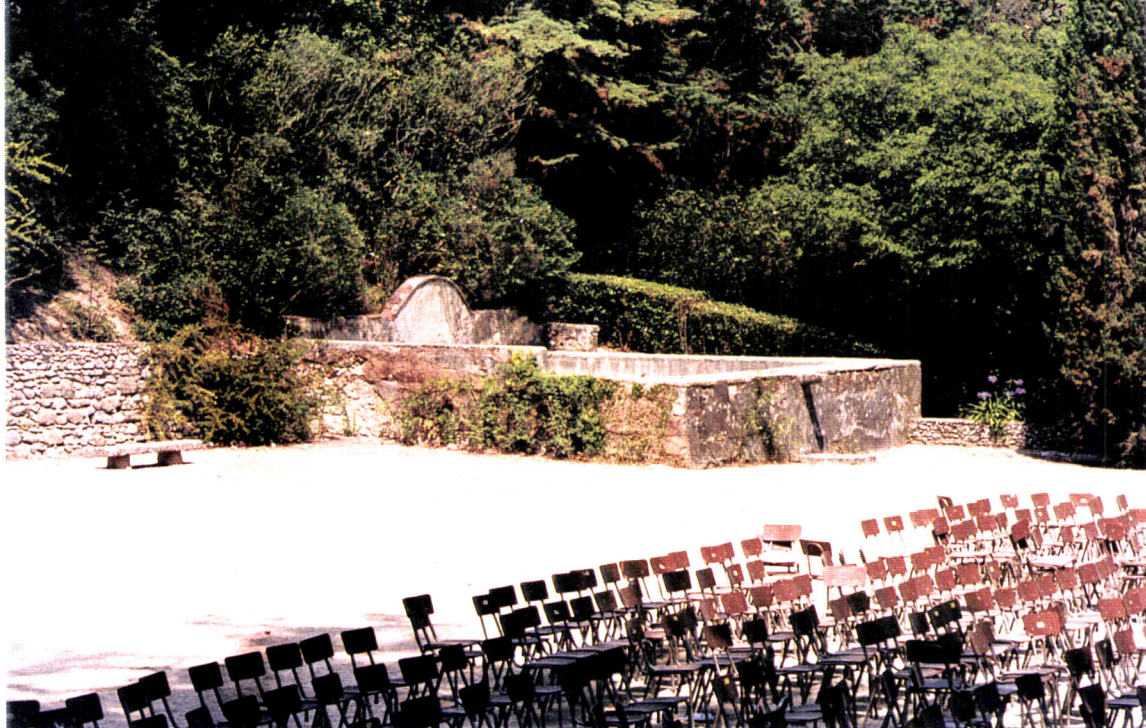
Fotografia 49
Convento de Cristo.
Claustro Principal.
Pormenor de pilastra.



Fotografia 50
Tanque da Cadeira d`El Rei. Muro ameaçando ruína.



Fotografia 51
Tanque da Cadeira d`El Rei. Mãe-d`água.



Fotografia 52
O pequeno tanque quinhentista, no patamar intermédio
do Vale da Riba Fria.



Fotografia 53
O Jardim formal, no primeiro patamar do Vale.



Fotografia 54
A cavidade da
"Fonte da Gruta".



Fotografia 55
O patamar da "Fonte da Gruta" (ao fundo na penumbra, a fonte).



Fotografia 56
A "Fonte dos Jasmins", pormenor da parede e do tanque.



Fotografia 57
A "Fonte dos Jasmins", pormenor da pérgula.



Fotografias 58, 59 e 60
Interior do lagar da Cerca. Aspectos do estado actual.



Fotografia 61
Pormenor de degradação de um trecho do muro da Cerca.

Lugar é uma unidade de paisagem com características próprias, que o homem identifica e com as quais se identifica; isto é, permite situá-lo entre o céu e a terra e conferir ao lugar um carácter existencial.

No dealbar do reino de Portugal, o Lugar dos Sete Montes na margem poente do Nabão, foi identificado pelos Cavaleiros Templários, como propício ao habitar.

A lenda da sua determinação "tirando as sortes",⁽⁴⁶⁾ confere-lhe o carácter mítico da predestinação. A pedra do Altar ao Genio Municipi incorporada na base da Torre de Menagem do Castelo, integra esse carácter mítico pela imanência à crença de que dados lugares eram habitados por entidades divinas tutelares, com as quais o homem se harmonizava para propiciar o habitar.

*Ver
Fotografia 1*

A topografia do próprio lugar é reveladora do carácter místico, no qual a cosmogonia se espelha na singularidade da geografia: "O lugar dos Sete Montes".

Como as sete colinas de Jerusalém, as sete colinas de Roma, também os sete montes da Tomar medieval, intentam esse carácter místico próprio dos lugares sacros ou sacralizados pelo habitar do homem.

A lenda da caça ao porco montês estabelece a relação do homem com a Natureza, mãe e predestinadora, concretizado no nome dado ao lugar:

.. " e que então o Mestre chegou e achou o porco morto e que disse que ali houvesse o dito cabeça nome Tomar." (47)

Tomar o lugar, que o céu e a terra dão ao homem é afinal assumir o carácter existencial de habitar mais perto de Deus, evocando pelo lugar, o paraíso edénico ou a medieval "Civitas Dei"⁽⁴⁸⁾.

Assim, a Tomar dos Sete Montes, encerra em si as três categorias de caracteres, ⁽⁴⁹⁾ próprios dos lugares peculiares da Terra:

O Cosmogónico pelo carácter de lugar de culto, testemunhado pela ara do Genio Municipi e pela lenda da sua fundação.

O Místico, pela sua analogia com outros lugares sagrados. (Os Templários tinham a sua sede na cidade Santa de Jerusalém).

E o do Habitar. O homem começa a viver num lugar, primeiro que tudo porque a natureza o "acolhe bem"; o alimenta, o veste, o protege. Quando o homem constrói a sua casa, ele faz um pacto com a natureza: o de fazer corpo com esse lugar e a sua existência, passa a fazer parte da existência desse lugar.

O seu espírito "tinge-se" das cores do Espírito do Lugar, - que ele reconhece e cultua, quer seja sob a forma de um deus celeste ou terreno, quer "retratado" sob a forma de um Santo ou Santa Padroeira legendário ou de uma Nossa Senhora ou de um Nosso Senhor de tão variados atributos.

*Ver
Figuras 19 e
19A
Ver
Fotografia 62*

O tempo, a seguir é a dimensão que confere a constância e a mudança da existência. Ele faz participar o espaço e os seus caracteres a essa realidade viva que é continuamente representada como um lugar particular; essa realidade é o Espírito do Lugar, O "Genius Loci" ⁽⁵⁰⁾.

É, no âmbito desta fenomenologia do espaço que certos lugares são concretizados como santuários, em quaisquer que sejam as culturas, como forma de os distinguir e separar da paisagem envolvente, e de afirmar o seu carisma peculiar.

Não é por isso alheio a esta linguagem, o facto de o Lugar dos Sete Montes de Tomar, ter sido delimitado como o domínio da Cerca de Clausura dos Freires de Cristo, no século XVI; pese embora a sua extensão e o esforço para o transformar, por emparcelamento, num lugar unitário juntamente com o próprio Convento e Castelo da extinta Ordem do Templo.

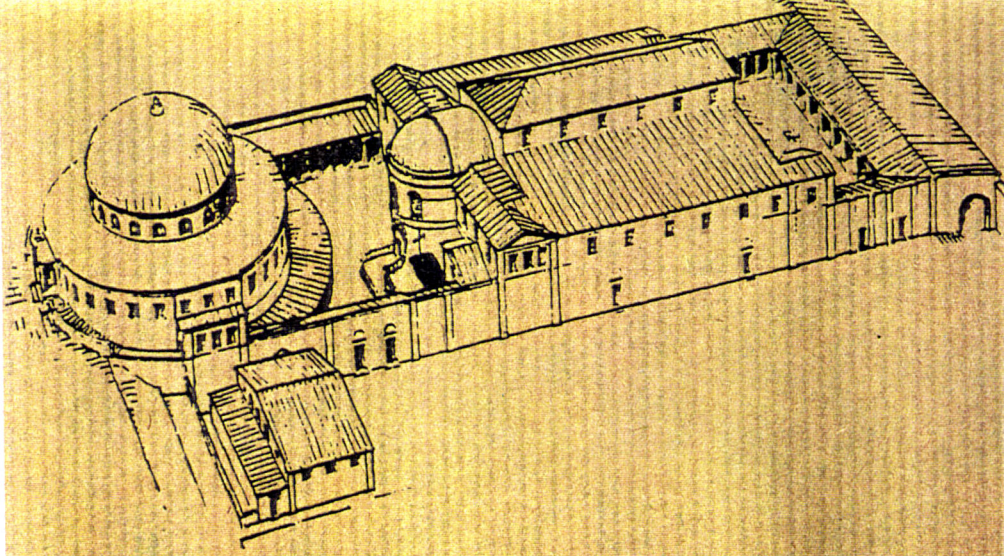
De paisagem natural, o Lugar dos Sete Montes, adveio com o tempo, paisagem cultural, atributo que por ventura, em épocas remotas, já o tivera e que renasce, por assim dizer, com as transformações que o Renascimento trouxera para a vida Portuguesa de então.

A divisão entre Mata dos Sete Montes - isto é, cerca conventual - e Castelo Templário / Convento de Cristo, preterida no nosso século, aliena o sentido histórico e cultural do monumento, porque lhe retira esse sentido de totalidade próprio do Lugar.

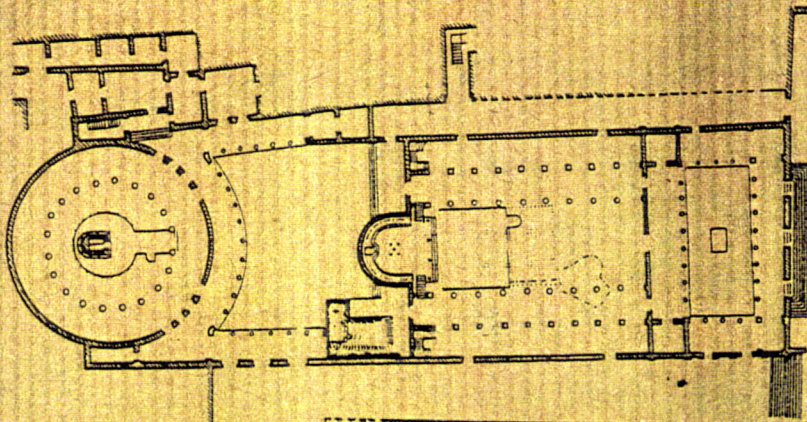
O Património natural que é hoje a Mata dos Sete Montes, não é obstáculo a essa reunificação do Lugar. O que é obstáculo é a desordem em que ele foi construído, por ignorância da própria paisagem histórica, a qual engendrou as plantações aleatórias, o investimento em espécies estranhas e/ou mal adaptadas ao lugar (51) e a carência de uma filosofia de intervenção, que respeitasse, desenvolvesse e enfatizasse a paisagem histórica do lugar.

A proposta de recuperação que adiante explanaremos, toma como corolário que "Monumento" é o Lugar dos Sete Montes, com o seu Castelo Templário, o seu Convento de Cristo e a sua Cerca de Clausura. O próprio Aqueduto Filipino se integra por extensão no Lugar.

Assim o conjunto monumental cessa de ser um agregado de "coisas contíguas" para ser entendido (e demonstrado) como uma totalidade quer em termos de Paisagem Cultural, quer em termos de Monumento único e uno. Isto é, memória e testemunho da vivência do Lugar em todas as épocas, inclusive a nossa.



Figuras 19 e 19A
Igreja do Santo
Sepulcro de
Jerusalém.
Perspectiva e
Planta.



Fotografia 62.
Capela Templária
do Convento de
Cristo.
(Charola)

7.1- PAISAGEM A PROTEGER

A) É necessário propor um perímetro de classificação de paisagem protegida para o conjunto Cerca, Convento de Cristo e Castelo Templário, de modo a permitir a sua valorização e salvaguarda, como um todo. - A extensão desta medida ao Aqueduto do Convento, desde que este abandona o domínio da Cerca até à sua nascente, será tratada separadamente, pelo facto de extravasar, fisicamente, o domínio do Lugar.

Até ao momento actual, apenas o Castelo Templário e o Convento de Cristo se encontram protegidos pela disposição legal de "Zona Non Aedificandi", que protege esta parte do conjunto ao longo de uma área, cujo perímetro é definido a partir do afastamento de 50 metros do monumento.

Esta medida é ineficaz, porquanto ignora a Cerca como parte integrante do monumento.

Ver
Figura 20

Assim propomos que esta zona de protecção se estenda a todo o conjunto, variando o seu afastamento a partir dos 50 metros, segundo as necessidades de protecção, face às pressões da conjuntura urbana envolvente e de modo a tornar esse perímetro de protecção eficaz.

Ver
Figura 21

A excessiva proximidade com que é permitida e praticada a construção para fins habitacionais ou outros, a presença inclusivé de um depósito de sucata, são os primeiros sintomas de degradação da paisagem.

Ver
Fotografias
63, 64, 65

As próprias estradas que a poente e a sul, longeavam com os muros da Cerca, por força de alargamento que as modernas máquinas permitem, aproximaram-se demasiado dos mesmos, pelo que o seu traçado urge ser repensado. A largura e o tráfego que tinham antes do advento do automóvel, estavam consentâneas com a proximidade da Cerca. Hoje já não; os caminhos antigos devem ser protegidos e não desventrados para satisfazer as modernas necessidades do tráfego; estas terão que ser resolvidas por outras soluções.

B) Recuperar as zonas degradadas da paisagem, sobretudo aquelas que mais ferem o conjunto panorâmico do lugar, pela simples razão que são vistas a partir do monumento e interferem com a unidade da paisagem.

Ver
Fotografias
63, 64 e 65

As construções estão lá, não se podem demolir mas podem ser integradas através de uma cortina de plantações que lhe confirmam o "recuo" conveniente, face ao conjunto paisagístico, ou lhe "reduzam" a escala com a qual elas actualmente se impõem na paisagem.

Ver
Fotomontagens
66, 67 e 68

7.2- RECUPERAÇÃO DA CERCA CONVENTUAL

A) O OLIVAL

A recuperação da Cerca Conventual passa forçosamente pela recuperação do coberto vegetal histórico: os "Olivais dos Sete Montes e Vales" (52), continuam presentes no território, há que desembaraçá-lo das espécies que o impedem de se instituir como "sub-sistema" da paisagem conventual. As coníferas e as folhosas, das plantações deste século, poderão ser remetidas - de acordo com um projecto de Arquitectura Paisagista a estabelecer para "espaços neutros", para a bordura dos caminhos e outros espaços onde a sua implantação promovesse o enquadramento do Olival.

Ver
Fotografias
4 e 10
Ver Plantas
Figuras 22 e 27

Há depois a fazer todo um trabalho de limpeza do Olival e das oliveiras afim de propiciar que estas dêem fruto com produtividade.

Ver Perfil A-B
Figuras 30A, e
30B

B) A MATA DO CARVALHAL

Desta, praticamente só existem, como já foi dito, algumas "bolsas". A recuperação deste "sub-sistema", começaria pela sua protecção, eliminando, no seio destas bolsas, e na sua vizinhança, as espécies que impedem a sua consolidação interna e a sua expansão. Ao mesmo tempo, a expansão das bolsas seria orientada de modo a promover a agregação das mesmas e assim reconstituir, onde isso for possível, a unidade da mata.

Ver
Figuras 23 e 27

C) O VALE DA RIBA FRIA

As hortas do vale acabaram com a implantação do jardim formal e dos "patamares de lazer"; mas o vale, continua presente e o jardim conjuga-se com a configuração do mesmo; só o uso mudou nesta parte inferior do vale. Mas a parte superior do vale, (a chã), apesar da alameda que parcialmente a longeia, desapareceu com as plantações deste século.

É por isso fundamental recuperar a chã, libertando-a da mata e do excesso de espécies folhosas que a povoam, evidenciando o seu carácter de depressão (entre duas encostas) e de "zona de clareira", em toda a sua extensão. Assim a continuidade do vale seria recuperada e este não se limitaria ao jardim formal e patamares contíguos.

O uso da chã, no que respeita a plantações, seria objecto de um projecto de pormenor de Arquitectura Paisagista que tomasse em conta as imediações da mata no seu lado sul, o seu carácter ascendente e orientação (a chã sobe até ao lugar do tanque da Cadeira d`El Rei no extremo poente do eixo do vale).

Ver
Fotografias
53 e 69
Ver Plantas
Figuras 24 e 27
Ver
Fotografia 70

Ver Perfil C-D
Figuras 31A e 31B

D) RECUPERAÇÃO DA REDE DE ÁGUAS SEISCENTISTA

A recuperação da rede de águas, passa inevitavelmente pela recuperação das suas fontes de alimentação. O Aqueduto do Convento, é sem dúvida o meio de adução mais importante, por alimentar o tanque da Cadeira d`El Rei e assim prover a irrigação do Vale em toda a sua extensão. Porque esta "fonte" é externa à Cerca, será objecto, mais adiante, de uma abordagem global ao seu estado de conservação.

As fontes de captação de água, existentes dentro da Cerca, encontram-se nos seguintes estados:

Ver Planta
Figuras 23 e 29

Mina do tanque da Charolinha; funciona minimamente, no entanto a sua exploração conveniente poderia aumentar o volume do manancial.

Poço da Antiga Cerca da Vila; ("fonte" junto à Porta de Almedina), provavelmente, não é limpo desde os anos 1935, (53). A sua limpeza melhoraria consideravelmente o débito do ramal que vai para a Cerca Conventual.

Fonte do muro da Horta dos Frades; Na realidade, só o seu desentapamento e posteriores sondagens poderão decidir ou não da sua reactivação.

Os canais de condução da água; são praticamente a céu aberto. Carecem todos de limpeza, as silvas e outras plantas de zonas húmidas ocupam o vau das condutas e impedem o curso da água até aos tanques de rega.

A origem do estado de degradação da rede de água reside no abandono a que foi votada nas duas últimas décadas e o recurso, fácil, à solução de abastecimento por camião cisterna (que vertia a água para a cisterna criada para o efeito na banda sul do jardim) e o uso "inovador" do motor de rega.

Toda a construção renascentista para regar a "Quinta dos Sete Montes", foi abandonada com o advento da "modernidade".

7.3- RECUPERAÇÃO DA "MATA DE RECREIO" DO SÉCULO XX E SUA CONCILIAÇÃO COM O CARÁCTER HISTÓRICO DO LUGAR

A) O COBERTO MODERNO

Antes que tudo há que proceder à sua regeneração. Sobretudo libertando-o das espécies mal adaptadas (54), das árvores mortas ou doentes, das heras que sufocam muitos indivíduos adultos, quer sejam árvores ou arbustos; há que abrir clareiras para facilitar a entrada do sol e regeneração da terra e do ar.

B) FONTE DOS JASMINS E FONTE DA GRUTA

São fontes artificiais, de recreação estética; embora não passem de locais intermediários no percurso da água desde as fontes renascentistas, atrás referidas, para os tanques do vale, a sua reactivação impõe-se como peças notáveis de "jogo de água" e pelo carácter romântico que assistiu à sua criação no contexto da Mata de Recreio.

C) OS EIXOS PANORÁMICOS

Ainda há vinte anos se disfrutava, ao longo dos principais percursos da mata, de pontos de vista sobre o Castelo e o Convento; com o crescimento das espécies modernas, sobretudo o pinheiro bravo, esses lugares panorâmicos desapareceram atrás da cortina de vegetação que ocultou a vista para o monumento.

A reposição dessas aberturas "aproximará" a Mata moderna, do monumento e dará relevo à cerca conventual.

D) O PARQUE DE MERENDAS E O PERCURSO DE MANUTENÇÃO FÍSICA

Na recuperação da Mata de Recreio, é também de prever a reimplantação do parque de merendas, o qual abandonará o olival da encosta do Castelo para ocupar um terreno mais propício na encosta da outra banda do vale, numa zona de limiar com a Mata moderna.

De igual modo o "Percurso de Manutenção", já que necessário, ocuparia os montes do lado sul do vale, na zona da Mata, libertando a sua passagem da proximidade do Olival e do conjunto arquitectónico monumental, pois esta zona seria mais reservada a passeio e ao acesso pedestre ao Castelo.

7.4- RECUPERAÇÃO DAS RELAÇÕES PAISAGÍSTICAS ENTRE PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO E O COBERTO VEGETAL.

A) A CHARNEIRA ENTRE O CASTELO/CONVENTO E A CERCA CONVENTUAL

Como já foi dito em capítulo anterior (55), o coberto vegetal chegou a implantar-se na sapata do Castelo, cobrindo-a completamente e as heras treparam pela muralha acima preenchendo grandes trechos desta.

Trabalhos de limpeza permitiram repor a escala arquitectónica do Castelo, então diminuída, na fachada que dá para a Mata, mas não resolveram senão parcialmente o problema da charneira entre a parte "urbana" e a parte "rural" do Monumento (56).

Ver
Planta
Figura 27
Ver
Fotografia 71

Ver
Fotografia 72A,
72B e 72C

São limites referenciais da Cerca de Clausura, as muralhas nascente e sul do Castelo Templário e a muralha conventual que a sul/poente, suporta a Horta dos Frades e como tal, carecem de tratamento paisagístico adequado, que garanta o afastamento entre o coberto vegetal e o conjunto arquitectónico.

*Ver Planta
Figura 27*

A estrada de circunvalação não é suficiente para criar "distanciamento" porquanto a sua largura é pequena e facilmente é invadida por mato ou espécies infestantes.

A recuperação do Olival viria, em parte, a resolver o problema para as frentes nascente e sul do Castelo; mas ao longo da muralha da Horta dos Frades, toda a envolvência careceria de uma intervenção que passasse pela eliminação do excesso de vegetação, que não só oculta parte do muro, como ameaça este na sua estrutura com trepadeiras e até arbustos que conseguiram alojar-se no próprio paramento.

*Ver
Fotografia 24
e 73
Ver
Fotografia 74*

Também requerem arranjo paisagístico o terreno junto à porta de Almedina onde em 1934 a Brigada Agrícola construiu as malogradas hortas em socalcos.

Com a recuperação deste terreno, propõe-se também a criação de um caminho que recupere o acesso medieval ao Castelo pela porta de Almedina, abrindo para o efeito, uma passagem no muro de suporte deste patamar.

*Ver
Fotografia 75 e
Figura 32*

7.5- ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS DA CERCA CONVENTUAL

A) O LAGAR DA CERCA

A recuperação do lagar vai no seguimento da recuperação do Olival. Embora o estado da sua construção careça de algumas reparações, a sua recuperação funcional é que dará sentido ao Olival da Cerca.

B) TANQUE DA CADEIRA D`EL REI

Como já atrás foi demonstrado, este local carece de arranjo paisagístico e arquitectónico. É a partir deste lugar que começa a depressão do Vale da Riba Fria.

O arranjo paisagístico, visará restituir-lhe o lugar de ponto culminante do relevo, a vista para o vale e o conveniente afastamento das coníferas e resinosas, que da banda sul sobre ele avançam com prejuízo para os elementos arquitectónicos do local.

O arranjo arquitectónico, passa pelo restauro do muro que faz de "espaldar" ao tanque, pelo restauro do ramal que traz a água do aqueduto para o tanque e por pequenas reparações na mãe-d`água, que entre estes dois se interpõe.

C) TANQUE DA CHAROLINHA

Para além de pequenas obras de conservação e limpeza, sobretudo na "Casa de Fresco", o local precisa de ser valorizado por um arranjo paisagístico que o liberte da vegetação impeditiva de este se ligar visualmente à chã do Vale e promova, a partir desta, um percurso que relacione facilmente a Charolinha com o Vale.

D) O AQUEDUTO CONVENTUAL

É pacífica a recuperação do aqueduto dentro da Mata. Esta resume-se essencialmente ao restauro de algumas partes aéreas da conduta e à sua valorização paisagística.

Onde a recuperação do aqueduto se torna complexa, é a partir do local em que ele extravasa o domínio Conventual, para se lançar por cinco quilómetros de extensão, na busca das suas nascentes situadas para poente, num lugar de Freguesia de Carregueiros.

Há vinte anos o aqueduto ainda estava activo. O abuso de alguns habitantes do lugar, tem desviado impunemente a água das referidas fontes para usos particulares.

Juntamente com as suas nascentes o aqueduto conventual é um imóvel classificado que integra um monumento classificado Património da Humanidade.

Sem medidas de protecção legais adequadas, não é possível activá-lo.

Por outro lado, as suas partes em conduta aérea, sobretudo a monumental arcaria do Vale dos Pegões, são objecto de actos de vandalismo e pilhagem, que lhe retiram as lages que cobrem a conduta, em autênticos furtos para fins particulares. Também as "Mães-d`água" são devassadas e vandalizadas, retirando-lhes um e outro elemento arquitectónico de valor ornamental. Depois disto, já são males menores, a invasão da conduta e das alvenarias por plantas infestantes, para acrescentar ao estado de degradação desta notável obra da Dinastia Filipina.

Dado o teor do assunto, a recuperação do aqueduto conventual terá que ser objecto de um estudo e projecto específicos que excedem o âmbito deste trabalho.

E) MURO DA CERCA

Para além das medidas de protecção mencionadas na proposta de "Paisagem Protegida".

O muro da Cerca carece de medidas de protecção contra o devassamento. A "braça e meia" de altura do muro de que nos fala o cronista (57), nalguns trechos não o é, ou com o tempo deixou de o ser; pelo que o alteamento do seu pé-direito em alguns locais se torna necessário afim de dissuadir os eventuais intrusos.

De uma maneira geral, carece de alguma manutenção, que se for regular, poderá evitar as situações de brechas, já referidas.

*Ver
Fotografia 61*

7.6 - ENTRE A CERCA E CONVENTO:

O POMAR DO CASTELO E A HORTA DOS FRADES

*Ver
Fotografia 76*

A) O POMAR DO CASTELO

Implantado na antiga "Cerca da Vila", este espaço terá sido transformado em hortas e pomares, aquando da reforma da Ordem de Cristo e construção do Convento joanino, no segundo quartel do século XVI.

*Ver Planta
Figura 25*

Testemunham-no alguns ornatos de lavra renascentista patentes em mísulas ou cachorros das latadas que sombreavam os caminhos do "pomar". Pensamos que é também dessa época que data o reemprego de pedras de lavra manuelina nos muros que cercavam as hortas e pomares.

*Ver
Fotografia 77
Ver
Fotografia 78*

Aparentemente os socalcos no terreno, os recintos murados datam da época renascentista, embora não seja posta de parte a hipótese de transformações trazidas ao local, pelos freires, durante os séculos que vão desde a dita reforma até à extinção da Ordem.

Também terá havido porventura reformas no recinto castrejo, com os Condes de Tomar então proprietários destes domínios a partir de 1834.

O certo é que em 1934 quando esta parte do Castelo, então designada por "Pomar" foi colocada sob a tutela da "Comissão de Iniciativa e Turismo" de Tomar a maior parte destes elementos arquitectónicos (muros e latadas) e paisagísticos (socalcos, pomares), já existiam como faz menção uma "Memória Descritiva" lavrada pela dita Comissão das obras de "conservação, reparação e reconstrução" a efectuar no Pomar (58).

Hoje em dia, a maior parte das obras efectuadas por esta Comissão, ou estão arruinadas (latadas) ou ameaçam ruína (muros e regueiras em alvenaria). Assim, vai de si integrar a recuperação do Pomar nesta proposta de recuperação da cerca conventual, porquanto este local está ligado à Cerca, quer visual, quer fisicamente (pela porta de Almedina e pela porta junto à "Torre da Condessa").

*Ver Planta
Figura 26*

Quanto às plantações, o Pomar é caracterizado por um importante laranjal, muitas tangerineiras e alguns limoeiros e aveleiras. Mais espalhados há alguns cedros, plátanos e um alinhamento de ciprestes perto da muralha que fechava a Norte a "cerca da Vila" e suporta o actual jardim do Castelo. Pelo porte das espécies com mais idade, estas plantações devem datar do tempo em que o Pomar foi tutelado pela insigne Comissão de Iniciativa e Turismo.

B) A HORTA DOS FRADES

Fisicamente tem um duplo significado no contexto paisagístico. Por um lado, é a natural continuação, para ocidente do Pomar do Castelo. Por outro lado, é uma barreira física entre a Cerca e o Convento, pelo facto de ser, como já foi dito, um patamar de aterro muito sobre-elevado (a muralha de suporte, tem cerca de 8 metro de altura, junto à "Torre da Condessa").

*Ver
Fotografia 76*

É composta de vários terraços; o maior, que corresponde ao aterro, propriamente dito, ocupa toda a extensão da fachada Sul do Convento, depois, a poente, desenvolvem-se três terraços, muito diminutos e que correspondem ao aplainamento de uma pequena elevação existente a ocidente do grande terraço.

*Ver Plantas
Figura 25*

Sensivelmente, no plano do grande terraço, encontra-se na frente sul do Convento, a implantação da cave da construção joanina à qual correspondem várias arrecadações, e a grande adega, pela qual se penetra no interior do Convento.

Do verdadeiro uso agrícola, dado pelos frades a este terreno, não temos notícia; Do tempo dos Condes de Tomar, será talvez a bicentenária araucária plantada no eixo longitudinal do grande terraço, na parte ocidental deste.

No nosso século, quando, a partir de 1929 os aposentos domésticos conventuais passam a ser pertença de um Seminário das Missões Ultramarinas, a Horta terá sido inicialmente para fins agrícolas, mas por volta de 1950 (59) foi o grande terraço "remodelado" e transformado em campo de futebol para recreio dos seminaristas.

*Ver
Fotografias 79 e
80*

Esse uso foi posteriormente abandonado e antes da partida dos seminaristas do Convento (1990) já o grande terraço da Horta era usado para experiências hortícolas.

Os patamares superiores, bem como o caminho que longeia a muralha da Horta são plantados com uveiras em latadas a carecerem de franca recuperação. Algumas árvores de fruto, laranjeiras, tangerineiras, macieiras, etc., povoam de um modo esparso e incaracterístico, a Horta.

*Ver Planta
Figura 26*

A recuperação deste recinto agrícola, passa pela sua ligação com o Pomar que lhe é contíguo, e vai de par com a recuperação deste. Para além da recuperação das latadas, que é comum aos dois espaços a exploração do seu solo com plantações de laranjeiras e citrinos dará unidade ao conjunto Horta-Pomar, como uma zona definida de paisagem entre o Convento e a Cerca.

7.7- DAR FUTURO AO LUGAR DOS SETE MONTES RENOVAÇÃO DA VIVÊNCIA DA CERCA DO CONVENTO DE CRISTO

As medidas de recuperação da Cerca que viemos a expor, são por assim dizer, medidas de carácter "formal", só por si necessárias mas não suficientes para a recuperação deste lugar, monumental, porque dele emana a memória da portuguesíssima "Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo", (60) que teve sede neste lugar de Tomar, e o habitou por mais de quatro séculos, - para não falar já, da lendária Milícia do Templo de Jerusalém (61) que o fundou. Só este repertório memorial, é por demais pertinente, no contexto da nossa cultura, para que a sua recuperação se justificasse.

Trata-se de um monumento-lugar que é um paradigma de portugalidade. E como paradigma, só tem sentido se for actuante no presente de Portugal. Por isso a sua recuperação só é eficaz se se recuperar também a vivência do lugar.

Já não há freires de Cristo, para divagarem no recolhimento da Cerca de Clausura. O tempo da "Quinta dos Sete Montes", como propriedade agrícola, também já passou,

Mas o património paisagístico e arquitectónico do lugar permanecem e só a sua vivência na contemporaneidade o permitirá tornar relevante na nossa sociedade actual.

Por isso, as sugestões de vivência do lugar com que terminamos este estudos, são apenas apontamentos, hipóteses de trabalho para recuperar a vivência actual e quiçá futura do lugar dos Sete Montes de Tomar:

A) PERCORRER O ESPAÇO DA CERCA CONVENTUAL

As estradas da Cerca representam uma grande extensão de percurso. Até há alguns anos atrás, esta extensão era percorrida pelos visitantes, nos seus veículos automóveis. Por razões desconhecidas, mas certamente pertinentes passou a ser proibido o acesso a veículos automóveis ao recinto da Cerca. A partir de então os visitantes na sua maioria, limitaram-se a percorrer a pé a parte do vale do jardim formal e patamares contíguos e mais raramente, a subir a alameda da Chã para voltarem a descer por esta ou pela estrada que longeia o vale até à entrada da cerca.

A fim de se propiciar uma penetração e um conhecimento mais profundos da Cerca, uma rede de itinerários com charretes puxadas por muares, tornaria aliciante o percurso da vastidão da cerca e seria uma maneira aprazível de dar a conhecer o recinto murado, o disfrute dos principais pontos panorâmicos, o acesso ao Castelo pela Porta de Almedina, e o conhecimento das principais obras de "Belas Artes" do Aqueduto Conventual (o seu percurso até ao lugar das nascentes).

B) O RECONHECIMENTO DOCUMENTAL DO CONJUNTO MONUMENTAL

Uma rede de painéis informativos seria estrategicamente implantada, quer com informações locais, quer com informações das vistas panorâmicas, como é prática em muitos miradouros no País. (Exemplo: o painel em azulejos do miradouro da baixa de Lisboa, no Jardim de S. Pedro de Alcântara)

C) LIGAR O CONVENTO E O CASTELO À CERCA

Com o franqueamento da Porta de Almedina, se proporcionaria ao visitante o acesso "histórico" ao Castelo Templário e um percurso ascensional que culminaria no Convento. Assim, seria restabelecido o itinerário que ligaria a Vila Henriquina, ao lugar do Castelo onde fora, na sua fundação, vila de Tomar.

D) A CULTURA DO AZEITE

Recuperar o olival da Cerca e o seu lagar, implica repor uma tradição inerente ao monumento e recuperar uma vivência rural que lhe é própria. Independentemente da questão de "viabilidade económica", com que nos habituamos hoje em dia a "ponderar" nestas questões da agricultura, é o sentido cultural que importa reconhecer na função de produzir o azeite, com reposição do cultivo do olival histórico.

E) REAFIRMAR PUBLICAMENTE A UNIDADE DO CONJUNTO

Este acto que compete às entidades tutelares do património cultural português, passa por estabelecer o processo que leve a UNESCO a reconhecer e a integrar a Cerca conventual e, por extensão, o Aqueduto no Património da Humanidade que é o Convento de Cristo e o Castelo Templário de Tomar.

Só assim a unidade do lugar dos Sete Montes, será devolvida ao monumento e à memória da Ordem de Cristo.

Tomar, Setembro de 1995

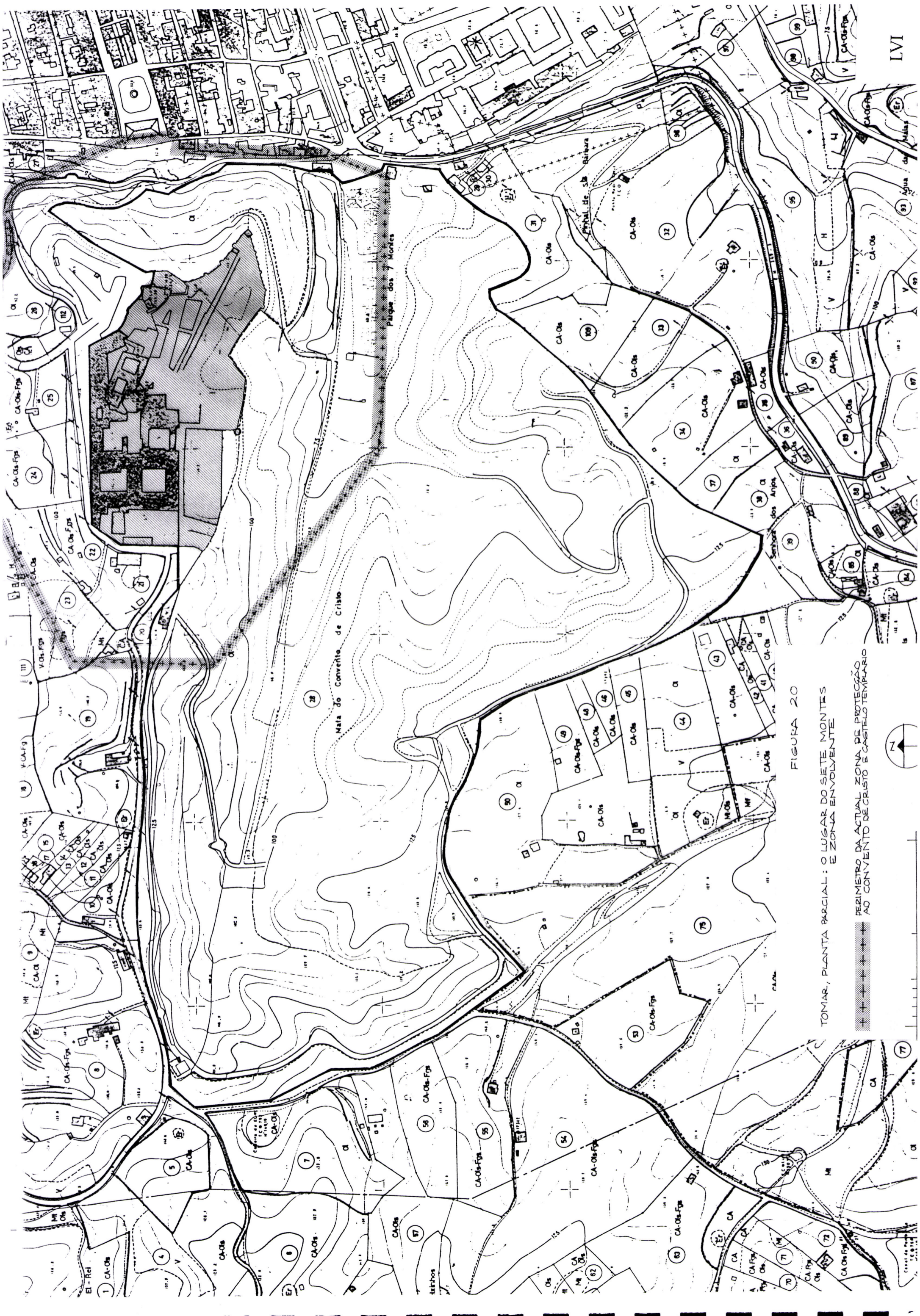


FIGURA 20

TOMAR, PLANTA PARCIAL: O LUGAR DO SETE MONTES E ZONA ENVOLVENTE

PERIMETRO DA ACTUAL ZONA DE PROTECCAO AO CONVENTO DE CRISTO E CASTELO TEMPORARIO



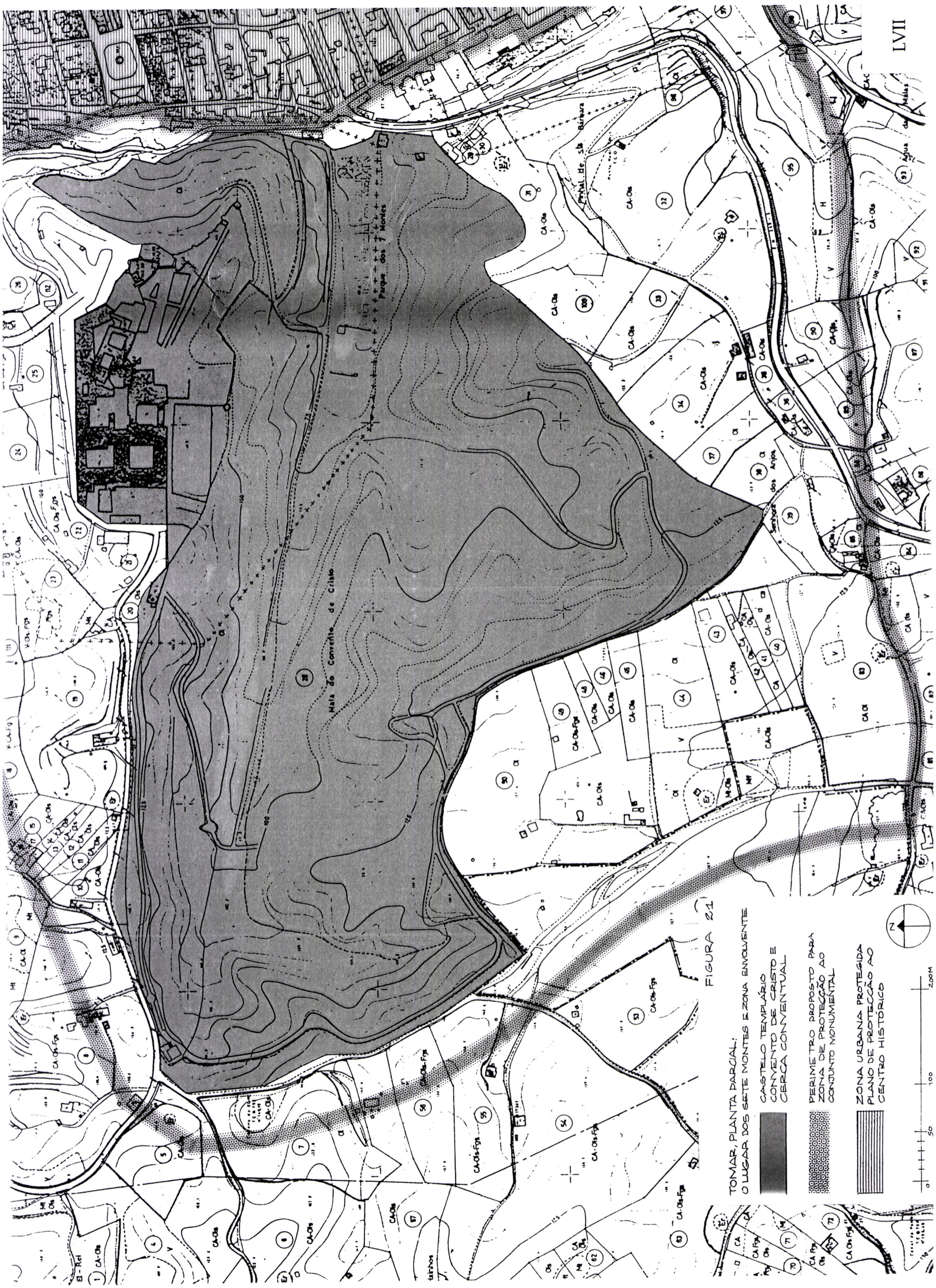



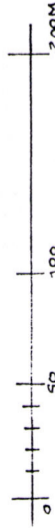
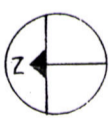


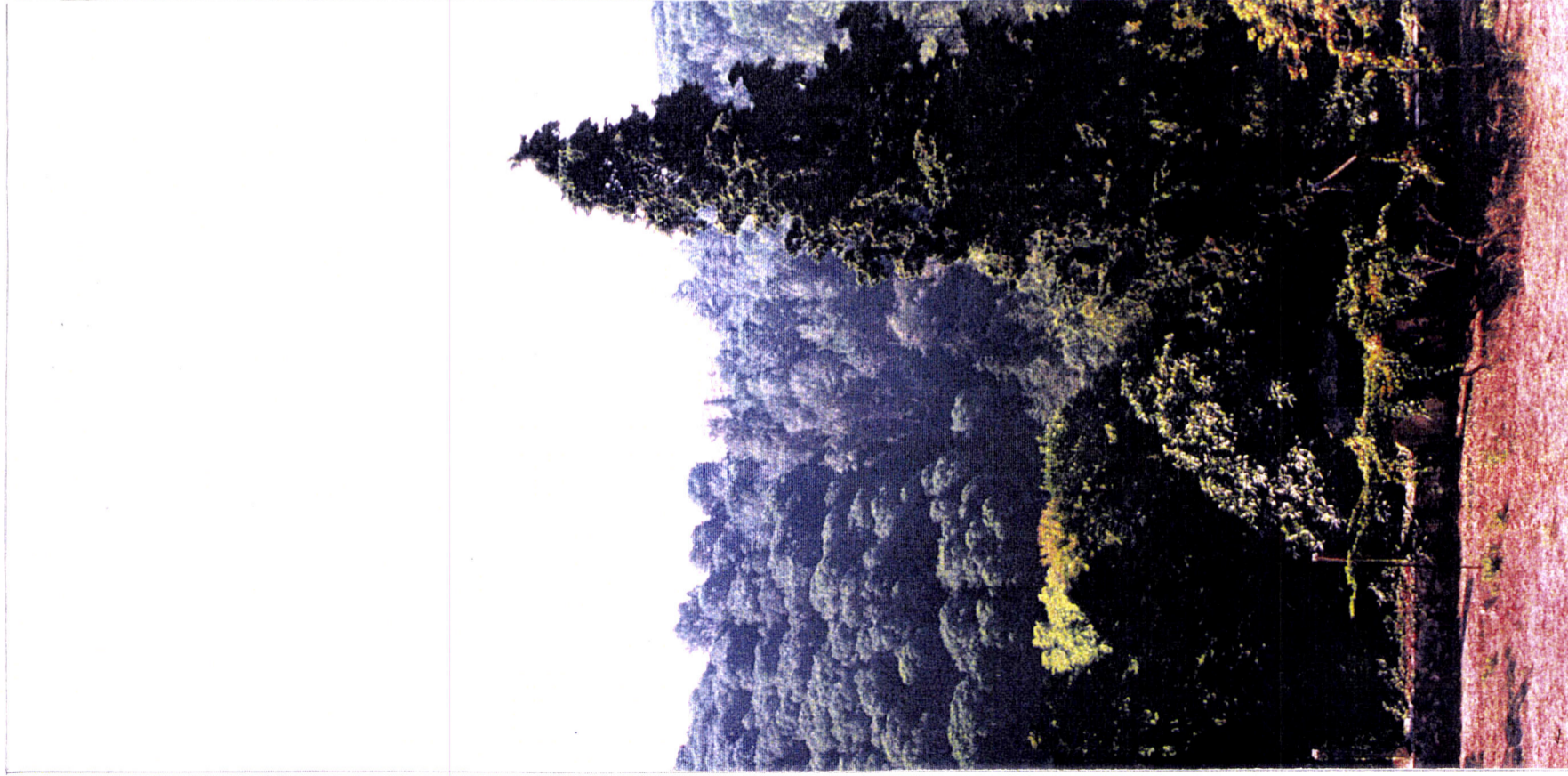
FIGURA 21

- TOMAR, PLANTA PARCIAL:
O LUGAR DOS SETE MONTES E ZONA ENVOLVENTE
-  CASTELO TEMPLEÁRIO
CONVENTO DE CRISTO E
CERCA CONVENTUAL
 -  PERIMETRO PROPOSTO PARA
ZONA DE PROTEÇÃO AO
CONJUNTO MONUMENTAL
 -  ZONA URBANA PROTEGIDA
PLANO DE PROTEÇÃO AO
CENTRO HISTÓRICO



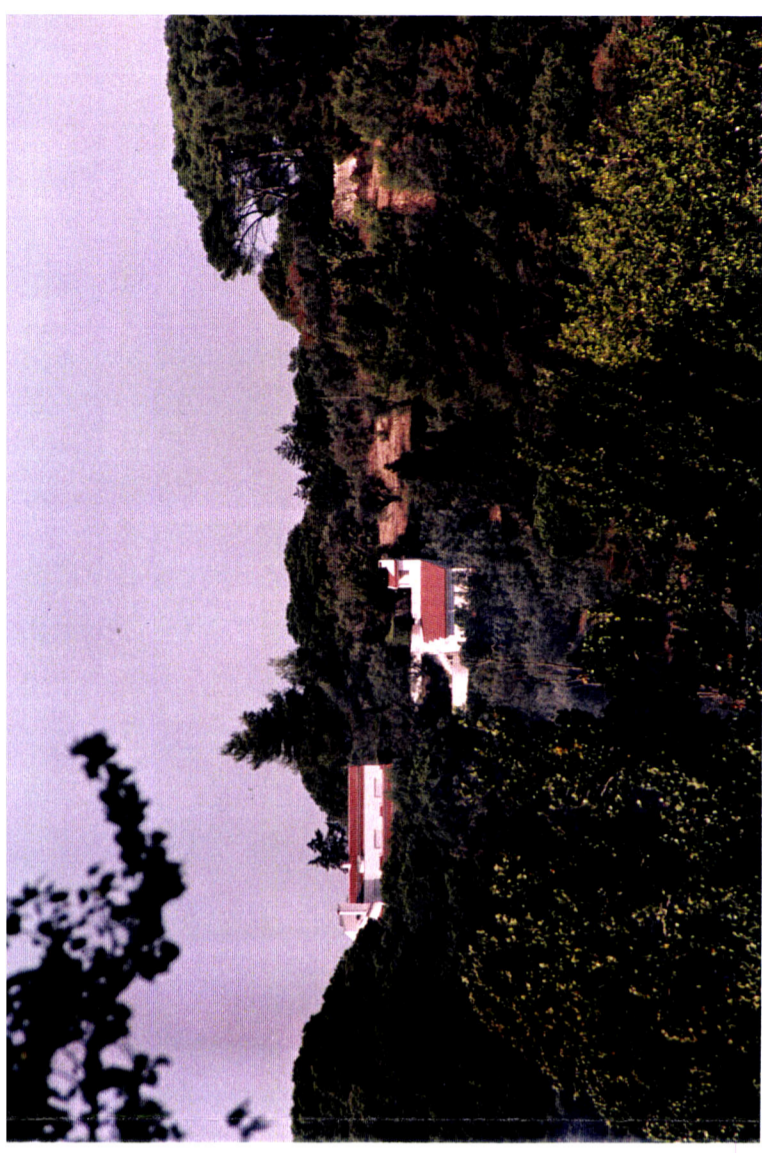
Fotografia 63

A Cerca Conventual vista da Horta dos Frades, repare-se nos edifícios de vários pisos que surgem no horizonte.



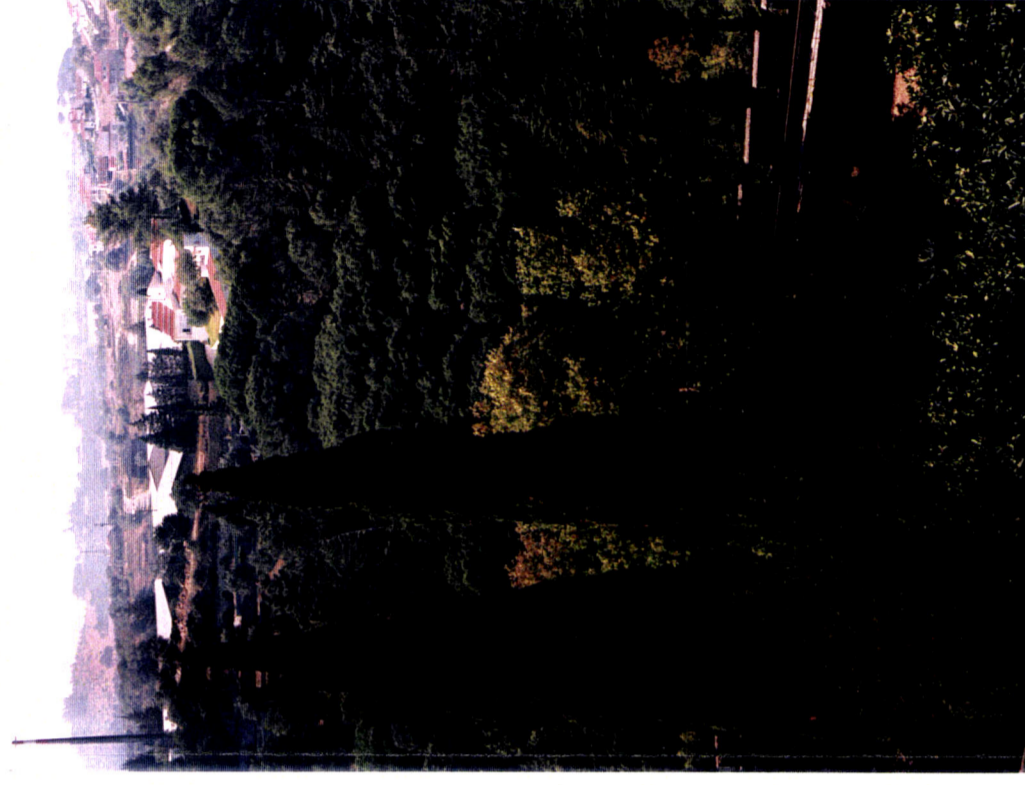
Fotografia 64

Area de paisagem vizinha da Cerca Conventual, repare-se nas casas que surgem nas proximidades do muro da Cerca, à direita.

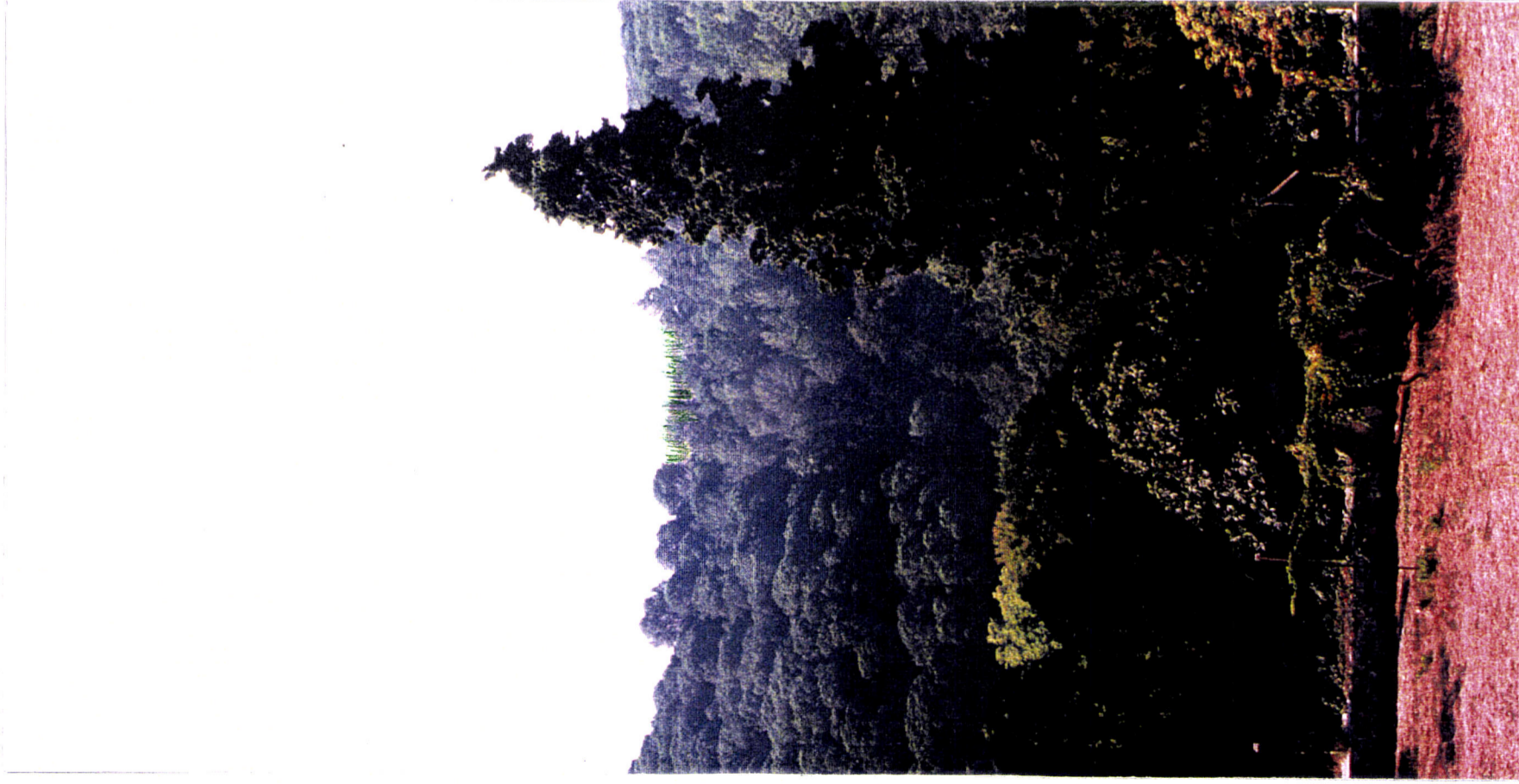


Fotografia 65

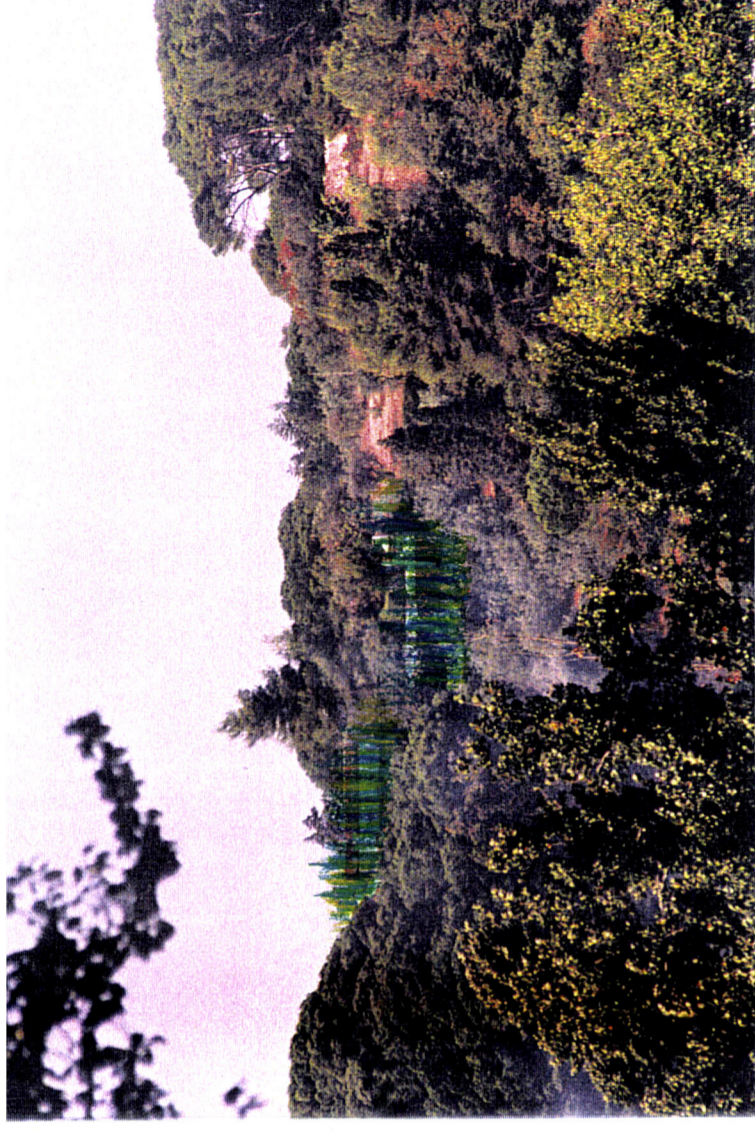
Pormenor do panorama que se disfruta do jardim do Castelo para a Mata. Repare-se nas naves tipo industrial, que juntamente com as moradias e o depósito de sucata, à direita, são "apreciados" pelos 140.000 visitantes que anualmente visitam o Convento de Cristo.



Fotografia 66
Fotomontagem exemplificando uma cortina de vegetação, para ocultação das contruções observadas na fotografia 63.



Fotografia 67
Fotomontagem sugerindo a ocultação das contruções observadas na fotografia 64, com cortinas de vegetação.



Fotografia 68
Fotomontagem propondo a ocultação, com várias cortinas de vegetação, das contruções agressoras da paisagem, patententes na fotografia 65.



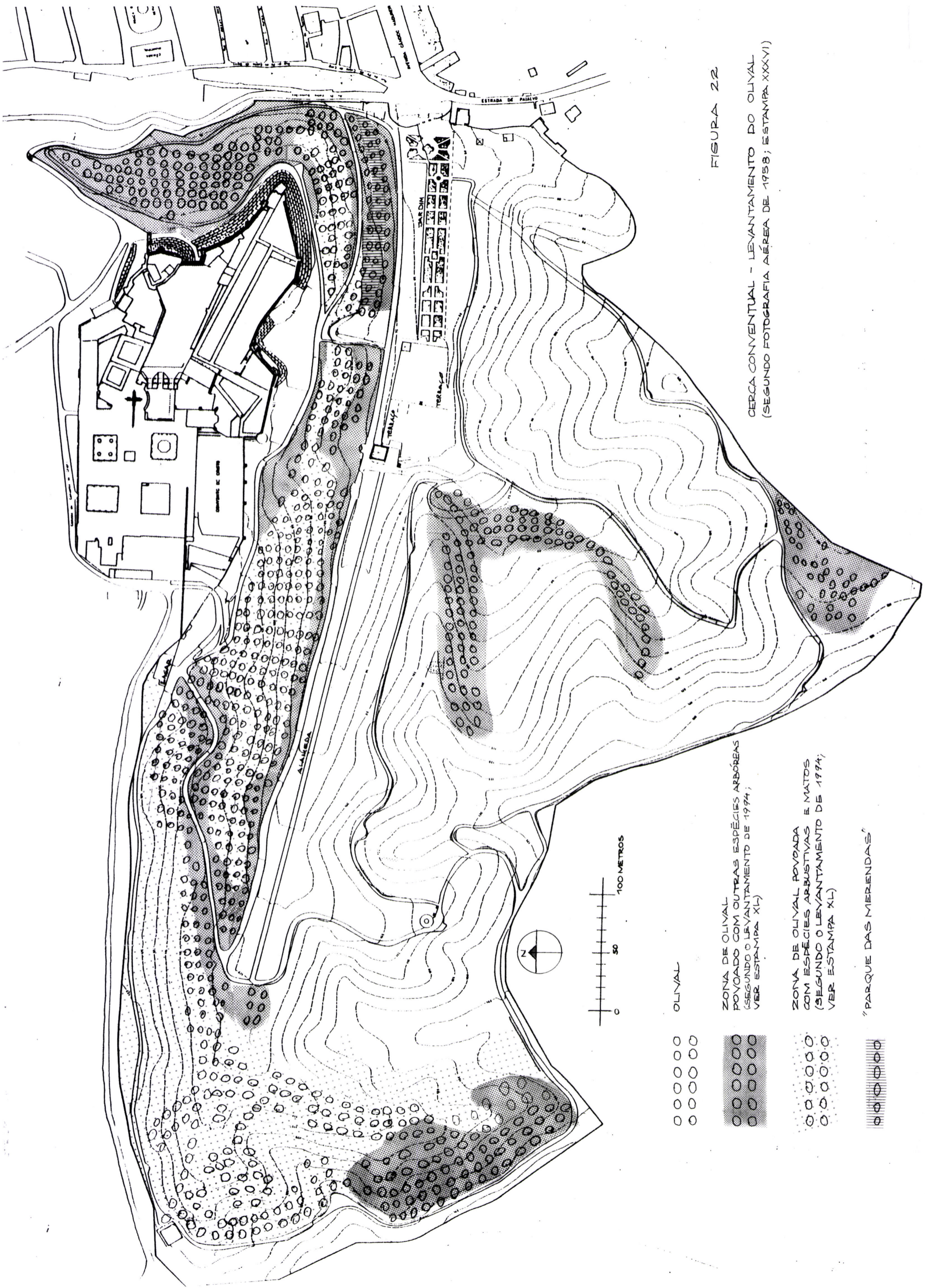


FIGURA 22

CERCA CONVENTUAL - LEVANTAMENTO DO OLIVAL
(SEGUNDO FOTOGRAFIA AÉREA DE 1958; ESTAMPA XXXVI)

OLIVAL

○ ○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○ ○

ZONA DE OLIVAL POVOADA
COM OUTRAS ESPÉCIES ARBÓREAS
(SEGUNDO O LEVANTAMENTO DE 1974;
VER ESTAMPA XI)

● ● ● ● ● ●
● ● ● ● ● ●

ZONA DE OLIVAL POVOADA
COM ESPÉCIES ARBUSTIVAS E MATOS
(SEGUNDO O LEVANTAMENTO DE 1974;
VER ESTAMPA XI)

○ ○ ○ ○ ○ ○
○ ○ ○ ○ ○ ○

"PARQUE DAS MERENDAS"

□ □ □ □ □ □

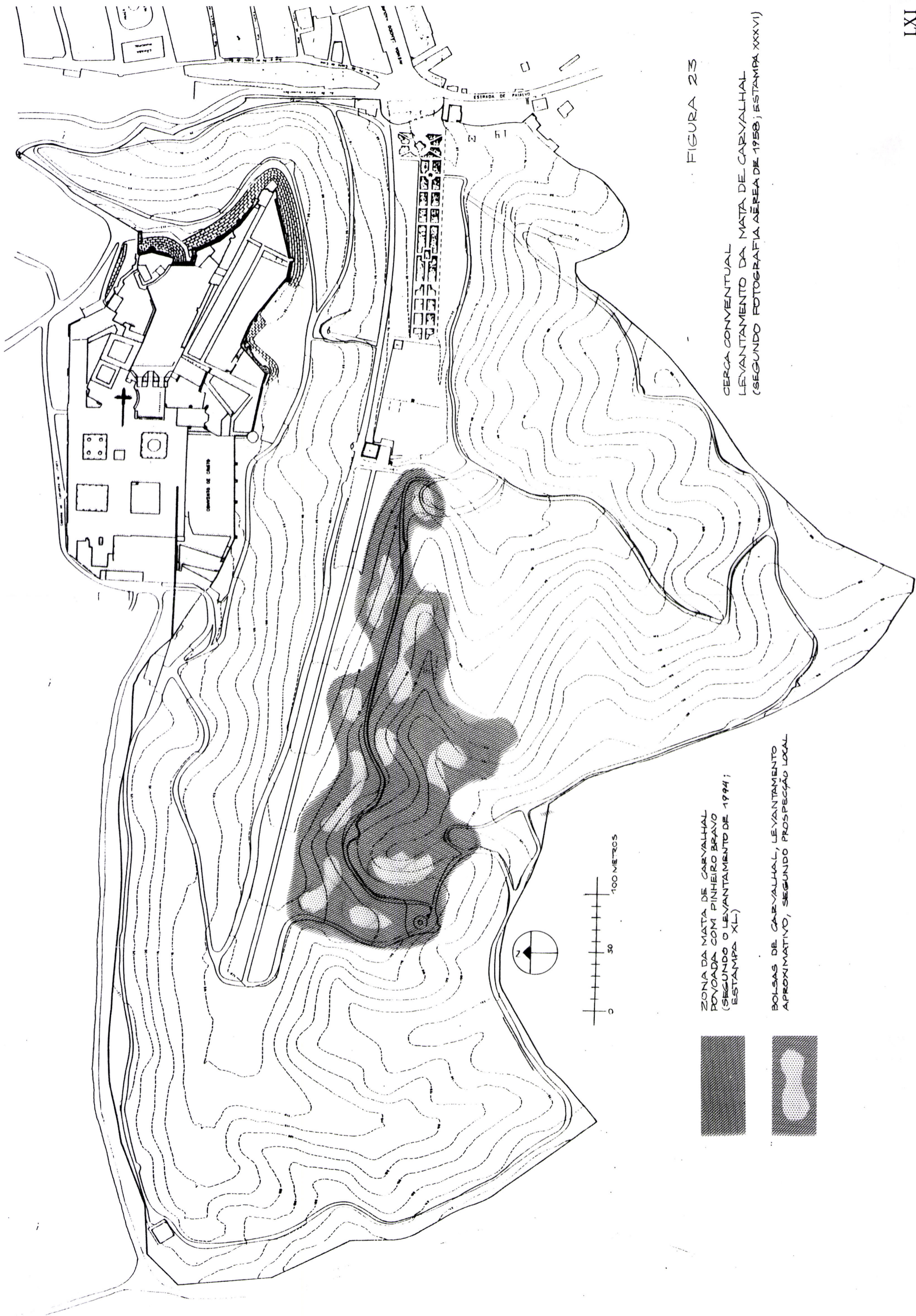
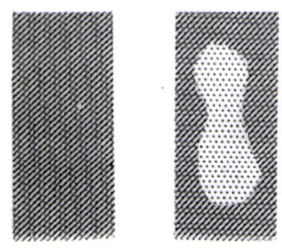


FIGURA 23

CERCA CONVENTUAL
 LEVANTAMENTO DA MATA DE CARVALHAL
 (SEGUNDO FOTOGRAFIA AÉREA DE 1958; ESTAMPA XXXVI)

ZONA DA MATA DE CARVALHAL
 POVOADA COM PINHEIRO BRAVO
 (SEGUNDO O LEVANTAMENTO DE 1994;
 ESTAMPA XL)

BOLSAS DE CARVALHAL, LEVANTAMENTO
 APROXIMATIVO, SEGUNDO PROSPECÇÃO LOCAL



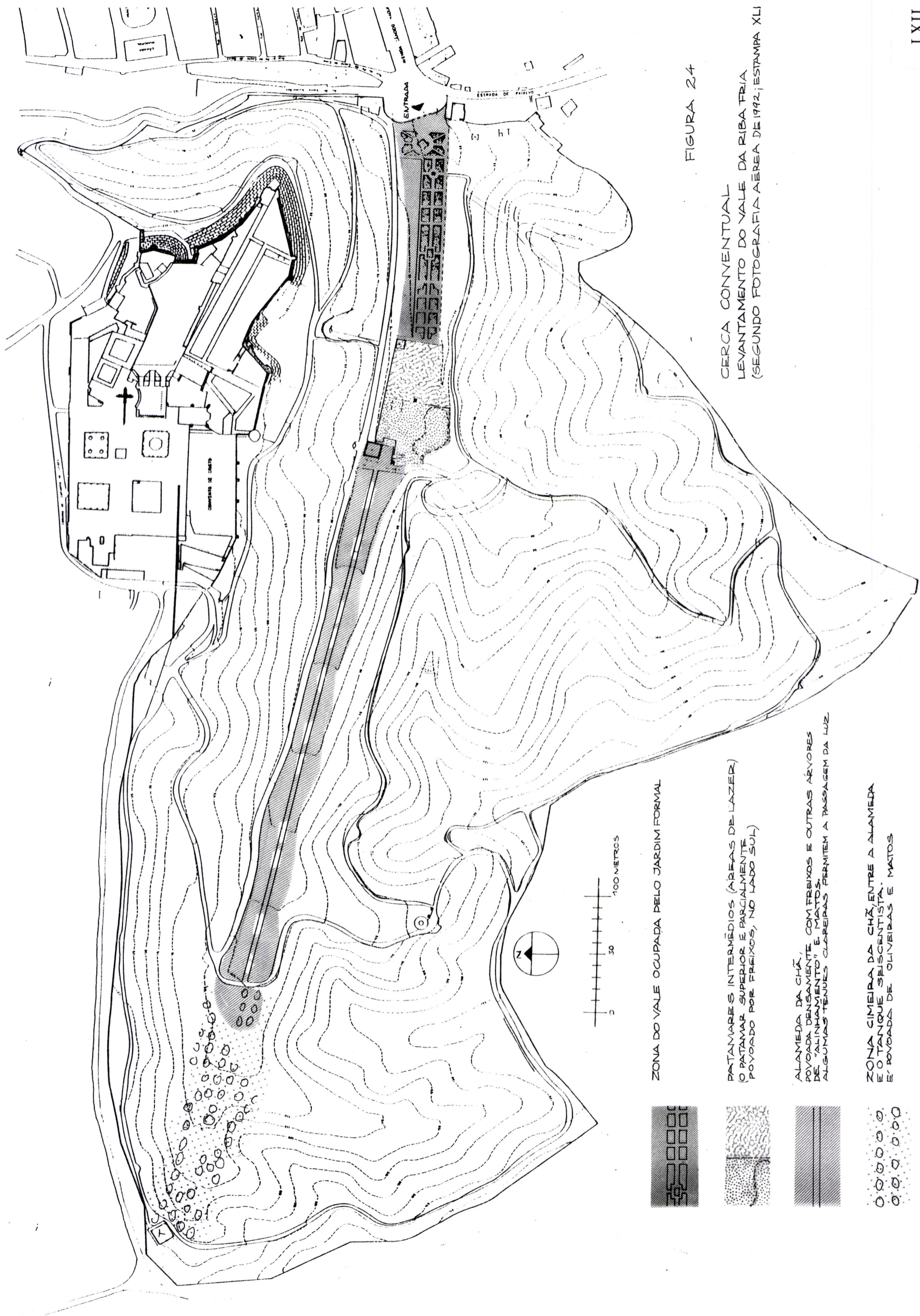


FIGURA 24

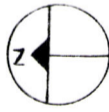
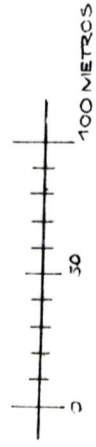
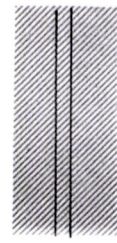
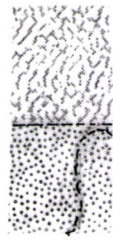
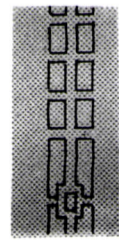
CERCA CONVENTUAL
 LEVANTAMENTO DO VALE DA RIBA FRIA
 (SEGUNDO FOTOGRAFIA AÉREA DE 1942; ESTAMPA XI)

ZONA DO VALE OCUPADA PELO JARDIM FORMAL

PATAMARES INTERMÉDIOS (ÁREAS DE LAZER)
 O PATAMAR SUPERIOR É PARCIALMENTE
 POVOADO POR FREIXOS, NO LADO SUL

ALAMEDA DA CHÁ,
 POVOADA DENSAMENTE COM FREIXOS E OUTRAS ÁRVORES
 DE "ALINHAMENTO" E MATOS.
 ALGUMAS TENUES CLAREIRAS PERMITEM A PASSAGEM DA LUZ

ZONA CIMEIRA DA CHÁ, ENTRE A ALAMEDA
 E O TANQUE SEISCENTISTA.
 É POVOADA DE OLIVEIRAS E MATOS



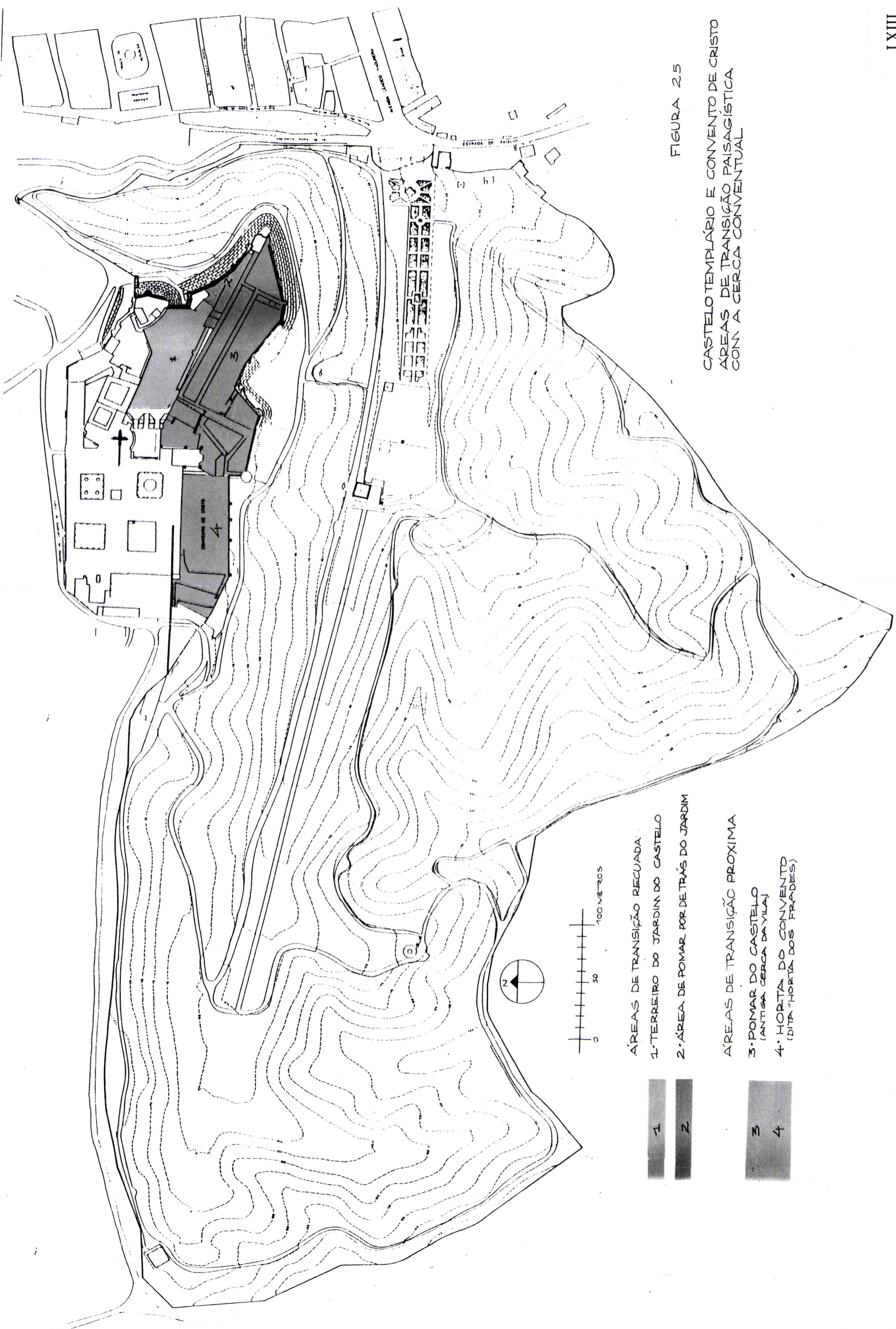


FIGURA 2.5

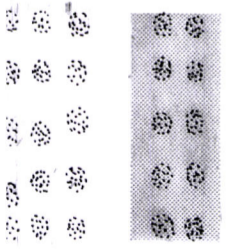
CASTELO TEMPLÁRIO E CONVENTO DE CRISTO
 ÁREAS DE TRANSIÇÃO PAISAGÍSTICA
 COM A CERCA CONVENTUAL

- ÁREAS DE TRANSIÇÃO RECUADA:
- 1- TERREIRO DO JARDIM DO CASTELO
 - 2- ÁREA DE POMAR POR DE TRÁS DO JARDIM
- ÁREAS DE TRANSIÇÃO PROXIMA
- 3- POMAR DO CASTELO (ANTIGA CERCA DA VILA)
 - 4- HORTA DO CONVENTO (DITA "HORTA DOS FRADES")

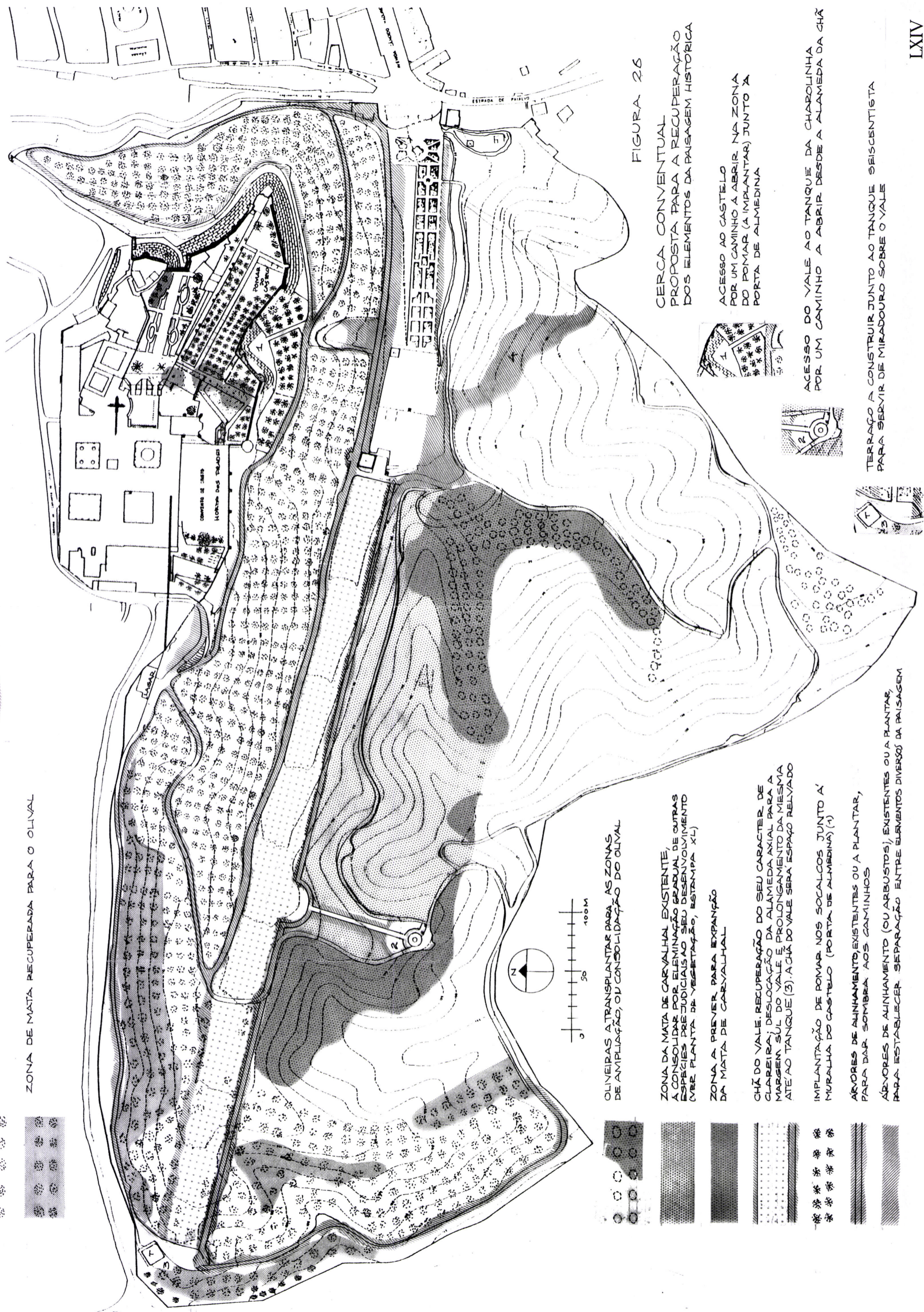
ZONA DE ARVORE DE ALINHAMENTO EXISTENTE, PARA A REINSTALAÇÃO DO "PARQUE DAS MERENDAS" DESLOCCADO DO OLIVAL NA RECUPERAÇÃO PROPOSTA

4

ELIMINAÇÃO DA VEGETAÇÃO MODERNA IMPEDINDO A NORMAL VIDA VEGETATIVA DAS OLIVEIRAS



ZONA DE MATA RECUPERADA PARA O OLIVAL



OLIVEIRAS A TRANSPLANTAR PARA AS ZONAS DE AMPLIAÇÃO, OU CONSOLIDAÇÃO DO OLIVAL



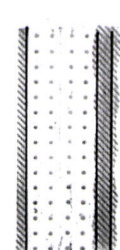
ZONA DA MATA DE CARVALHAL EXISTENTE, A CONSOLIDAR POR ELIMINAÇÃO GRADUAL DE OUTRAS ESPÉCIES PREJUDICIAIS AO SEU DESENVOLVIMENTO (VER PLANTA DE VEGETAÇÃO, ESTAMPA XL)



ZONA A PREVER PARA EXPANSÃO DA MATA DE CARVALHAL



CHÃO DO VALE. RECUPERAÇÃO DO SEU CARACTER DE CLAREIRA; DESLOCAÇÃO DA ALAMEDA AXIAL PARA A MARGEM SUL DO VALE E PROLONGAMENTO DA MESMA ATÉ AO TANQUE (3). A CHÃO DO VALE SERÁ ESPAÇO RELVADO



IMPLANTAÇÃO DE POMAR NOS SOCALCOS JUNTO A' MURALHA DO CASTELO (PORTA DE ALMEDINA) (1)



ARVORES DE ALINHAMENTO, EXISTENTES OU A PLANTAR, PARA DAR SOMBRA AOS CAMINHOS



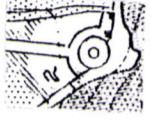
ARVORES DE ALINHAMENTO (OU ARBUSTOS), EXISTENTES OU A PLANTAR, PARA ESTABELEÇER SEPARAÇÃO ENTRE ELEMENTOS DIVERSOS DA PAISAGEM



FIGURA 26

CERCA CONVENCIONAL PROPOSTA PARA A RECUPERAÇÃO DOS ELEMENTOS DA PAISAGEM HISTÓRICA

ACESSO AO CASTELO POR UM CAMINHO A ABRIR NA ZONA DO POMAR (A IMPLANTAR) JUNTO A PORTA DE ALMEDINA



ACESSO DO VALE AO TANQUE DA CHAROLINHA POR UM CAMINHO A ABRIR DESDE A ALAMEDA DA CHÃO

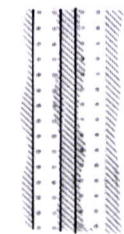
TERRAÇO A CONSTRUIR JUNTO AO TANQUE SEISCENTISTA PARA SERVIR DE MIRADOURO SOBRE O VALE



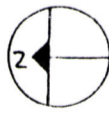
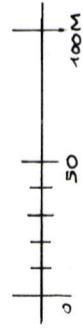
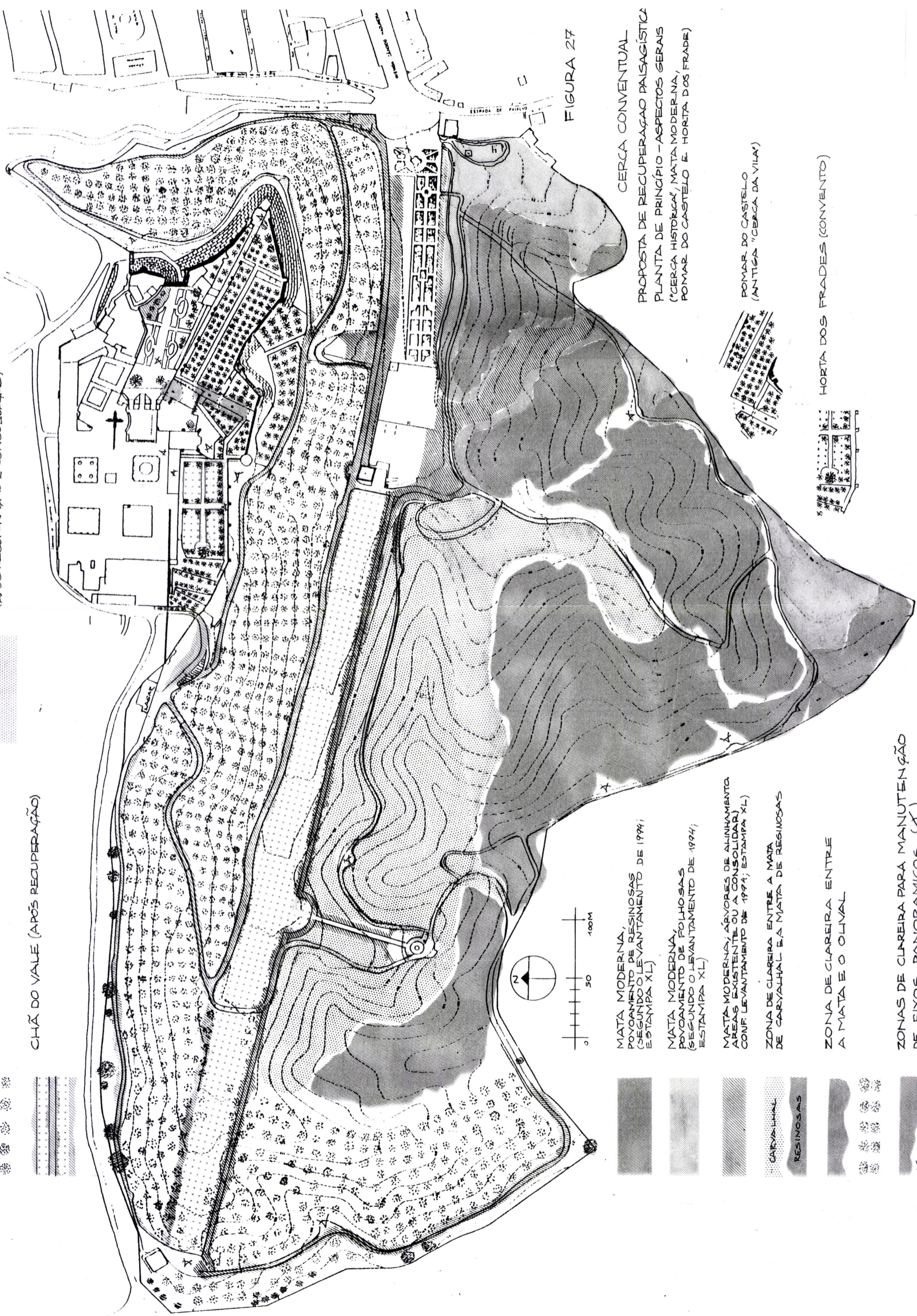
OLIVAL (APÓS RECUPERAÇÃO)



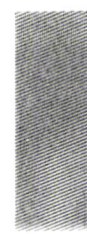
CHÃ DO VALE (APÓS RECUPERAÇÃO)



MATA DE CARYALHAL (APÓS RECUPERAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO)



MATA MODERNA, POVOAMENTO DE RESINOSAS (SEGUNDO O LEVANTAMENTO DE 1994; ESTAMPA XL)



MATA MODERNA, POVOAMENTO DE FOLHOSAS (SEGUNDO O LEVANTAMENTO DE 1994; ESTAMPA XL)



MATA MODERNA, ÁRVORES DE ALINHAMENTO, ÁREAS EXISTENTE OU A CONSOLIDAR, CONF. LEVANTAMENTO DE 1994; ESTAMPA XL)



ZONA DE CLAREIRA ENTRE A MATA DE CARYALHAL E A MATA DE RESINOSAS



ZONA DE CLAREIRA ENTRE A MATA E O OLIVAL



ZONAS DE CLAREIRA PARA MANUTENÇÃO DE EIXOS PANORÂMICOS (A)



FIGURA 27

CERCA CONVENCIONAL
PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO PAISAGÍSTICA
PLANTA DE PRINCÍPIO - ASPECTOS GERAIS
(“CERCA HISTÓRICA”, MATA MODERNA,
POMAR DO CASTELO E HORTA DOS FRADES)

POMAR DO CASTELO
(ANTIGA “CERCA DA VILA”)



HORTA DOS FRADES (CONVENTO)



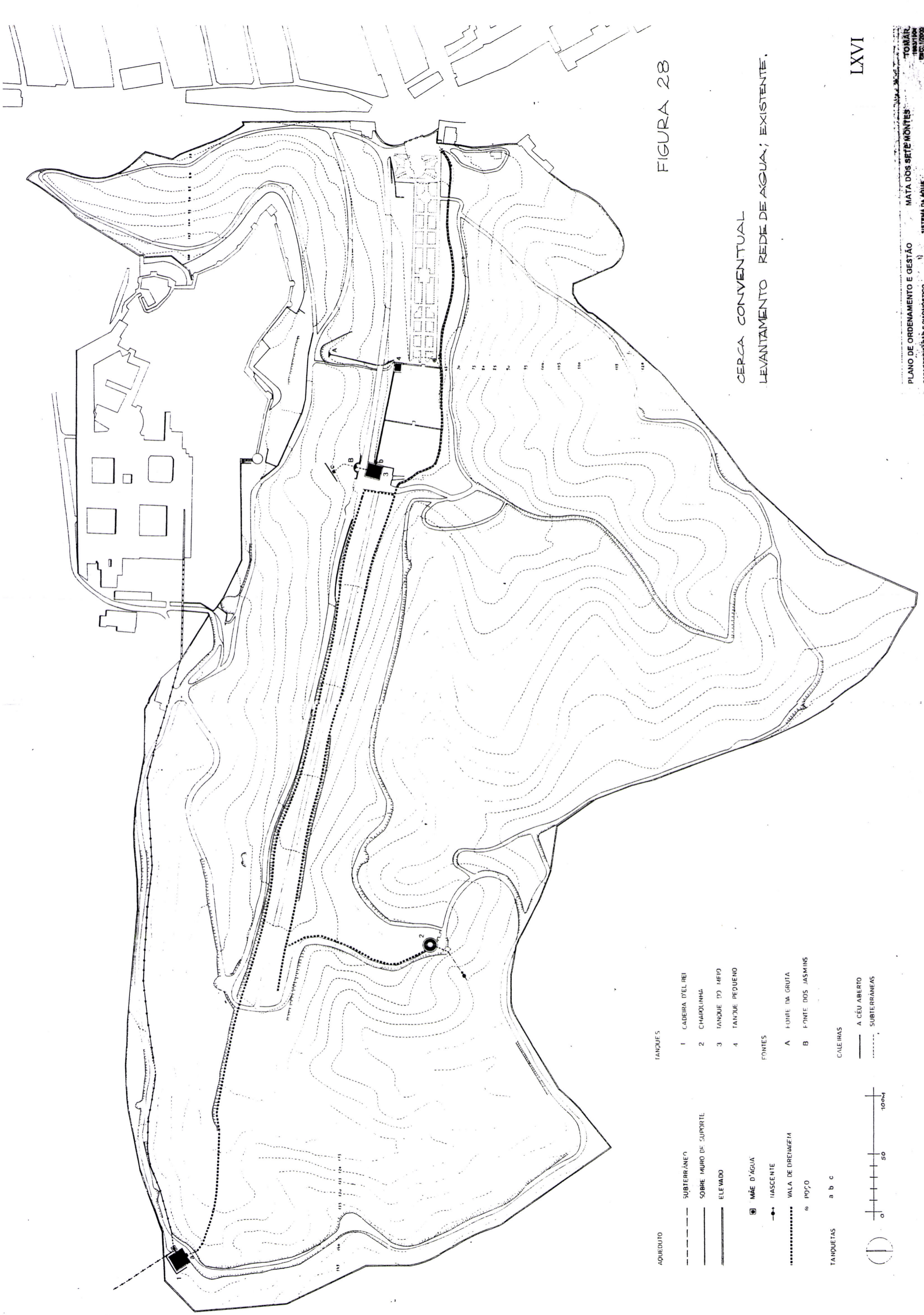
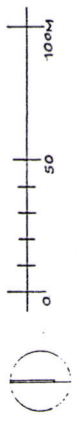


FIGURA 28

CERCA CONVENTUAL
 LEVANTAMENTO REDE DE AGUA; EXISTENTE.

- ADUEDUTO
- SUBTERRANEO
- SOBRE MURO DE SUPORTE
- ELEVADO
- MÁE D'ÁGUA
- IASCENTE
- VALA DE DRENAGEM
- POÇO
- TANQUETAS a b c
- TANQUES
- 1 CADEIRA D'EL REI
- 2 CHAIOLINHA
- 3 TANQUE DO MEIO
- 4 TANQUE PEDUENO
- FONTES
- A FONTE DA GRUTA
- B FONTE DOS JASMINS
- CALEIRAS
- A CÉU ABERTO
- SUBTERRANEO



PERCURSOS DE ADUÇÃO

- A) 5 } "FONTE" DA MURALHA DA HORTA DOS FRADES (A RECUPERAR)
 1 } POÇO DO POMAR DO CASTELO
 7 } "FONTE" DA GRUTA
 8 } TANQUE PEQUENO DO VALE

- B) 5 } "FONTE" DA MURALHA DA HORTA DOS FRADES
 1 } POÇO DO POMAR DO CASTELO
 9 } "FONTE" DOS JASMINS
 4 } TANQUE GRANDE DO VALE
 8 } TANQUE PEQUENO

- C) 3 } TANQUE DA CHAROLINHA (MINA 2)
 4 } TANQUE GRANDE DO VALE

- D) 10 } AQUEDUTO CONVENCIONAL (A RECUPERAR)
 6 } TANQUE DA CADEIRA D'EL REI
 3 } JUNÇÃO COM AS AGUAS PROVENIENTES DA CHAROLINHA
 4 } TANQUE GRANDE DO VALE
 VALA DO RIBEIRO DA CERCA (DRENAGEM PARA A REDE PÚBLICA)
 VALA DO RIBEIRO DA CERCA (DRENAGEM PARA A REDE PÚBLICA)

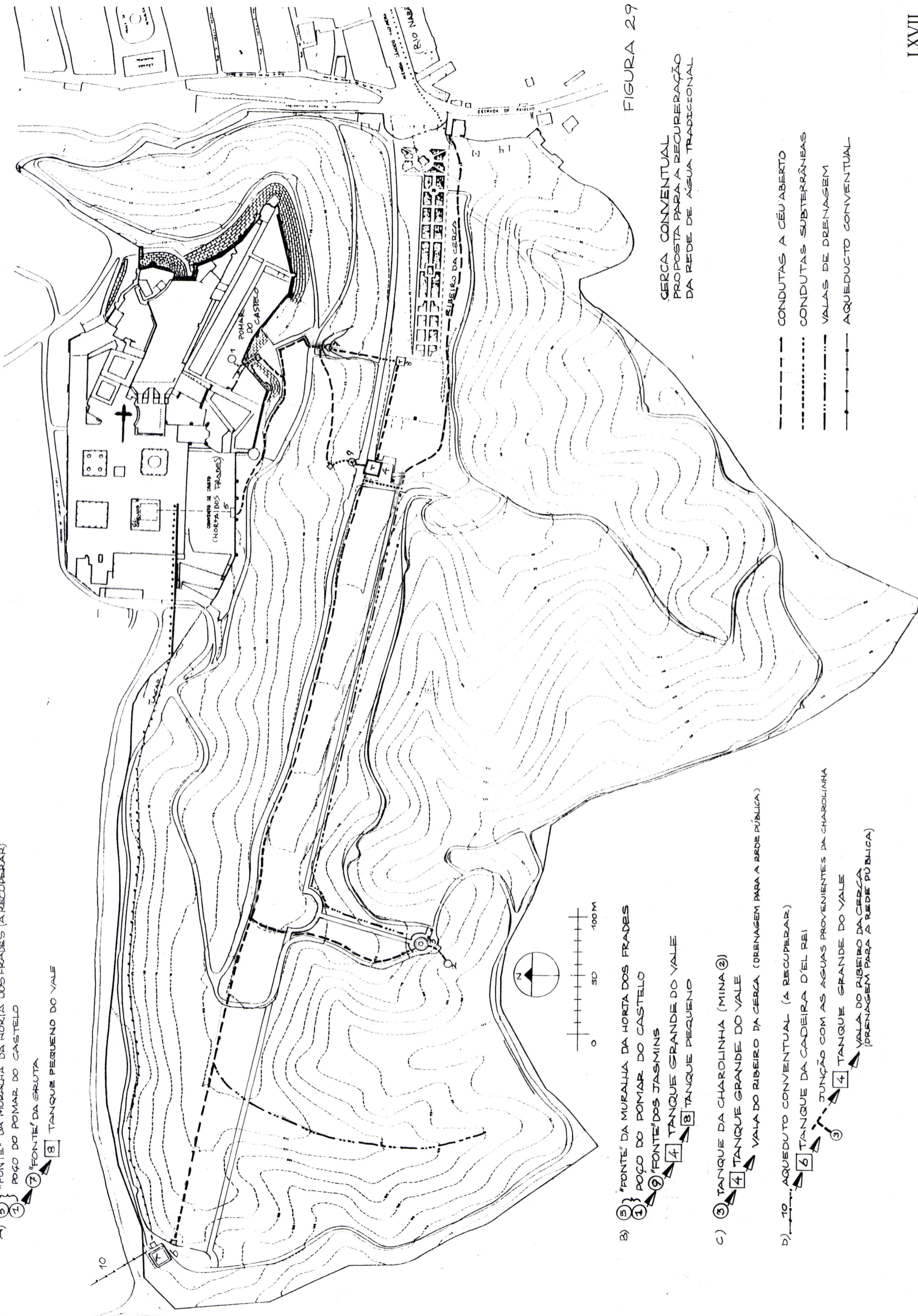
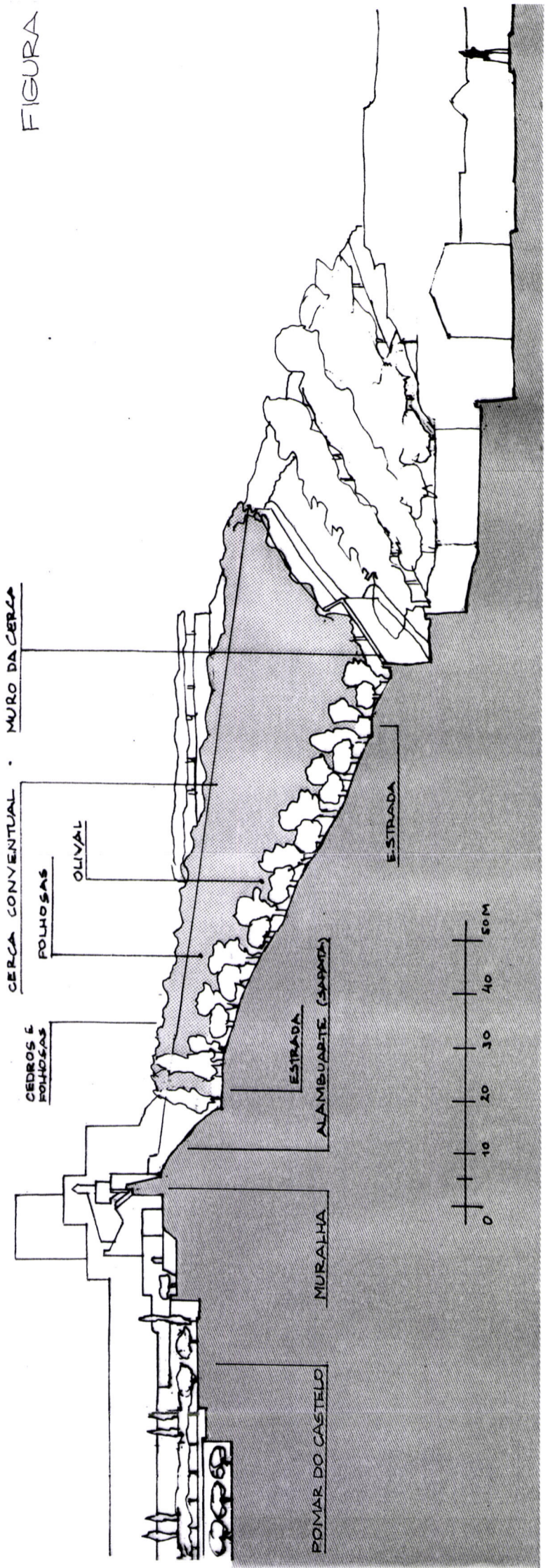


FIGURA 29

CERCA CONVENCIONAL
 PROPOSTA PARA A RECUPERAÇÃO
 DA REDE DE ÁGUA TRADICIONAL

- CONDUITAS A CÉU ABERTO
- CONDUITAS SUBTERRÂNEAS
- - - VALAS DE DRENAGEM
- AQUEDUCTO CONVENCIONAL

FIGURA 30-A



CERCA CONVENCIONAL PERFIL A-B ESTADO ACTUAL (ESBOÇO)

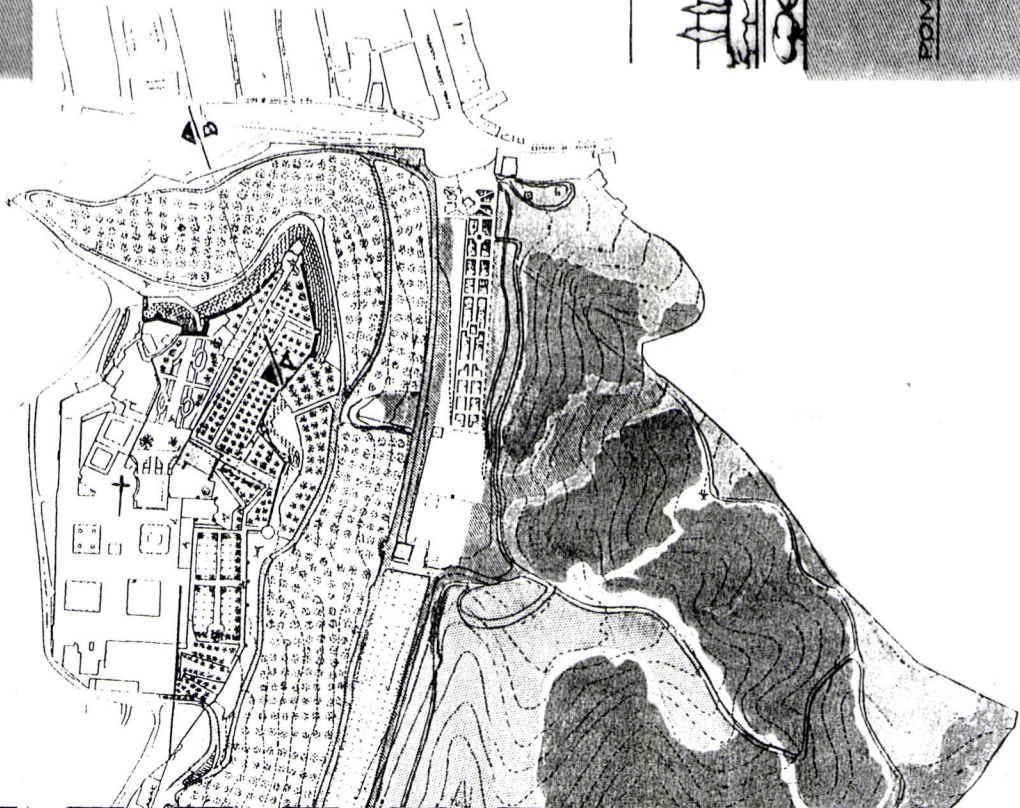
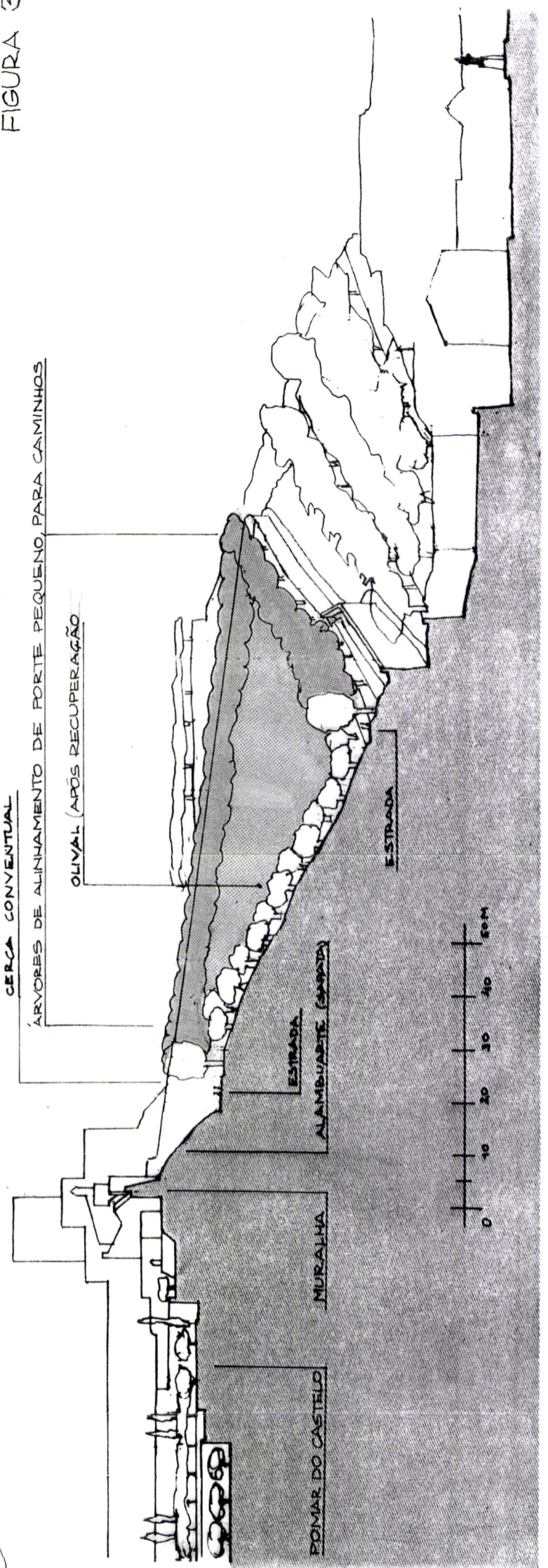
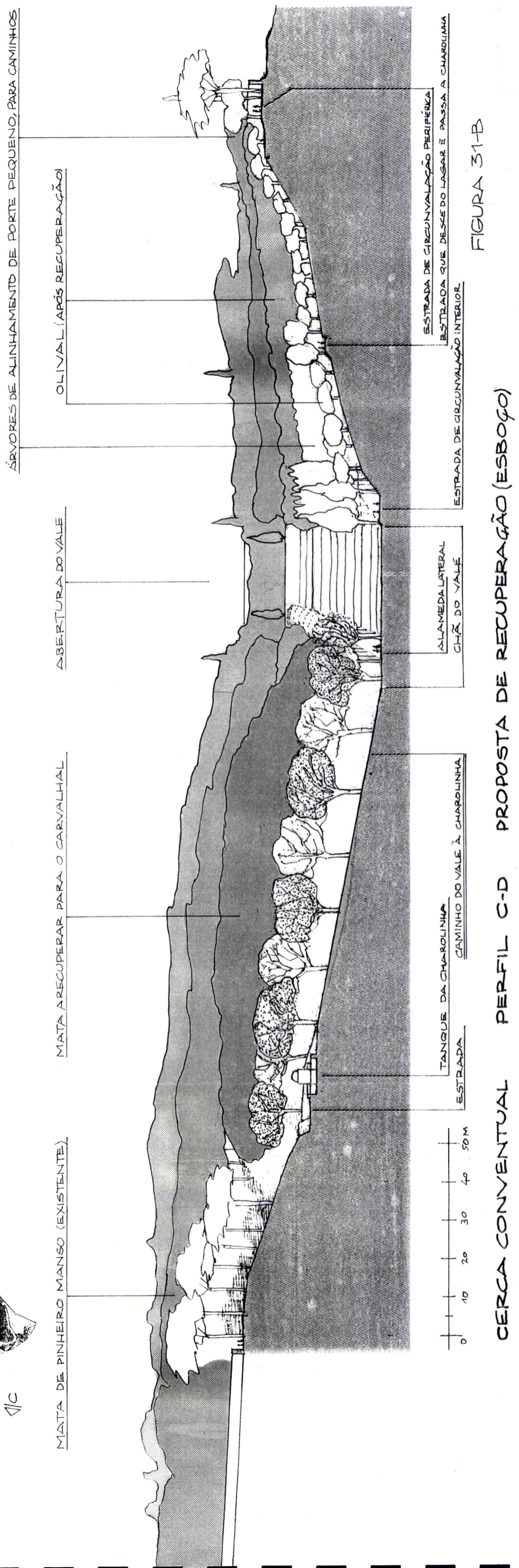
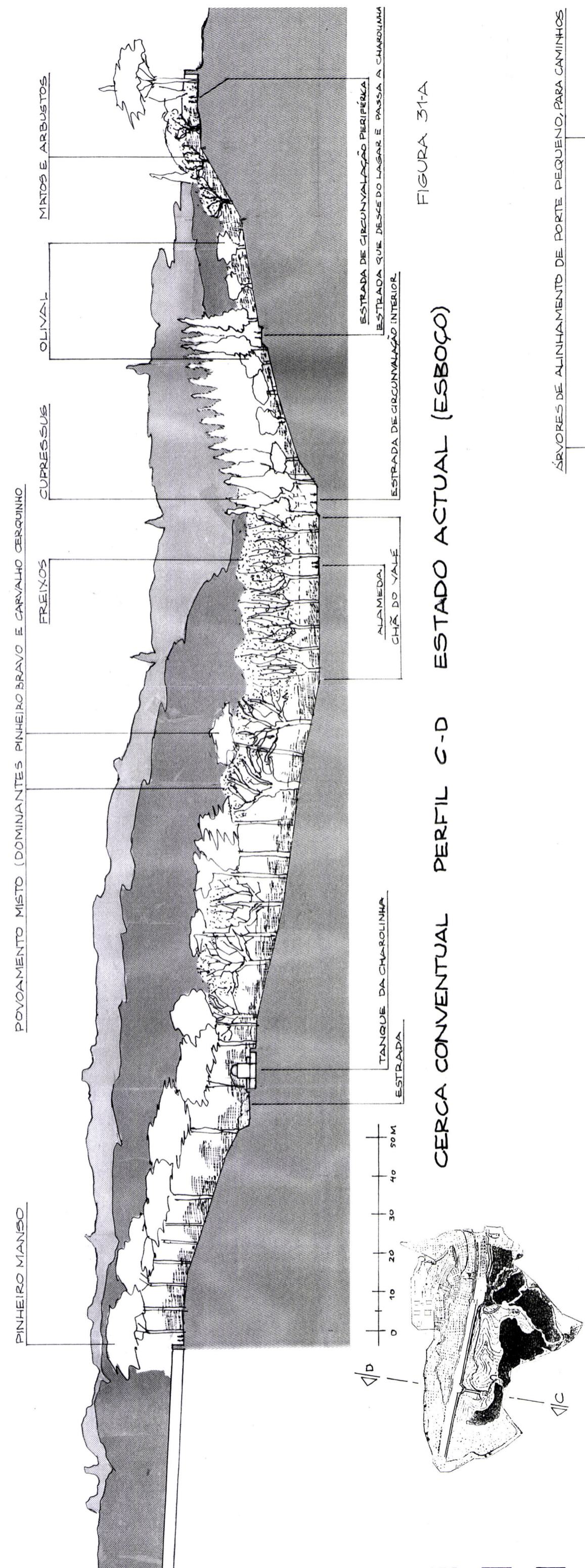


FIGURA 30-B



CERCA CONVENCIONAL PERFIL A-B PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO (ESBOÇO)





Fotografia 69
Um aspecto dos dois "patamares" de lazer, no Vale da Riba Fria.

Fotografia 70
A actual alameda de freixos na chã do vale.





Fotografia 71
Exemplo de vista panorâmica do Convento, por volta de 1980, antes da sua ocultação
pelo crescimento da vegetação.



Fotografia 72A
Aspecto da sapata e da muralha do Castelo. Frente oriental em 1985.

Fotografia 72B
Aspecto do mesmo local em 1987, durante a limpeza de vegetação. Repare-se na recuperação da estrada da Cerca, longeando a sapata.

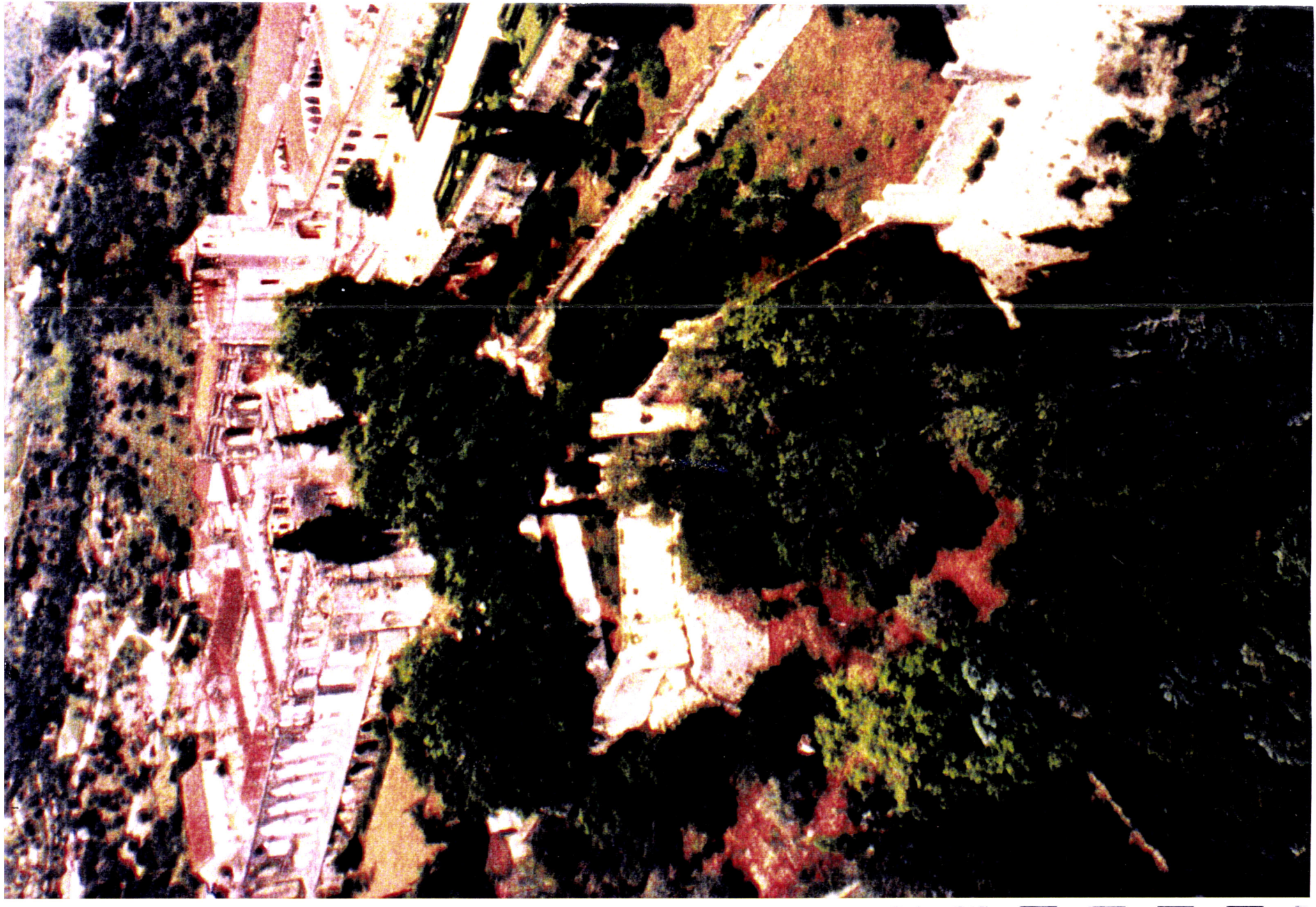
Fotografia 72C
O mesmo local em 1994, registando o novo e rápido avanço da vegetação (por falta de manutenção) submergido novamente a estrada e galgando já a sapata, recuperada em 1989.



Fotografia 73
Pormenor da mura-
lha da Horta dos
Frades degradada
pela vegetação.

Fotografia 74
Pormenor do terreno
em socalcos junto à
Porta de Almedina.





Fotografia 75
Pormenor de vista aérea do Convento de Cristo, Castelo Templário, a partir da Cerca.
Em animação sobre o terreno com o relevo em tons de cinza e o plano de planta em tons de verde.

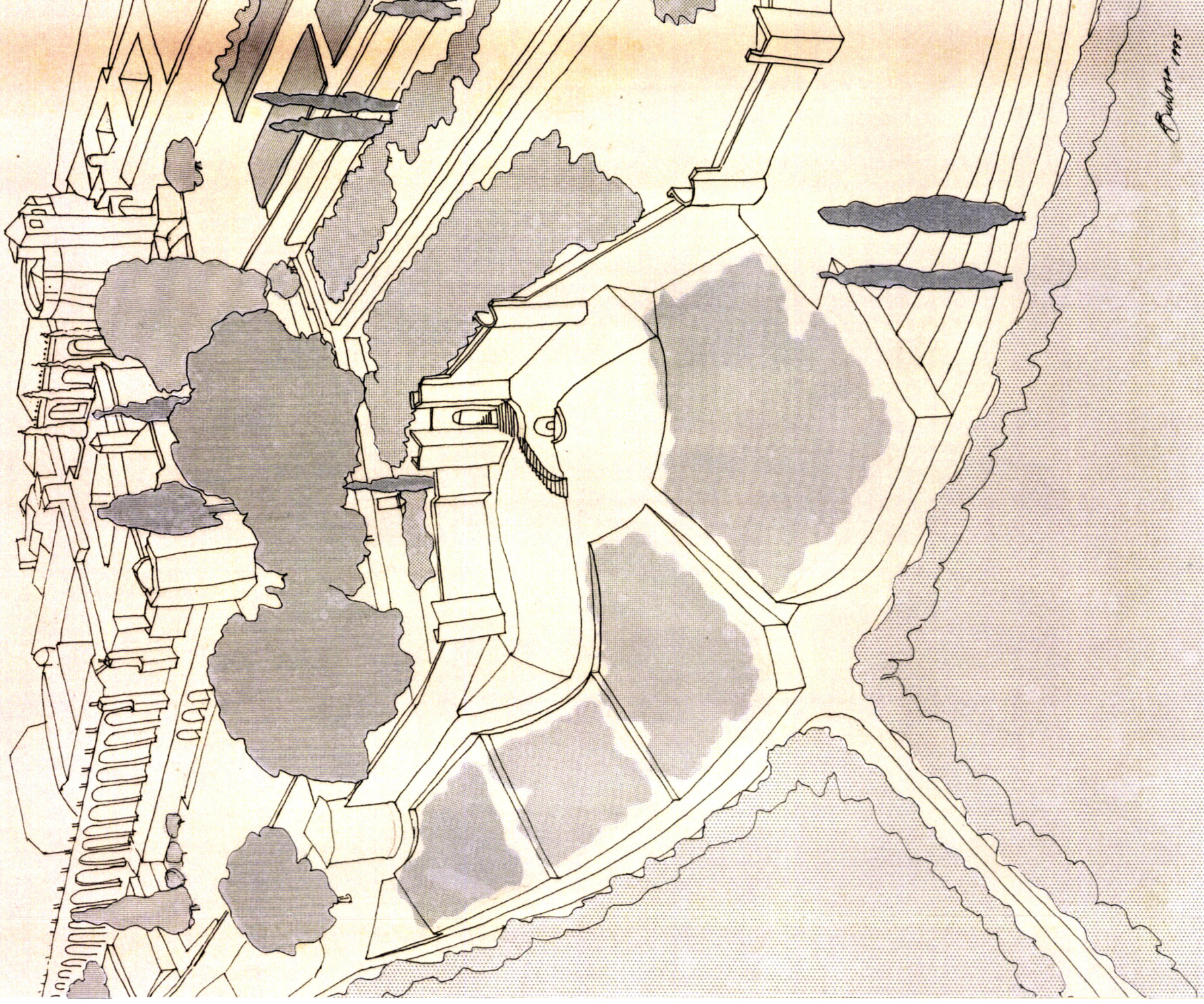


Figura 32
Proposta para o acesso ao Castelo, a partir da Cerca, pela Porta de Almedina.



Fotografia 76
Entre a Cerca e o Convento:
O Pomar do Castelo (á direita) e a Horta dos Frades (á esquerda).
Vista aérea 1995.



Fotografia 77
Ornato renascentista
de um cachorro das
latadas do Pomar do
Castelo.

Fotografia 78
Pedra de lava
"manuelina" reem-
pregue num dos
muros do Pomar





Fotografia 79
Aspecto da Horta dos Frades em 1968. Vista para nascente.



Fotografia 80
Aspecto actual da Horta dos Frades. Vista para poente.

Notas:

- (1) - Amorim Girão, A., Geografia de Portugal, Portucalense Editora, Porto, 1941, págs. 45-52.
- (2) - Telles, Miguel Antunes; Um Mesozoiquiano ou Liássico de Tomar - Considerações sobre a origem dos crocodilos, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos - Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 1967, págs. 11-14.
- (3) - Amorim Girão, A., op. cit., págs. 204-209.
- (4) - Zilhão, José Carlos Teiga, Gruta do Caldeirão, O Neolítico Antigo, I.P.P.A.R., Lisboa, 1992, págs. 95-102..
- (5) - Ponte, M^a. Salette da, A Vida Romana em Tomar, em Actas do VIII^o Encontro de Professores de História da Zona Centro, Tomar, 1993, págs. 23-30.
- (6) - Oliveira, P. Miguel de, Santa Iria, em Lenda e História - Estudos Hagiográficos, União Gráfica, Lisboa, 1964, págs. 20-22.
- (7) - Costa, Frei Bernardo da; História da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo, Lisboa, 1771, págs. 182-186 e 196-199.
- (8) - A. N. T. T, Livro dos Mestrados, da Chancelaria de D. Manuel, a fls. 93 verso e seguintes.
- (9) - Teixeira, Garcês; O Castelo de Tomar, separata dos Anais da União dos Amigos da Ordem de Cristo (UAMOC), Tomar, 1936, pág. 35.
- (10) - A. N. T. T, "Rol dos bens que passaram à Ordem de Cristo - Vicariato de Tomar", Livro II das Escrituras, em Rosa, Alberto de Sousa Amorim, "Anais do Município de Tomar", Volume I, Tomar, 1966, pág. 228.
- (11) - Archivio Secreto do Vaticano. Regentum Lateranense. Cod 367. Idem , Op. cit.
- (12) - A. N. T. T, Tombo das Rendas e Bens do Convento, Idem , Op. cit.
- (13) - Coelho, Maria da Conceição Pires, "A Igreja da Conceição e o Claustro D. João III do Convento de Cristo de Tomar", Junta Distrital de Santarém, 1987, pág. 195.
A autora transcreve a seguinte passagem de um documento da Ordem de Cristo : "D. João III gastava os dias e tempos no Convento e vendo que ia crescendo o número dos religiosos, falou o devoto Rei com o nosso reformador e disse-lhe que queria fazer o Mosteiro e Convento capaz para muitos religiosos e mandou logo buscar arquitectos onde os houvesse. E vindo muitos fizeram muitas traças e a que mais contentou ao Pe. Reformador foi a de João de Castilho que (a) levou ao Católico Rei o qual lhe mandou que corresse com a obra visto lhe parecer bem a traça e que lhe fosse dando conta", A. N. T. T., Ordem de Cristo, B 51-47, fl. 12.
- (14) - A. N. T. T, Tombo das Rendas e Bens do Convento, em Rosa, Amorim, op. cit.
- (15) - Foi consultada para este estudo a reedição da "Lusitânea Transformada", I. N. C. M., 1985, (com introdução e actualização de texto de António Cirurgião)

- (16) - Idem, Livro Primeiro, Prosa Primeira, pg. 27.
- (17) - Ibidem, Livro Primeiro, Prosa Quarta, pg. 61.
- (18) - António Cirurgião, na sua introdução ao estabelecer a “Autobiografia de Fernão Álvares do Oriente”, na Lusitânea Transformada, refere que o autor enquanto protagonista da novela bucólica tem dois nomes: Olívio e Felício. “Olívio enquanto peregrino pelo Oriente, pela África e pelas ilhas do Mar da China, do Oceano Índico e pelo Atlântico; e chama-se Felício a partir do momento em que, em virtude de um rito de iniciação, tão característico de algumas novelas pastoris, mudando de estado, encontra a felicidade e passa a viver a vida de pastor nas margens do Nabão, numa autêntica Arcádia, em companhia de outros pastores” (pgs, XIX e XX da Introdução). Esta ideia de iniciação é extraída das narrativas de Felício, quando, na novela, fala de si; vem reforçar a nossa hipótese sobre o carácter cifrado da Lusitânea Transformada e da relação do seu enredo, com a Ordem de Cristo.
- (19) - Ibidem, Livro Primeiro, pg. 145
- (20) - ANTT, Ordem de Cristo, Convento de Tomar, maço 76.
- (21) - Idem, maço 63.
- (22) - Excerto da nota oficiosa, com o título: “O Convento de Cristo em Tomar, e o arranjo da Quinta dos Sete Montes”, publicada no Diário de Notícias, em 1 de Maio pela Direcção Geral da Fazenda Pública. Com esta notícia, pretendia, aquele organismo da Administração Pública, esclarecer a opinião pública sobre os trabalhos então em curso na Cerca Conventual.
- (23) - Idem.
- (24) - Ibidem.
- (25) - Ibidem
- (26) - Gravura publicada na Revista “O Occidente”, Lisboa, 15/10/1895, nº 605, Vol XVIII, págs. 228-229.
- (27) - Notícia publicada no Semanário “Cidade de Tomar”, em 10/05/1936, contendo a nota oficiosa da Direcção Geral da Fazenda Pública, referido na nota (22), e um comentário à mesma.
- (28) - Idem.
- (29) - Informação, de 13 de Março de 1936 do Architecto Director dos Serviços dos Monumentos Nacionais, (D.G.E.M.N.), informando da natureza dos mesmos, efeitos na paisagem e no monumento, dando parecer desfavorável sobre os mesmos e preconizando, uma “zona de protecção” ao monumento, assinalada em planta que acompanha o parecer; Arquivo da D.G.E.M.N., dossier “Cerca do Convento de Cristo” e “Diversos, obras do Convento”, 1931 - 1955.

- (30) - Rosa, Amorim, em “História de Tomar”, Vol. II, 1965, pág. 115.
- (31) - Notícia publicada no Semanário “Cidade de Tomar”, em 23/10/1938, com o título “Quinta dos Sete Montes”.
- (32) - Idem.
- (33) - Rosa, Amorim, em “História de Tomar”, Vol. II, 1965, pág. 115.
- (34) - A citação da pag. 9 deste estudo, refere já “o cerco da Riba Fria” e “ O cerco das Obras Novas”.
- (35) - A porta foi mandada entaipar por D. Manuel I, conforme é referido no capítulo 3 deste estudo.
- (36) - “Mata dos Sete Montes”. Plano de Ordenamento e Gestão.
Fase I. Caracterização e Diagnóstico.
- Relatório - Arquitectura - Paisagista : Cláudia Taborda, Inês Norton de Matos, João Mateus, João Gomes da Silva.
- Desenho: Diogo Gomes. 1994. - “Instituto Nacional para a Conservação da Natureza” - “Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros”. Entidade a que agradecemos, nos ter facultado o referido relatório e desenhos.
Igualmente agradecemos ao Sr. Arquitecto Paisagista João Mateus, por todas as informações e ensinamentos prestados, sem os quais esta parte do trabalho não teria o rigor científico almejado.
- (37) - Cf. relatório supra referido. As bolsas de mata de Carvalho, ainda que deterioradas pela invasão de outras espécies, são ainda visíveis nos nossos dias.
- (38) - Cf. relatório referido na nota (36).
- (39) - Numa troca de correspondência, entre a Câmara Municipal de Tomar, a D. G. E. M. N. e a Direcção dos Serviços Florestais e Agrícolas, em 1957, era posto em questão um esgoto que, vindo do Convento para a Mata dos Sete Montes, transvazava as “suas emundícies” para uma caleira em céu aberto, na “Fonte dos Jasmins”. Tratava-se da boca de esgoto que descarregava na Mata, os excedentes dos eflúvio sanitários da “Casa das Necessárias”, instalações sanitárias fradescas do século XVI, e que em 1958 eram usadas pelo Seminário das Missões instalado no Convento.
A “cloaca” de descarga das instalações, junto a um contraforte do lado poente do muro de suporte da Horta dos Frades, e verosimilmente os eflúvios, daí seriam encaminhados para uma estação de transformação, do tipo “Nitreira”.
Com todas as transformações da Cerca em Mata de recreio, o percurso dos eflúvios desde a referida cloaca de esgoto até á presumível “Nitreira”, deverá ter sido obliterado. Acontece que a cloaca foi aberta no muro, próximo da fonte que descarrega os excedentes de água da cisterna Conventual do Claustro dos Corvos para a Mata e daí seguia um percurso a céu aberto que levaria a água para o grande tanque quinhentista; é nesse percurso, a jusante, que foi instalada a “Fonte dos Jasmins”, imediatamente antes do aludido tanque. Ora como a montante do dito percurso vizinhava a conduta em céu aberto, dos eflúvios das instalações sanitárias fradescas, e como estes presumivelmente perderam o seu destino por desactivação ou ignorância da “Nitreira”, acontecia que os mesmos acabaram por se misturar com a água, que desde o século XVI, corria da “fonte” do muro da horta para o citado tanque.
São estes os argumentos que nos levam a considerar que a captação da água para a “Fonte dos Jasmins”, e portanto para o tanque que se lhe segue, têm a sua origem na cisterna do Claustro dos Corvos.

- (40) - Cf. relatório referido na nota (36).
- (41) - *Idem*.
- (42) - Araújo, Ilídio. *A Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal: Direção Geral dos Serviços de Urbanização*. Lisboa 1962. - Pág. 81.
- (43) - Numa troca de correspondência interna entre o Arquitecto Director dos Serviços dos Monumentos da D. G. E. M. N. e o Director Geral daquele organismo, datado de 13/07/1938, é referido que os Serviços Florestais fizeram, aquando da limpeza da Charolinha, o “alçamento ao bordo do tanque que a circunda”.
- (44) - Cf. Arquivo da D. G. E. M. N., correspondência entre o Director Geral daquele organismo e a D. G. F. P., de 15/07/1953, onde este solicita áquele, desenho de pormenor para o remate da cúpula da Charolinha. Não conseguimos aforar, no entanto, na documentação compulsada, se o ornato foi colocado ou não, apesar da D. G. E. M. N. haver fornecido o pormenor do mesmo.
- (45) - A. N. T. T, *Tombo das Rendas e Bens do Convento de Cristo*, Documento transcrito neste trabalho, Capítulo 3.
- (46) - Cf. capítulo 1 (1.4).
- (47) - Cf. capítulo 1 (1.4).
- (48) - A Civitas Dei ou Cidade de Deus, era no ideário medieval o lugar arquetipal, celeste, onde Deus mora com os seus anjos e os seus santos.
- (49) - Cf. NORBERG-SCHULZ, Christian, “Genius Loci”, - *Paisage, Ambiance, Architecture*, Bruxelas, 1981. Capítulo 2 - *Le Lieu Naturel*, págs. 23-32..
- (50) - *Idem*, op. cit., pág. 32.
- (51) - Em entrevista, o Arquitecto Paisagista João Mateus fez referência às seguintes espécies mal adaptadas ao lugar da Cerca conventual: Todo o Cupressal, excepto o Cupresso sempervirens; o Pinheiro silvestre (*Pinus Silvestris*); o Espinheiro da Califórnia, (junto à muralha); o *Hailantus Altíssima* (espécie proliferante); a *Piricanta Coccinea* (espécie proliferante). Também referiu por entre as espécies menos bem adaptadas, o Freixo Orno, a Olaia, o Acer Negundo, os Ulmeiros, o Jasmim e a Hera.
- (52) - Referência ao documento de 1327 citado no início do capítulo 3.
- (53) - Segundo uma memória descritiva de 1935 dos trabalhos a realizar pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Tomar, é feita menção da limpeza do referido poço, então designado como cisterna. Arquivo da D.G.E.M.N.
- (54) - Sobre o estado actual da mata, reportar-e ao capítulo 5 (5.2.4). Sobre as espécies mal adaptadas cf. nota (51).
- (55) - Cf. capítulo 5 (5.2.5).

- (56) - Designa-se por parte urbana toda a parte construída do Monumento e inclui-se por facilidade de discurso, as hortas e pomares dentro do Castelo e a Horta dos Frades, frente à fachada sul do Convento e suportada por uma muralha, que de algum modo prolonga a muralha sul do Castelo Templário. Por parte rural designa-se toda a cerca renascentista.
- (57) - Conf. capítulo 7 (7.1).
- (58) - Arquivo da D.G.E.M.N., Julho de 1935. Esta “Memória Descritiva e Justificativa” é acompanhada com Desenhos de Pormenor, dos trabalhos a efectuar, Medições e Orçamentos.
- (59) - Não nos foi possível determinar a data exacta da instalação do campo de futebol, mas uma memória descritiva de 1968, sobre trabalhos na Horta dos Frades, para valorização da fachada sul do Convento, fazem menção da anterior existência do campo de futebol. Esta memória é ilustrada com fotografias do dito campo antes e depois das obras. Arquivo da D.G.E.M.N..
- (60) - Designação primitiva da Ordem dos Cavaleiros de Cristo.
- (61) - Designação primitiva da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

ÍNDICE COMENTADO DAS ESTAMPAS

ESTAMPA

- I Figura 1 - Planta Aerofotogramétrica da região de Tomar;
Escala 1/25 000
- II Figura 2 - Tomar e o Vale do Nabão; Escala 1/25 000.
Elementos geradores da paisagem. O Nabão, o Castelo e Convento de
Cristo e a Cerca conventual.
- III Fotografia 1 - "GENIO MUNICIPI", ara votiva romana, dedicada ao
Espírito do Lugar, que deitada, serve de pedra de embasamento ao
ângulo sul/poente da Torre de Menagem do Castelo de Tomar.
- Fotografia 2 - Estela com ornamentos Visigodos, incrustada na parede
sul da Torre de Menagem do Castelo de Tomar.
- IV Fotografia 3 - Capitel com ornamentação alusiva à caça ao porco
montês. Igreja de S. João Baptista, em Tomar, meados do século XV.
Sobre este tema existe também ornamentação numa mísula da nave
Manuelina do Convento de Cristo.
- V Figuras 3A, 3B e 3C - Tomar, Lugar dos Sete Montes. Perfil longitudinal
do Vale da Riba Fria e frente sul do Castelo Templário e Convento de
Cristo (esboço). Evolução da paisagem, dos finais do século XII aos
finais do século XVI.
- Figura 3A - O Castelo Templário por volta de 1190.
- Figura 3B - O Castelo Templário, sede da Ordem de Cristo, por volta
de 1510
- Figura 3C - O Castelo Templário e o Convento de Cristo, após a re
forma de D. João III, entre 1529 e 1590.
- VI Figura 4 - A Vila Henriquina vista do Castelo, Gravura da Revista "O
Ocidente", Lisboa ,1885, pág. 229, segundo uma fotografia de Silva
Magalhães.
- VII Figura 5 - Tomar, o Lugar dos Sete Montes. Castelo Templário e
Convento da Ordem de Cristo com a sua Cerca Conventual; segundo
planta da Direcção Geral de Florestas.
- VIII Figura 6 - Vista da frente sul do Castelo Templário e Convento de
Cristo a partir da Cerca Conventual. Revista "O Ocidente", Lisboa,
189, págs. 228-229.
- IX Figura 7 - Planta do Convento de Cristo com os domínios rústico e
urbano do Conde de Tomar, (cerca de 1837).
- X Fotografia 4 - O flanco sul da Muralha do Castelo de Tomar.
(Ampliação fotográfica), Teixeira, Garcês, "O Castelo dos
Templários", Comissão de Iniciativa e Turismo de Tomar, Tomar, 1936,
pág. 10.
- XI Figura 8 - Planta da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais, (D. G. E. M. N.), de 1936.
Esta planta acompanhava um parecer da D. G. E. M. N., onde estipula,
então, uma zona de protecção para o monumento, face à intervenção
da Brigada Agrícola de Tomar, e aponta o local onde os trabalhos da
brigada mais prejudicaram o monumento e a paisagem envolvente.

- XII Fotografia 5 - Pedra com ornato Manuelino, encontrada no muro de suporte de terras, na estrada que sobe a encosta sul do Convento, desde a entrada da Cerca (a nascente) e até à Torre dita da Condessa (a poente).
- Fotografia 6 - Pedra com ornato Renascentista recuperada para trabalho de alvenaria, durante a construção do próprio Convento de Cristo, na época de D. João III - casa de passagem do 1º andar do Claustro da Hospedaria para o Claustro da Micha.
- XIII Fotografia 10 - Vista aérea de Tomar por volta de 1934. (Arq. do Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar). Nota-se a paisagem primitiva da Cerca Conventual, com os seus usos agrícolas tradicionais: Mata, Olivais e as hortas do Vale da Riba Fria.
- XIV Figura 9 - Planta actual do Convento e da Cerca, com o desenho do “Jardim Municipal”, terraços de lazer e novos caminhos abertos aquando da sua transformação em “Parque Municipal”. Arq. da Direcção Geral de Florestas.
- XV Fotografia 11 - Tanque da “Cadeira de El-Rei”. Implantado no ponto mais alto da extrema sul/poente da Cerca, próximo do aqueduto Filipino, este tanque recebia daquele, por uma conduta subterrânea, as águas vindas da zona dos Brazões.
- XVI Fotografia 12 - O Vale da Riba Fria, visto da entrada da Cerca, junto à Vila Henriquina, quando foram demolidas as casas que encostavam ao muro da Cerca e fechavam esta ao espaço citadino. À direita, pode observar-se o muro, hoje desaparecido, o qual longeando a estrada principal da Cerca, pelo lado Norte do Vale, separaria a “Quinta da Riba Fria” da restante propriedade rústica do Convento. Arq. da D. G. E. M. N., cerca de 1940
- XVII Fotografias 13 e 13A - Aspectos do olival histórico, na encosta Sul do Castelo, submergido pelas coníferas da florestação de 1938/40.
- XVIII Fotografia 14 - A Cerca, por volta de 1945 (Jardim Municipal e Mata Nacional dos Sete Montes). em “Boletim da Província do Ribatejo, Junta Distrital de Santarém, ,(Foto da Base Aérea Nº 3, Tancos), pág. 154.
- XIX Figura 10 - Planta conjectural do coberto vegetal da Cerca renascentista
- XX Fotografias 15 e 15A - Dois aspectos da antiga mata de Carvalhal da Cerca.
- XXI Figura 11 - Planta da rede de água da Cerca renascentista
- XXII Fotografia 16 - Aspecto do túnel que desviava a água do poço do Castelo para a Cerca Conventual.
- Fotografia 17 - Aspecto da boca do túnel acima referido, por baixo da porta de Almedina.
- Fotografia 18 - Aspecto do Grande Tanque quinhentista.
- XXIII Fotografia 19 - O tanque da Charolinha por volta de 1934, Arq. da D.G.E.M.N..
- Fotografia 20 - O mesmo lugar, em 1995.
- XXIV Fotografias 21 e 22 - Aspectos da antiga fonte, hoje entaipada, que provinha da cisterna de um Claustro do Convento, muralha de suporte da Horta dos Frades.

- XXV Aspectos do lugar da Cadeira de El-Rei.
- Fotografia 23 - O Tanque seiscentista e a entrada do túnel, ramal de desvio da água do aqueduto para a Cerca.
- Fotografia 24 - O Tanque seiscentista e a sua Mãe-d`água.
- XXVI Figura 12 - Planta do traçado de caminhos da Cerca renascentista.
- XXVII Fotografia 25 - Um trecho da estrada principal da Cerca, subindo o Vale da Riba Fria.
- Fotografia 26 - Um trecho da mesma estrada, descendo para o Vale da Riba Fria, depois de atingir o Tanque da Charolinha.
- XXVIII Fotografia 27 - Um trecho do grande caminho de circunvalação; junto ao acesso ao Convento pela Torre da Condessa.
- Fotografia 28 - Idem, junto ao lagar da Cerca. Note-se que o lagar foi construído aproveitando a arcaria do aqueduto.
- XXIX Fotografia 29 - Um trecho do aqueduto inserido na Mata.
- Fotografia 30 - Pormenor da passagem do aqueduto a conduta subterrânea
- XXX Fotografias 31 e 32 - Dois aspectos exteriores do muro da cerca conventual.
- XXXI Fotografia 33 - O Convento de Cristo e a Mata da cerca conventual em 1992 e o território envolvente. Escala aproximada 1/10.000. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, Lisboa.
- XXXII Figura 13 - Levantamento do coberto vegetal em 1938, pelos Arquitectos Paisagistas, Cláudia Taborda, Inês N. Matos, João Mateus e João G. da Silva, segundo fotografia aérea 1944, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- XXXIII Figura 14 - Levantamento do coberto vegetal em 1958, pelos mesmos autores, para o organismo em referência.
- XXXIV Fotografia 34 - Entrada da actual Mata dos Sete Montes (Cerca do Convento de Cristo).
- XXXV Fotografia 35 - A “Fonte dos Jasmins”, estado actual.
- Fotografia 36 - A “Fonte da Gruta”, estado actual.
- XXXVI Fotografia 37 - A Mata dos Sete Montes e o Convento em 1958. Escala aproximada 1/3 000. Instituto Português de Cartografia e Cadastro. Lisboa.
- XXXVII Figura 15 - Levantamento do coberto vegetal em 1968. Pelos mesmos autores e para o organismo referido na figura 13.
- XXXVIII Fotografia 38 - Vale da Riba Fria. “Zona de Lazer”. A cortina de Ciprestes do patamar intermédio.
- XXXIX Fotografia 39 - Aspecto do “Parque de Merendas”, na Mata dos Sete Montes.
- XL Figura 16 - Levantamento do coberto vegetal em 1994, pelos mesmos autores e para o organismo referido na figura 13.

- XLI Figuras 17 e 17B - Perfis longitudinais do Vale da Riba Fria. Pelos mesmos autores e para o organismo referido na figura 13.
- XLII Figuras 18A, 18B e 18C - Perfis transversais da Mata dos Sete Montes. Pelos mesmos autores e para o organismo referido na figura 13.
- XLIII Fotografia 40 - Castelo Templário. Pormenor da intervenção de restauro de um trecho da muralha, pelo Conde de Tomar, nos finais do século XIX.
 Fotografia 41 - Pormenor da terra e do mato sobre o alambuarte da muralha; 1987.
- XLIV Fotografia 42 - A Mata dos Sete Montes e o Convento em 1992. Note-se o recente restauro do alambuarte da muralha e compare-se com a fotografia do mesmo lugar em 1958, (Fotografia 37). Escala aproximada 1/3 000. Instituto Português de Cartografia e Cadastro, Lisboa.
- XLV Fotografias 43 e 43A - Mata dos Sete Montes. Pormenor; parcela do aqueduto parcialmente oculto e invadido pela vegetação.
- XLVI Fotografia 44 - Mata dos Sete Montes. Pormenor da entrada da mina que abastece o tanque da Charolinha.
 Fotografia 45 - Mina do tanque da Charolinha; pormenor da encanação da água.
- XLVII Fotografia 46 - Charolinha (interior), pormenor do que resta da pia de água.
 Fotografia 47 - Pia de água, interior da Ermida da Imaculada Conceição.
- XLVIII Fotografia 48 - Charolinha (exterior); pormenor de pilastra.
 Fotografia 49 - Pormenor da pilastra do Claustro Principal do Convento de Cristo (Diogo de Torralva).
- XLIX Fotografia 50 - Tanque da Cadeira d'El Rei. Pormenor do muro de resguardo de terras, ameaçando ruir.
 Fotografia 51 - Mãe-d'água do tanque da Cadeira d'El Rei.
- L Fotografia 52 - Mata dos Sete Montes. O pequeno tanque quinhentista no patamar intermédio do vale da Riba Fria.
 Fotografia 53 - Mata dos Sete Montes. O Jardim Formal.
- LI Fotografia 54 - Pormenor da cavidade da "Fonte da Gruta".
 Fotografia 55 - Patamar da "Fonte da Gruta". Aspecto geral.
- LII Fotografia 56 - Pormenor da parede e tanque da "Fonte dos Jasmins".
 Fotografia 57 - Pormenor da pérgula da "Fonte dos Jasmins".
- LIII Fotografias 58, 59 e 60 - Aspecto dos interiores do Lagar da Cerca.
- LIV Fotografia 61 - Pormenor da degradação e ruína de um trecho do muro da Cerca.

- LIV Figuras 19 e 19A - A Igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém; perspectiva e planta segundo Conan. em “La Signification dans l’Architecture Occidentale”, Norberg- Schulz, Christian, Bruxelas, 1977, pág. 125.
- Fotografia 62 - A Capela templária do Convento de Cristo, vista do arco que a articula com a nave manuelina.
- LVI Figura 20 - Planta com a actual zona de protecção ao Convento de Cristo e Castelo Templário.
- LVII Figura 21 - Planta com uma proposta de zona protegida para todo o Lugar dos Sete Montes (Cerca de Clausura, Convento de Cristo e Castelo Templário).
- LVIII Fotografias 63, 64, 65 - Vários exemplos de degradação da paisagem conventual pela proximidade de construções e até um depósito de sucata.
- LIX Fotomontagens 66, 67, 68 - Propostas para obviar as situações demonstradas nas fotos 64, 65, 66, através de uma “Cortina” de verde.
- LX Figura 22 - Cerca conventual. Planta. Levantamento do Olival. (Segundo fotografia aérea de 1958; ESTAMPA XXXVI).
- LXI Figura 23 - Cerca conventual. Planta. Levantamento da Mata de Carvalhal. (Segundo fotografia área de 1958; ESTAMPA XXXVI).
- LXII Figura 24 - Cerca conventual. Planta. Levantamento do Vale da Riba Fria. (Segundo fotografia área de 1992; ESTAMPA XLIV).
- LXIII Figura 25 - Castelo Templário e Convento de Cristo. Áreas de transição paisagística com a cerca conventual. (Pomar do Castelo, Horta dos Frades, Jardim do Castelo e terrenos anexos).
- LXIV Figura 26 - Cerca conventual. Planta. Proposta para a recuperação dos elementos da paisagem histórica.
- LXV Figura 27 - Cerca conventual. Proposta de recuperação paisagística (Cerca / Mata moderna). Planta de princípio. Aspectos Gerais. (“Cerca Histórica”, Mata moderna, Pomar do Castelo e Horta dos Frades).
- LXVI Figura 28 - Cerca conventual. Planta. Levantamento da rede de água existente, pelos Arquitectos Paisagistas, Cláudia Taborda, Inês N. Matos, João Mateus e João G. da Silva. Estudo já citado, realizado por esta equipa, em 1994 para o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- LXVII Figura 29 - Cerca conventual. Planta. Proposta para a recuperação da rede de água tradicional.
- LXVIII Figura 30A - Cerca conventual. Perfil A-B (Corte parcial). Esboço do estado actual da Vegetação.
- Figura 30B - Idem. Perfil A-B. Esboço da proposta de recuperação do Olival. (extremo norte-nascente da Cerca).
- LXIX Figura 31A - Cerca conventual. Perfil C-D. Esboço do estado actual da Vegetação.
- Figura 31B - Idem. Perfil C-D. Esboço da proposta de recuperação. (Mata, Vale da Riba Fria, Olival).

- LXX Fotografia 96
Aspecto dos dois terraços de lazer do Vale da Riba Fria.
- Fotografia 70
Aspecto da alameda de freixos da chã do Vale.
- LXXI Fotografia 71
Exemplo de vista panorâmica sobre o Convento de Cristo, a partir da estrada periférica da Cerca, em 1980.
Hoje esta vista é oculta pelo crescimento da Mata.
- LXXII Fotografia 72A
Aspecto da sapata e da muralha do Castelo (Frente oriental), em 1985, antes da limpeza da vegetação que infestava esta parte do Monumento.
- Fotografia 72B
Aspecto do mesmo local durante a operação de limpeza de vegetação, em 1987/89. Repare-se na recuperação da estrada da Cerca, longeando a base da sapata do Castelo.
- Fotografia 72C
O mesmo local actualmente (1994) registando o novo e rápido avanço da vegetação (por falta de manutenção), submergindo de novo a estrada da Cerca e "avançando" sobre a sapata restaurada em 1989.
- LXXIII Fotografia 73
Pormenor da muralha da Horta dos Frades degradada pela vegetação.
- Fotografia 74
Pormenor do terreno em socacos, junto à Porta de Almedina.
- LXXIV Fotografia 75
Pormenor de vista aérea do Convento de Cristo, Castelo Templário e terreno da Cerca junto à Porta de Almedina.
- Figura 32
Proposta de acesso da Cerca para o Castelo, pela porta de Almedina. Esboço feito a partir da fotografia 75.
- LXXV Fotografia 76
Entre a Cerca e o Convento: o Pomar do Castelo (à direita) e a Horta dos Frades (à esquerda) . Vista aérea 1995.
- LXXVI Fotografia 77
Ornato Renascentista das latadas do Pomar do Castelo.
- Fotografia 78
Pedra de lavra "manuelina" reempregue num dos muros do Pomar.
- LXXVII Fotografia 79
Aspecto da Horta dos Frades, em 1968, quando ainda era usada como campo de futebol do Seminário das Missões. Arquivo da D. G. E. M. N..
- Fotografia 80
Aspecto actual da Horta dos Frades.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Ilídio Alves de, "Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal", Centro de Estudos de Urbanismo, Lisboa, 1962.
- Bourin, Jeanne "La Rose et la Mandragore, - Plantes et Jardins Medievaux", Editions François Bourin, 1990.
- Cabral, Francisco Caldeira "A Árvore. O seu valor na paisagem urbana e rural", Centro de Estudos de Urbanismo, Lisboa, 1960.
- Castelo Branco, Manuel da Silva, "Inéditos da Crónica da Ordem de Cristo", Edição da Assembleia Distrital de Santarém, 1980.
- Coelho, Maria da Conceição Pires, "A Igreja da Conceição e o Claustro de D. João III no Convento de Cristo em Tomar", Edição da Assembleia Distrital de Santarém, 1987.
- Costa, Frei Bernardo da, "História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo", (segundo tomo, da segunda parte), 1770. Códice 501 da Coleção Pombalina da B. N. L., Edição Fac-similada por Sol - Invictus - Atelier, Ericeira, 1988.
- Costa, Frei Bernardo da, "História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo", (Primeira parte), oficina de Pedro Ginioux, Coimbra, 1771.
- Dajoz, Roger, "Precis d`Ecologie", Editions Dunod, Paris, 1971.
- Girão, Amorim, "Geografia de Portugal", Portucalense Editora, Porto, 1941.
- Norberg-Schulz, Christian, "Genius Loci, Paysage, Ambiance et Architecture", Pierre Mardaga Editeur, Bruxelas, 1981.
- Norberg-Schulz, Christian, "La signification dans L`Architecture Occidentale", Pierre Mardaga Editeur, Bruxelas, 1977.
- Oriente, Fernão Álvares do, "Lusitânea Transformada", (1ª Edição, 1607), Edição actualizada por António Cirurgião; Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1985.
- Peigné - Delacourt, M., "Monasticon Gallicanum", Victor Palmé, Editeur. Paris 1871. Edição fac-simile "Les Humanités du XX siècle", Paris, 1983.
- Ribeiro Telles, Gonçalo, cf. Cabral, Francisco Caldeira.
- Rosa, Alberto de Sousa Amorim, "História de Tomar", Volume I, Gabinete de Estudos Tomarenses, Tomar, 1965. Volume II, Assembleia Distrital de Santarém, 1982.
- Rosa, Alberto de Sousa Amorim, "Anais do Município de Tomar", (de 1137 a 1925), Edição da Câmara Municipal de Tomar (8 Volumes), 1966 - 1974.

